



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

GISELLE MONTEIRO SILVEIRA

**ENTRE DESFIADOS E NÓS: O SABER POPULAR NO CONTEXTO DA RENDA
LABIRINTO NA COMUNIDADE DE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE**

FORTALEZA

2018

GISELLE MONTEIRO SILVEIRA

**ENTRE DESFIADOS E NÓS: O SABER POPULAR NO CONTEXTO DA RENDA
LABIRINTO NA COMUNIDADE DE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Movimento Sociais, Educação Popular e Escola.

Orientador: Prof. PhD José Ribamar Furtado de Souza

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S588e Silveira, Giselle Monteiro.

Entre desafiados e nós : o Saber Popular no contexto da Renda Labirinto na Comunidade de Paripueira, Beberibe-CE / Giselle Monteiro Silveira. – 2018.

125 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. José Ribamar Furtado de Souza.

1. Artesanato. 2. Saber Popular. 3. Renda Labirinto. I. Título.

CDD 370

GISELLE MONTEIRO SILVEIRA

**ENTRE DESFIADOS E NÓS: O SABER POPULAR NO CONTEXTO DA RENDA
LABIRINTO NA COMUNIDADE DE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Movimento Sociais, Educação Popular e Escola.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. PhD José Ribamar Furtado de Souza (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª Drª Angela Maria Bessa Linhares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª PhD Sandra Maria Gadelha de Carvalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Este trabalho é dedicado a duas pessoas por quem sempre nutri amor, admiração e respeito: minhas avós, Maria José Fernandes e Maria de Saete Oliveira Silveira. Duas mulheres que, apesar de todo sofrimento, nunca se deixaram esmorecer pelas tempestades da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, diante de todas as dificuldades superadas no decorrer do mestrado.

À minha mãe, Josélia, pela torcida, dedicação, amor e por nunca me deixar perder a fé.

Ao meu pai, Salésio, por me emprestar sua medalhinha durante os momentos de sufoco.

Aos meus irmãos, Liésia e Salésio Júnior, por todo apoio e ajuda.

Ao meu amado Dálber, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis, pelo carinho, amor, respeito e paciência.

Ao meu orientador, Prof. José Ribamar Furtado de Souza, pela amizade, ajuda incontestável, generosidade, humildade e, acima de tudo, paciência comigo.

Às professoras Ângela Linhares e Sandra Gadelha, pelas valiosíssimas contribuições.

À professora Eliane Dayse, por me apresentar a Pedagogia do Oprimido.

Aos colegas de mestrado que estiveram presentes durante este trajeto, em especial Fátima, Getuliana, Falcão e Benedito, que me ajudaram muito.

Às minhas amigas da Escola de Ballet da UFC, Danyelle Aragão e Aline Xavier, pela amizade e carinho, pelas contribuições literárias e apoio nos momentos difíceis.

À minha tia, Níria, pela articulação feita com as labirinteiras e pela companhia em algumas visitas.

Às mulheres labirinteiras, o meu muito obrigada, pela acolhida e por compartilharem um pouco de suas histórias, contribuindo, assim, para que este trabalho se concretizasse.

“Eu me joguei num labirinto, deixei de lado o que sinto. Tão cego que ficava impossível ir além do raso. Eu me afoguei num mar de rosas, me enganei em verso e prosa. Tão certo que já tava perto, me afastei, perdido.” (Jay Vaquer)

RESUMO

O artesanato é uma atividade desenvolvida por todos os povos e é identificado não só por suas características peculiares ou pelas técnicas aplicadas, mas, também, por qualidades próprias de cada região e cultura onde é desenvolvido. Para Dias (2003) o artesanato se fundamenta na vivência e na transmissão dos ensinamentos de geração para geração através das tradições familiares. A presente pesquisa é um estudo sobre o artesanato Renda Labirinto desenvolvido fortemente durante muitos anos em Paripueira, distrito de Beberibe, município do Litoral Leste do Ceará, e busca responder ao seguinte questionamento: Qual a relação entre o Saber Popular e a produção da Renda Labirinto na comunidade de Paripueira, Beberibe-CE? Participaram da pesquisa mulheres labirinteiras que ainda confeccionam labirinto. Para a efetivação da pesquisa recorreu-se a entrevistas semiestruturadas e visitas domiciliares. Como metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa, do tipo descritiva e explicativa, trabalhando na perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando como técnica de pesquisa o estudo de caso. A investigação considerou como categorias conceituais o Saber Popular e o Artesanato, e como categorias de análise o Saber Popular, Valor Social e Comercial da Renda Labirinto e Organização Comunitária. Para a elaboração do referencial teórico foram utilizados alguns estudos de Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gohn, Emanuely da Silva, Nestor Canclini, Surnai Aranda, dentre outros. Como produção científica é esperado que a pesquisa traga benefícios tanto para outros pesquisadores da área quanto para a própria comunidade. Além disso, é interessante demonstrar como a academia pode cooperar com o resgate da cultura do labirinto em resposta não somente à comunidade, mas, também, aos que se interessam pelo artesanato de um modo geral. Por último, espera-se devolver à comunidade um registro de parte de sua identidade.

Palavras-chave: Artesanato. Saber Popular. Renda Labirinto.

RESUMEN

La artesanía es una actividad desarrollada por todos los pueblos y se identifica no sólo por sus características peculiares o por las técnicas aplicadas, pero también por las cualidades propias de cada región y cultura donde se desarrolla. Para Días (2003) la artesanía se fundamenta en la vivencia y en la transmisión de las enseñanzas de generación a generación a través de las tradiciones familiares. La presente investigación es un estudio sobre la artesanía Renta Laberinto desarrollado fuertemente durante muchos años en Paripueira, distrito de Beberibe, municipio del Litoral Este de Ceará, y busca responder al siguiente cuestionamiento: ¿Cuál es la relación entre el Saber Popular y la producción de la Renta Laberinto en la comunidad de Paripueira, Beberibe-CE? Participaron de la investigación mujeres que aún confeccionan laberinto. Para la efectividad de la investigación se recurrió a entrevistas semiestructuradas y visitas domiciliarias. Como metodología, se optó por la investigación cualitativa, del tipo descriptivo y explicativo, trabajando en la perspectiva del materialismo histórico dialéctico, utilizando como técnica de investigación el estudio de caso. La investigación consideró como categorías conceptuales el Saber Popular y la Artesanía, y como categorías de análisis el Saber Popular, el Valor Social y Comercial de la Renta Laberinto y la Organización Comunitaria. Para la elaboración del referencial teórico se utilizaron algunos estudios de Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, José Carlos Libneo, Moacir Gadotti, María de la Gloria Gohn, Emanuely da Silva, Nestor Canclini, Surnai Aranda, entre otros. Como producción científica se espera que la investigación traiga beneficios tanto para otros investigadores del área como para la propia comunidad. Además, es interesante demostrar cómo la academia puede cooperar con el rescate de la cultura del laberinto en respuesta no sólo a la comunidad, sino también a los que se interesan por la artesanía de un modo general. Por último, se espera devolver a la comunidad un registro de parte de su identidad.

Palabras clave: Artesanía. Saber Popular. Renta Laberinto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------|---|----|
| Figura 1 | - Mapa do Ceará com Beberibe em destaque..... | 43 |
| Figura 2 | - Limites municipais e distritais – região de planejamento Litoral Leste..... | 44 |
| Figura 3 | - Igreja de Nossa Senhora da Penha – Paripueira..... | 47 |
| Figura 4 | - Interior da igreja de Nossa Senhora da Penha..... | 48 |
| Figura 5 | - Indumentária dos sacerdotes com detalhes de Renda Labirinto.. | 49 |
| Figura 6 | - Imagem de Paripueira via satélite..... | 50 |
| Figura 7 | - Lagoa do Córrego do Sal – um dos pontos turísticos de Paripueira..... | 51 |
| Figura 8 | - Alto das dunas – Praia do Paraíso..... | 52 |
| Figura 9 | - Barra de toalha de mesa feita com labirinto..... | 69 |
| Figura 10 | - Etapa de produção do labirinto – “riscado”..... | 74 |
| Figura 11 | - Modelo de desenho de labirinto..... | 74 |
| Figura 12 | - Etapa de produção do labirinto – instrumento de corte..... | 75 |
| Figura 13 | - Etapa de produção do labirinto – corte..... | 75 |
| Figura 14 | - Etapa de produção do labirinto – desfiado..... | 76 |
| Figura 15 | - Etapa de produção do labirinto – enchido..... | 77 |
| Figura 16 | - Etapa de produção do labirinto – torcido..... | 77 |
| Figura 17 | - Etapa de produção do labirinto – paletão..... | 78 |
| Figura 18 | - Etapa de produção do labirinto – paletão em evidência..... | 78 |
| Figura 19 | - Representação do ponto caseado..... | 79 |
| Figura 20 | - Etapa de produção do labirinto – caseado..... | 79 |
| Figura 21 | - Etapa de produção do labirinto – estirado..... | 80 |
| Figura 22 | - Etapa de produção do labirinto – acabamento..... | 81 |
| Figura 23 | - Peça pronta para a comercialização.....; | 81 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|--|----|
| Tabela 1 | - Identificação das labirinteiras..... | 25 |
| Tabela 2 | - Categoria Saber Popular (Como aprendi)..... | 28 |
| Tabela 3 | - Categoria Saber Popular (Como faço)..... | 29 |
| Tabela 4 | - Categoria Saber Popular (Como ensinei)..... | 30 |
| Tabela 5 | - Categoria Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto..... | 31 |
| Tabela 6 | - Categoria Organização Comunitária..... | 35 |
| Tabela 7 | - Temática Relações de Gênero..... | 37 |
| Tabela 8 | - Temática Educação..... | 37 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-----------|--|----|
| Gráfico 1 | - Esquema da categoria Saber Popular..... | 39 |
| Gráfico 2 | - Esquema da categoria Valor Social e Comercial..... | 40 |
| Gráfico 3 | - Esquema da categoria Organização Comunitária..... | 40 |
| Gráfico 4 | - Esquema das temáticas menos citadas..... | 41 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| CEART | - Central de Artesanato do Ceará |
| CRAS | - Centro de Referência de Assistência Social |
| EMCETUR | - Centro de Turismo do Ceará |
| IBGE | - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| ICMBio | - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade |
| ICV | - Instituto Centro de Vida |
| INTESOL | - Incubadora Tecnológica de Economia Solidária |
| IPECE | - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará |
| PIB | - Produto Interno Bruto |
| SEBRAE | - Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| TCLE | - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UECE | - Universidade Estadual do Ceará |
| UFC | - Universidade Federal do Ceará |
| UNILAB | - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | PERCORRENDO OS FIOS DO LABIRINTO: OS CAMINHOS PARA OS ACHADOS..... | 20 |
| 2.1 | Cadê a renda que estava aqui?..... | 20 |
| 2.2 | O método, a técnica e os procedimentos da pesquisa..... | 23 |
| 2.3 | Dialogando com as labirinteiras: as falas das participantes..... | 28 |
| 2.3.1 | <i>Esquemas das frequências das ideias centrais contidas nas falas</i> | 38 |
| 3 | VAMOS CONHECER PARIPUEIRA?..... | 42 |
| 3.1 | Descobrimo Beberibe..... | 42 |
| 3.2 | Paripueira Cearense: uma terra entre águas..... | 46 |
| 4 | ARTESANATO E SABER POPULAR..... | 53 |
| 4.1 | Contextualizando o artesanato..... | 53 |
| 4.2 | Educação e Saber Popular..... | 59 |
| 4.2.1 | <i>Saber Popular: conhecimento a partir das práticas cotidianas</i> | 63 |
| 5 | RENDA LABIRINTO E SABER POPULAR: QUANDO O ARTESANATO É UMA VIDA EM COMUM..... | 68 |
| 5.1 | Aprendendo labirinto: transmissão geracional..... | 69 |
| 5.2 | Fazendo labirinto: um ofício à beira-mar..... | 73 |
| 5.3 | Ensinando labirinto: transformações na transmissão geracional..... | 82 |
| 6 | APRENDENDO COM A PRODUÇÃO DA RENDA LABIRINTO..... | 86 |
| 6.1 | Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto..... | 86 |
| 6.2 | Organização Comunitária..... | 92 |
| 7 | RELAÇÃO ENTRE O SABER POPULAR E A PRODUÇÃO DA RENDA LABIRINTO NA COMUNIDADE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE: CONCLUINDO A PESQUISA..... | 96 |
| | REFERÊNCIAS..... | 101 |
| | APÊNDICES..... | 108 |

1 INTRODUÇÃO

Escolher algo para se investigar não é uma tarefa fácil, por isso, decidir sobre meu objeto de estudo foi um misto de sentimentos porque, de início, existia apenas uma certeza: eu queria pesquisar o artesanato.

Para mim, falar sobre artesanato sempre foi muito inspirador, porém, por se tratar de um assunto bastante amplo, foi preciso definir que tipo de atividade artesanal poderia ser estudado. Mas antes de falar sobre o objeto de estudo da referida pesquisa e o motivo para a minha escolha, é preciso que fique explicitado como nasceu o meu apreço pelas atividades artesanais.

Durante minha infância convivi com pessoas que realizavam diferentes tipos de trabalhos manuais, como minha bisavó paterna que pintava telas em óleo, minhas avós que eram costureiras e faziam artesanato como bonecas de pano, bordados ou renda, além de tios desenhistas. Com meus pais, todavia, não houve essa convivência e por isso, embora apreciasse alguns artesanatos, não havia despertado qualquer interesse em aprender a fazer.

Em 2010, recém-graduada em Economia Doméstica pela Universidade Federal do Ceará (UFC) me vi em um dilema muito comum para a maioria dos recém-formados: eu havia concluído uma formação superior, porém estava fora do mercado de trabalho. Fiquei desempregada durante muito tempo após o término do curso até o dia em que, auxiliada por uma pessoa da família, descobri uma habilidade que eu não sabia que possuía. A partir daí deu-se início a minha trajetória com o artesanato e foi através da venda de chaveirinhos em feltro¹ que me mantive durante algum tempo.

Em 2014, cursando Especialização em Educação Ambiental na Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizei uma pesquisa sobre as contribuições do artesanato para a geração de trabalho e renda e para a minimização de impactos ambientais provocados por resíduos têxteis. Nesse período, os sujeitos de pesquisa foram as artesãs da Rede Produtiva de Arte, Cultura e Agricultura Familiar da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária (INTESOL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Por isso, a proximidade com o artesanato só aumentou e, daquele

¹ Feltro é um material industrial considerado um *não-tecido* por ser produzido a partir da prensa de pequenas fibras têxteis.

momento em diante, com as mais diferentes maneiras de se fazer arte. Durante o tempo de convivência com as artesãs da incubadora tive a oportunidade de aprender muito e, aliás, considero como uma troca de experiências deveras rica.

Para o mestrado tive dúvidas sobre qual tipo de artesanato eu poderia ou deveria investigar. Então, foi a partir de uma viagem feita ao litoral para visitar minha avó materna na cidade em que mora que surgiu a ideia que eu buscava, pois foi durante uma tarde, sentada em frente à sua casa, que olhei ao meu redor e percebi que as mulheres que eu costumava observar trabalhando nas calçadas das casas ou no patamar da igreja haviam sumido. A partir daquele momento encontrei uma oportunidade de pesquisar algo que eu julgava interessante. Mas para compreender como tomei uma decisão sobre o que pesquisar, é preciso contextualizar um pouco sobre a antiga rotina da localidade.

Quando criança eu costumava passar as férias escolares na casa da minha avó, no Distrito de Paripueira, município de Beberibe-CE, localizado a 117 km da capital Fortaleza. Lembro que aos fins de tarde muitas mulheres, incluindo minha avó, e até mesmo algumas jovens e meninas, costumavam sentar sobre almofadas nas calçadas de casa, armavam uma grade de madeira, de mais ou menos 1,20m (os tamanhos variavam muito) e começavam a trabalhar numa espécie de bordado. Eram as labirinteadoras fazendo renda labirinto.

Cresci observando aquelas mulheres fazendo labirinto. Como nasci em Fortaleza e essa atividade é mais comum em comunidades do litoral ou do interior, não tive a oportunidade de aprender a confeccionar, mas ainda possuo muito viva em minha mente a imagem de minha avó sentada no chão da varanda de casa ou na calçada, no fim da tarde, bordando. Sem dúvidas era um trabalho que, ainda que cansativo, lhe dava muito prazer, porém, o tempo não lhe permitiu mais continuar. No auge dos seus 70 anos, vovó foi diagnosticada com o mal de Alzheimer e, aos poucos, ela foi perdendo não só suas lembranças, mas sua capacidade de desenvolver aquilo que ela sabia fazer de mais bonito: suas peças de renda labirinto.

A renda labirinto é semelhante a um bordado feito a partir do desfiado do tecido, normalmente o linho, depois unindo outros fios com pequenos remendos de linha, de maneira que esses remendos fiquem quase invisíveis. Conhecida também como bordado labirinto, crivo labirinto ou, simplesmente, labirinto, é um tipo de bordado brasileiro que foi introduzido por intermédio da colonização portuguesa durante o século XVII. Em terras indígenas, a arte foi se desenvolvendo de forma

distinta, combinando vários elementos da cultura portuguesa a tradições litorâneas já existentes.

A partir de conversas informais com alguns familiares e com moradores mais antigos de Paripueira, descobri que a renda labirinto foi, durante muitos anos, a principal fonte de complementação da renda familiar juntamente com a agricultura e a pesca artesanal, o que me fez acreditar que ela pode, inclusive, ter sido a principal atividade em alguns momentos da história daquela localidade. Entretanto, esta arte foi aos poucos deixando de fazer parte dos hábitos comuns das pessoas que ali residem. A partir de então, surgiu o interesse em investigá-lo.

Dentre os motivos que me levaram a escolher a renda como objeto de estudo, posso destacar a curiosidade de conhecer mais sobre esta arte e o desafio de estudar algo que, aparentemente, vem diminuindo com o passar dos anos. Contudo, o que pesou como fator motivacional foi, também, a relação com a minha avó, pois pude perceber que não era apenas a minha avó quem estava esquecendo o labirinto, mas toda uma comunidade estava permitindo que uma atividade tão importante fosse se apagando aos poucos.

Reforço que a dificuldade em encontrar estudos sobre o artesanato, especificamente a renda labirinto, também serviu de estímulo para elaborar um material que pudesse ser útil para outros pesquisadores.

Compreendendo que a produção artesanal trata-se, naturalmente, de um processo educativo e estando inserida em um Programa de Pós-graduação em Educação, surgiu inicialmente um questionamento sobre como seria possível relacionar a educação com o objeto de estudo em questão ou, no caso, qual tipo de educação estaria imbuído na produção da renda labirinto. Após algumas conversas com meu orientador, chegamos ao consenso de que o Saber Popular seria o “tipo de educação” que mais se aproximava do contexto a ser abordado, pois como sugere Lopes (1993b), o saber popular é de uma riqueza incalculável, por possuir uma pluralidade de valores e de conhecimentos absorvidos por certos grupos, com base em um olhar cuidadoso sobre acontecimentos do cotidiano. Entretanto, essa riqueza encontrada nos saberes populares pode vir a se perder ao longo do tempo. Por isso é importante que tudo seja registrado, de forma a preservar o patrimônio cultural de um povo.

A pesquisa teve por objetivo geral estudar como se dá/dava a relação entre o Saber Popular e a produção da Renda Labirinto em Paripueira, Beberibe-CE,

e os objetivos específicos foram: levantar as ações educativas relacionadas ao artesanato; conhecer a produção da renda labirinto e; caracterizar o Saber Popular na produção da referida renda, do ponto de vista das participantes da pesquisa.

A escolha de Paripueira como *lócus* de pesquisa não foi por acaso, primeiro porque facilitou minha permanência no local já que, como mencionado, alguns de meus familiares residem naquela região e, segundo, por existir um desejo bastante particular em fazer algo relevante por aquela localidade que parece ter sido esquecida. Ressalto isso pela busca incessante feita nas redes de informações sobre a localidade, com pouco êxito. Para se ter uma ideia, durante a elaboração do projeto de pesquisa, tive muita dificuldade em encontrar Paripueira em alguns mapas do município de Beberibe.

Levando em conta que o objeto de estudo em questão é a renda labirinto e que ele é confeccionado basicamente por mulheres, participaram da pesquisa algumas labirinteiras que ainda confeccionam labirinto. Assim, optei pela pesquisa qualitativa, do tipo descritiva e explicativa, trabalhando na perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando como técnica de pesquisa o estudo de caso. Também foram coletadas algumas informações com moradores mais antigos apenas para contribuir com outros dados.

De acordo com Gregório (2013) o artesanato pode ser visto como uma atividade que, embora universal, se diferencia em seu modo de fazer de acordo com vários fatores, principalmente em diferentes regiões ou culturas. Nesse contexto, entendemos que essa pesquisa se mostrou relevante ao estudar a relação do Saber Popular com a produção da Renda Labirinto em Paripueira, pois sugeriu discutir sobre o que vem ocasionando uma possível diminuição dessa produção e refletir se o saber pode ou não contribuir para reverter ou amenizar tal situação. Além disso, não se tem conhecimento de outras pesquisas realizadas em Paripueira, o que demonstrou uma novidade para a comunidade local.

Para a efetivação da pesquisa recorri a entrevistas semiestruturadas e visitas domiciliares. Algumas perguntas básicas como nome, idade e estado civil foram levantadas apenas para registrar as características das labirinteiras. Foram considerados os dados primários que eu mesma coletei e secundários, frutos dos registros estatísticos, sistemas de informações e outros arquivos em geral, encontrados na pesquisa. Após conclusão das etapas metodológicas, foi realizada a análise e a interpretação dos dados e a redação do texto.

Como categorias conceituais foram utilizadas o Artesanato e o Saber Popular e como categorias de análise, o Saber Popular, Valor Social e Comercial da Renda Labirinto e Organização Comunitária.

Como referências bibliográficas, foram utilizados estudos de alguns autores como: Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gohn, Emanuely da Silva, Nestor Canclini, Surnai Aranda, dentre outros.

O trabalho foi estruturado com base na observação do processo de produção da Renda Labirinto. Neste sentido, a discussão se estende em seis capítulos, de forma que possa oferecer aos leitores subsídios que permitam um bom entendimento sobre o assunto.

O primeiro capítulo está dividido em três tópicos e aborda a contextualização do problema e a metodologia utilizada para a execução da pesquisa. Além disso, traz a divisão das falas das labirinteiras, que permitiram validar as categorias conceituais e de análise. Este capítulo tem como objetivo deixar que os leitores percorram o mesmo caminho que percorri para chegar aos achados.

O segundo capítulo é um convite ao conhecimento do *lócus* de pesquisa. Entendendo a importância de situar os leitores, este capítulo está dividido em dois tópicos que informam dados estatísticos e apresentam algumas imagens da localidade. Traz no primeiro tópico informações gerais sobre o município de Beberibe e no segundo tópico informações sobre Paripueira.

No terceiro capítulo é feita uma abordagem teórica sobre Artesanato e Saber Popular. Dividido em dois tópicos, o primeiro traz uma contextualização do artesanato na perspectiva de alguns estudiosos, como Nestor Canclini e Emanuely Silva. O segundo tópico faz uma breve discussão sobre Educação para depois passar pela esfera do Saber Popular.

O capítulo quatro, por sua vez, ressalta a Renda Labirinto e o Saber Popular, destacando o cotidiano das labirinteiras. Além disso, considero este capítulo como a “alma” da pesquisa, pois nele está registrado todo o processo produtivo da renda a partir de imagens e das falas das artesãs. O capítulo está dividido em três tópicos e trata, especialmente, dos saberes que estão relacionados à transmissão dos ensinamentos.

O quinto capítulo fala da importância social e comercial da renda labirinto. Ressalta que é possível aprender a partir das relações construídas dentro do processo de produção, principalmente se existe organização comunitária.

O sexto e último capítulo é a conclusão da pesquisa. Nele está contida a resposta para a questão central da pesquisa. É um capítulo que demonstra se os achados foram ou não compatíveis com o que era esperado.

Desenvolver esse estudo não foi fácil, porém foi prazeroso e muito produtivo. Do ponto de vista acadêmico, acredito que a pesquisa pode trazer benefícios tanto para outros pesquisadores quanto para a própria comunidade. Primeiro, por demonstrar como a academia pode cooperar com o resgate e a manutenção desse tipo de artesanato; segundo, pela possibilidade de contextualizar sobre a cultura da renda labirinto em resposta não somente à comunidade, mas aos que se interessam pelo artesanato de um modo geral; e terceiro, por devolver a comunidade um registro de parte de sua identidade.

2 PERCORRENDO OS FIOS DO LABIRINTO: OS CAMINHOS PARA OS ACHADOS

Este capítulo traz a contextualização do problema e os caminhos percorridos durante as etapas de execução do estudo.

Por ter como objeto de estudo a Renda Labirinto, buscando identificar qual a relação da sua produção com o Saber Popular, optou-se pela pesquisa qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, trabalhando na perspectiva do materialismo histórico dialético, utilizando como técnica de pesquisa o estudo de caso.

2.1 Cadê a renda que estava aqui?

O artesanato é uma atividade desenvolvida por todos os povos e é identificado não só por suas características peculiares ou pelas técnicas aplicadas, mas, também, por qualidades próprias de cada região e cultura onde é desenvolvido.

O Território Brasileiro está dividido em cinco regiões de acordo com suas características físicas, sociais, culturais ou econômicas: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Região Nordeste é a maior em número de estados, com nove ao todo. Vainsencher (2007) afirma que devido a sua vasta extensão, o Brasil sofreu influência de diversos lugares, por isso seu artesanato é bastante rico e diversificado, o que varia de região para região. Particularmente no Nordeste, o artesanato é uma importante atração turística. Tratando-se de rendas, a região produz os seguintes tipos: de bilros, labirinto, crochê, irlandesa, renascença e filé.

Ressaltando a Renda Labirinto, objeto de estudo da presente pesquisa, a maior parte da produção no país está concentrada na Região Nordeste, podendo ser encontrada nos municípios de Arez e Tourinho, no Rio Grande do Norte; Juarez Távora, Serra Redonda e Caldas Brandão, na Paraíba; Marechal Deodoro, em Alagoas; em povoados do Piauí e Maranhão; e no Ceará, em toda a orla marítima, destacando-se em Icapuí, Aracati, Fortim, Beberibe e Aquiraz, além de algumas localidades ribeirinhas do Jaguaribe. Além disso, é possível encontrar o labirinto em Biguaçu e Celso Ramos, em Santa Catarina. (TEXTILE INDUSTRY, 2010)

O Estado do Ceará encontra-se ao norte da Região Nordeste, com uma extensão de 146.348,3 km², sendo 573 km de praias com falésias de areias coloridas e bicas naturais, jangadeiros e largas dunas. Com 184 municípios, o Estado está dividido em litoral, serras e sertão, e faz limites com os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí e Pernambuco. (BRASIL CHANNEL, 2017) O Ceará é bastante conhecido não apenas por suas praias, mas, também, pelo seu artesanato.

De acordo com o site do Governo do Estado, ceara.gov.br, redes, renda de bilro, labirinto, filés, bordados e crochês são algumas manufaturas em fibra de algodão, herdadas da colonização portuguesa que estão entre as mais expressivas manifestações do admirado artesanato cearense.

Apesar de sua fama, o artesanato no Ceará vem sofrendo inúmeras mudanças para se manter num mercado cada vez mais competitivo. Agora, não são apenas os consumidores que se tornaram mais exigentes; as rendas competem espaço com peças industrializadas que imitam com perfeição as artesanais. Como resultado, artesãs desmotivadas e uma queda na produção que atinge além do labirinto, outras tipologias de renda.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que houve uma pequena diminuição no percentual de pessoas que trabalham com a atividade renda no país. Em 2006 eram 7,5% do total das atividades artesanais enquanto que em 2014 esse percentual diminuiu para 7,1%. Vale ressaltar que os dados não especificam o tipo de renda. (IBGE, 2014)

Paripueira, o *lócus* desta pesquisa, é um distrito situado a 39 km de distância da sede do município de Beberibe. É uma comunidade que por muito tempo sobreviveu, especialmente, da agricultura, da pesca artesanal e da produção de artesanato como a renda, o bordado ponto cruz, o crochê, o tricô e a pintura em pano de prato. Tendo em vista os períodos de baixa produção na agricultura e na pesca, em alguns momentos da história da localidade o artesanato foi a principal fonte de recursos financeiros, tendo como carros chefes a Renda Labirinto e o Ponto Cruz.

Chegada ao Brasil no século XVII, a técnica de fazer Renda Labirinto foi se adaptando aos mais diferentes lugares. No caso de Paripueira, ela é uma prática coletiva, onde cada etapa da produção é feita por uma labirinteira diferente, ou seja,

difícilmente uma única labirinteira executa todas as etapas de produção com precisão e qualidade.

Vale ressaltar que Paripueira costumava ser o centro de comercialização da renda e de outros tipos de artesanato, recebendo produtos de localidades como Porteiras, Goiabeiras, Tanque do Ribeiro, Córrego do Sal e Prainha do Canto Verde, contribuindo, inclusive, para o empoderamento das mulheres. Com o tempo as artesãs foram se desarticulando e a comercialização desses produtos foi ocorrendo de maneira quase individualizada.

A inquietação que deu origem a presente pesquisa partiu da observação do cotidiano da comunidade. Por se tratar de uma localidade que faz parte da minha história, foi possível realizar uma investigação preliminar acerca da rotina das labirinteiras. O que ficou visível, ou melhor, o que não ficou visível foi a presença dessas mulheres em seus hábitos costumeiros, uma vez que a prática de fazer renda era feita, principalmente, nas calçadas das casas ou em volta da igreja.

A primeira questão que surgiu com base na observação inicial foi: o que estaria provocando um possível desaparecimento das labirinteiras? Porém, eu não poderia afirmar que a Renda Labirinto estaria sumindo, porque durante a investigação prévia, também descobri que algumas mulheres ainda o produziam.

Contudo, esta não era minha maior questão, pois, estando inserida em um Programa de Pós-graduação em Educação eu precisava identificar algo que estivesse relacionado com a educação.

Foi então que percebi que havia um motivo para que uma minoria permanecesse confeccionando a Renda Labirinto. Uma primeira hipótese seria a de que a resposta estaria na prática educativa imbuída no processo de produção do artesanato. Mas que prática seria esta?

Dessa maneira, a partir de algumas observações e conversas com meu orientador, cheguei a ideia de que o Saber Popular poderia ser o responsável por manter viva a produção da Renda Labirinto. Por isso, considerando que o processo de produção do artesanato, seja ele de qualquer tipo, é um processo munido de um saber específico e que Paripueira é uma comunidade que por muitos anos teve na Renda Labirinto a principal fonte de complementação da renda familiar, buscou-se com essa pesquisa responder a seguinte questão: Qual a relação entre o Saber Popular e a produção da Renda Labirinto na comunidade de Paripueira, Beberibe-CE?

Logo, o objetivo geral da pesquisa foi estudar como se dá/dava essa relação entre o Saber Popular e a produção da Renda Labirinto em Paripueira, Beberibe-CE, e os objetivos específicos foram: levantar as ações educativas relacionadas ao artesanato; conhecer a produção da renda labirinto e; caracterizar o Saber Popular na produção da referida renda, do ponto de vista das participantes da pesquisa.

2.2 O método, a técnica e os procedimentos da pesquisa

Segundo Prodanov e Freitas (2013), o resultado de uma pesquisa pode contribuir significativamente para o avanço do conhecimento humano, uma vez que desperta no pesquisador um sentimento de investigação diante dos problemas a serem estudados além de contribuir para trabalhos futuros.

Optar pela pesquisa qualitativa foi uma decisão importante já que esse tipo de pesquisa busca uma melhor compreensão das experiências humanas, justamente o que gostaria de considerar neste trabalho, e não apenas quantificá-lo.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa é uma investigação onde a fonte direta de dados é o espaço natural e os materiais observados são revistos na sua totalidade. Na pesquisa qualitativa o pesquisador está mais interessado no processo do que apenas nos resultados, ou seja, está mais interessado no modo como outras pessoas dão sentido às suas vidas. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) reforçam que na pesquisa qualitativa “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em número”.

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa é considerada exploratória e descritiva. Exploratória porque teve como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando sua definição e facilitando a delimitação do tema; e descritiva porque os fatos foram observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem a interferência da pesquisadora. (PRODANOV; FREITAS, 2013)

A investigação se deu na perspectiva do materialismo histórico dialético, na tentativa de encontrar explicações coerentes sobre os fenômenos que envolvem o objeto de estudo. Segundo Triviños (1987, p.51) “o materialismo dialético não só

tem como base de seus princípios a matéria, a dialética e a prática social, mas também aspira ser a teoria orientadora da revolução do proletariado”.

Para realização da investigação recorreu-se ao estudo de caso julgando ser esta a técnica mais indicada ao que se pretendia alcançar. Para Goldenberg (2004, p.155) “o estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação”. Yin (2005) ressalta que o estudo de caso conta com muitas técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, porém inclui duas fontes de evidências que eventualmente não são incluídas na lista de um historiador: observação direta dos acontecimentos que estão sendo estudados e entrevistas com as pessoas envolvidas.

Para elaborar o projeto de pesquisa fiz uma investigação prévia no intuito de obter informações que contribuíssem com a proposta.

Embora existam outras localidades com maior incidência da Renda Labirinto, a investigação ocorreu no Distrito de Paripueira, primeiro por ser uma comunidade que faz parte da minha trajetória, o que facilitou minha permanência no local e depois, pelo próprio desejo de fazer algo por uma localidade que parece ter sido esquecida. Sei que tal afirmação pode soar equivocada, mas quando comecei a buscar dados sobre Paripueira ainda durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, constatei que existem pouquíssimas informações e o que mais me surpreendeu foi que na maioria dos mapas do município de Beberibe, por exemplo, Paripueira não existe. Por isso, para seguir com os objetivos específicos da pesquisa, tentei fazer um novo levantamento de informações sobre a localidade, sem muito sucesso.

Antes de ir a campo, submeti o projeto ao Comitê de Ética em dezembro de 2017. Enquanto aguardava o parecer do Comitê, dediquei-me a buscar literaturas que contemplassem as categorias selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente Artesanato e Saber Popular. Foram três longos meses de espera até obter a aprovação. A partir de então, foi dado o momento de encontrar as labirinteadoras e conhecer a produção da Renda Labirinto.

Para que isso fosse possível, a primeira ação foi contatar a coordenadora do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) de Paripueira com a finalidade de trabalhar com a metodologia de grupo focal, uma vez que a instituição realiza atividades com algumas mulheres da região. Infelizmente, por

incompatibilidade de horários, reunir as mulheres não foi possível. A solução foi optar pelas entrevistas semiestruturadas que são um meio de comunicação mais espontâneo, visando maior proximidade com as pessoas entrevistadas. Szymanski, Almeida e Prandini (2002) afirmam que o pesquisador, ao selecionar a entrevista como procedimento de coleta de dados, precisa estar atento não só a fala de quem está sendo entrevistado, mas também ao seu meio, incluindo aspectos do espaço físico e social e a própria interação que o entrevistado estabelece durante a entrevista. Haguete (1992, p. 86) ressalta que “a entrevista é um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Para a realização das entrevistas, em março de 2018, contei com a ajuda da coordenadora do Grupo de Idosos do CRAS, que se disponibilizou a me acompanhar até as localidades. Foi preciso percorrer um caminho além do estipulado pois, para encontrá-las, visitei a região central de Paripueira, onde está localizada a Igreja Nossa Senhora da Penha, e a localidade de Porteiras², que está situada no lado oposto da Rodovia Estadual CE-040.

Das cinco mulheres entrevistadas, três residem no Centro e duas em Porteiras. Tem idades entre 57 e 75 anos e todas aprenderam o labirinto com a mãe ou familiar próximo.

Para preservar suas identidades, seus nomes foram substituídos por nomes de espécies da flora brasileira, algumas ameaçadas de extinção. São elas:

Tabela 1: Identificação das labirinteiras

| NOME | IDADE | NATURAL DE: | ESTADO CIVIL |
|------------------|--------------|--------------------|---------------------|
| Bromélia | 57 anos | Beberibe | Separada |
| Camélia | 75 anos | Beberibe | Viúva |
| Jequitibá | 57 anos | Beberibe | Casada |
| Jaborandi | 59 anos | Beberibe | Separada |
| Murici | 74 anos | Beberibe | Casada |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Como meio de reter a pesquisa utilizei um diário de campo e registro de algumas informações pessoais das participantes. Na ocasião foi solicitada a

² Paripueira é constituída de pequenas localidades e está dividida pela CE 040.

assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³ para a utilização de informações e preservação de suas identidades. Antes de iniciar, expliquei qual era o objetivo da pesquisa bem como a importância da assinatura do TCLE.

Ao invés de questioná-las várias vezes, fiz apenas uma solicitação: que as participantes me contassem suas histórias com o artesanato Renda Labirinto. Quando surgia uma necessidade de interromper ou uma curiosidade sobre algo, eu fazia uma breve interferência e depois pedia para que continuassem.

As entrevistas foram gravadas em um telefone celular e todas as etapas de produção foram registradas com uma câmera fotográfica semiprofissional. As fotografias foram utilizadas tanto para documentar e fortalecer a pesquisa quanto para divulgar o trabalho realizado pelas labirinteiras. Para Dias (2012) as fotografias são resultado da produção social e cultural e contribuem para emitir a forma como compreendemos o mundo e o modo como revelamos essa mesma compreensão. É um ato que deve ser entendido dentro das suas circunstâncias enquanto documento, prova e linguagem, não se restringindo ao momento da sua captura.

Voltando para Fortaleza, dei início às transcrições das falas das participantes. Para facilitar o trabalho, utilizei o *Express Scribe*, um software de computador que auxilia na transcrição de registros de voz.

A cada fala transcrita, fui revivendo todos os cenários visitados, lembrando-me das expressões estampadas nos rostos das mulheres ao falarem de seus sentimentos e lembranças, e da importância do artesanato para suas vidas e para a identidade local.

Após finalizar o processo de transcrição, fui orientada a dividi-las de acordo com a proximidade de ideias e, assim, constituir as categorias de análise. Com isso busquei, não apenas transcrever as falas das artesãs, mas, também, interpretar seus depoimentos julgando-os como peças fundamentais para a compreensão dos processos.

Como categorias conceituais da pesquisa, foram propostas, inicialmente, o Saber Popular e o Artesanato. Porém, para saber se as categorias se confirmavam como categorias conceituais, foi preciso elaborar alguns quadros organizando as falas das artesãs com base em suas ideias centrais. Assim, os quadros não só ajudaram a confirmar as categorias conceituais como também identificaram as

³ O TCLE é um critério estabelecido pelo Comitê de Ética de dada instituição para a utilização de dados fornecidos pelos participantes da pesquisa.

categorias de análise, que, no caso, foram: o Saber Popular, Valor Social e Comercial da Renda Labirinto e Organização Comunitária.

Para chegar a estas categorias, foi feita uma interpretação dos dados baseada na análise de conteúdo, definida por Severino (2007, p.121) como

uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. [...] Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais.

Sobre análise de conteúdo Bardin (1988) também contribui enfatizando que este tipo de análise proporciona um confronto de diferentes visões sobre uma mesma ideia.

A pesquisa levou em conta a coleta de dados primários, isto é, a coleta direta, feita pelo próprio pesquisador e secundários, obtidos através de registros estatísticos, sistemas de informações e outros arquivos em geral. Além de informações coletadas na internet, também foram utilizados livros e outros materiais de meu acervo pessoal, da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará e da Biblioteca Pública de Beberibe.

Foram utilizados os estudos de vários autores, dentre eles: Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire, José Carlos Libâneo, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gohn, Emanuely da Silva, Nestor Canclini, Surnai Aranda.

Antes de iniciar a redação do texto, visitei dois pontos de comercialização de artesanato em Fortaleza: o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR) e a loja da Central de Artesanato do Ceará (CEART) com o objetivo de observar como se dava essa comercialização longe dos olhares das artesãs.

Depois de todas as etapas metodológicas realizadas em campo, finalmente, dei início a elaboração da dissertação.

2.3 Dialogando com as labirinteiras: as falas das participantes

As falas das artesãs foram alocadas em diferentes tabelas⁴, de acordo com as ideias centrais transmitidas e a categoria em evidência, com veremos a seguir.

Tabela 2 – Categoria Saber Popular (Como aprendi)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|
| Transmissão geracional | Só que eu comecei a trabalhar nesse trabalho, eu tinha cinco anos de idade. Eu tenho 57 anos. Comecei a trabalhar minha mãe me ensinando. Eu me sentava numa coisinha pequenininha pra ficar alta pra alcançar a grade e até hoje, graças a Deus, eu tô trabalhando. | Saber popular (Como aprendi) |
| | A minha história com o labirinto é que eu aprendi com a minha mãe. Aí, eu com cinco anos já fazia guardanapinhos, pra vestir e comprar minhas roupinhas. Eu e a minha irmã, aquela do Corgo (referindo-se a localidade Córrego do Sal), a que morreu. Nós duas. Papai fez assim, uma gradezinha desse tamanho (ela fez um gesto com as mãos que sugeriu que a grade teria aproximadamente 30 cm), que cabia um guardanapo né?, só um. E... nós fazia labirinto. A minha mãe ensinou e nós fazia. Nós num sabia cortar, assim como eu faço agora né?, mas a minha mãe cortava e nós botava na grade e enchia, torcia, caseava. Ela ficava ensinando se (caso) num tivesse certo. E a gente completava todinho. Era de uma pessoa de Aracati. Trazia de lá, uma tia da gente. Ela é irmã do Zé Porteira, ela já morreu. Vinha do Aracati pra ela mandar fazer e aí ela recebia, a gente fazia, entregava e ela devolvia pra Aracati. A gente começou a fazer labirinto pra Aracati. Desde os cinco anos que eu faço. Aí todo mundo se admirava de vê a gente fazendo. Na verdade eu morava nas Porteiras, aí depois que eu vim pra cá com 19 anos. | Saber popular (Como aprendi) |
| | Quando eu tinha 11 anos a minha tia me ensinou a fazer labirinto. | Saber popular (Como aprendi) |
| | A minha tia só fazia o desfiado, que foi o que ela me ensinou. | Saber popular (Como aprendi) |
| | A minha família já vem fazendo labirinto há quatro gerações. Minha mãe aprendeu com a minha avó, me ensinou e eu ensinei as minhas filhas. | Saber popular (Como aprendi) |
| | Olhe que eu tenho 74 anos. Desde que me entendo por gente que lembro da minha mãe fazendo labirinto. Ela me ensinou eu tinha oito anos. | Saber popular (Como aprendi) |

⁴ As tabelas completas estão disponíveis nos apêndices.

(continua)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|-----------------------------|---|-------------------------------------|
| Saber da experiência | Eu aprendi com, assim, quando eu via a minha mãe fazer, aí eu olhava e aprendi, que a minha mãe nem cortar quis ensinar. Eu dizia assim: “mãe como é isso?”. Aí ela dizia: “vai pra lá menina, deixa eu fazer aqui, fica só atrapalhando”. Mas eu ficava olhando. E eu sei que aí eu aprendi a fazer uns guardanapos pequenos. E aí depois Deus foi me capacitando e eu aprendi a fazer as mostrazinha né?. | Saber popular (Como aprendi) |
| | Eu aprendi com nove anos. Nove anos de idade eu já colocava, mandava botar um só guardanapo na gradezinha e começava a fazer. | Saber popular (Como aprendi) |
| Busca pelo saber | Quando eu vim morar em Paripueira eu só sabia desfiar. Aí, aqui foi que eu fui atrás de aprender as outras etapas. | Saber popular (Como aprendi) |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 3 – Categoria Saber Popular (Como faço)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|----------------------------|--|----------------------------------|
| Divisão do trabalho | É assim, esse processo aqui é feito pela dona Camélia. Eu levei essa pra lá, aí eu pago o dinheiro pra ela cortar, porque ela num vai esperar pelo dinheiro que venha da CEART, então tudo tem que ser anotado. Aí a gente enche, como eu tô enchendo. Aí eu num quero torcer, que é esse pauzim aqui, aí eu já passo pra outra pessoa fazer, aí depois é que eu vou botar o paletão, casear o pano e terminar o resto | Saber popular (Como faço) |
| | <i>A senhora faz todas as etapas?</i> Não. Só faço cortar, mas eu sei fazer todas. Mas se você quiser amostra, eu tenho aqui uns pedaços. (pausa para mostrar as peças de mostruário) | Saber popular (Como faço) |
| | Porque na verdade quase todo mundo sabe fazer todas as etapas, mas geralmente não faz. Às vezes se aperfeiçoa só numa e aí fica fazendo aquela que tá mais acostumada. Aí quando aparece uma peça que é pequenininha, dá pra fazer tudo sozinha. Mas quando a peça é grande, a gente passa pra outra pessoa. | Saber popular (Como faço) |
| | <i>A senhora teria alguma peça pra mostrar?</i> Eu tenho uma toalha, que a menina tá até ali com ela na grade. É minha, mas tá lá. Eu botei na grade, aí mandei ela fazer. | Saber popular (Como faço) |
| | Então, todo mês ele trazia uns panos pra gente desfiar e depois levava pra outras mulheres, pra fazer as outras partes né?. | Saber popular (Como faço) |
| | <i>A senhora trabalha com todos os processos?</i> Sim, só não o corte. Se for uma coisa pequena, assim, um pano de prato, aí eu corto, porque tu sabe né?, a gente num tem a vista boa né?, problema na coluna, e corte precisa ser atenta pra num errar. A minha preferida mesmo é encher. Encher, que é o desenho né?, que é essa parte aqui. Dá mais trabalho, ninguém quer fazer. | Saber popular (Como faço) |

(continua)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|--------------------------|---|----------------------------------|
| Produção da renda | Primeiro é o corte, depois o desfiado. Desfiado que é pra fazer essas malhinhos, puxar fio por fio. Porque a gente compra o tecido, aí aqui a gente vai mandar cortar e vai fazer assim. Aí depois a gente vai fazer esse processo do enchido. Vamos desenhar tudo né?, tá aqui tudo o que a gente vai fazer. Quando termina de desenhar, de encher, aí a gente vai fazer esse processo aqui: torcer todinho, pauzim por pauzim pra juntar os fios, pra ficar juntinho pra não se desmanchar. Depois de torcido aí é que a gente vai fazer o paletão, que é isso aqui, paletão. Depois do paletão a gente tira da grade, caseia esse pano todinho igual eu fiz aqui com esse pano de prato. Caseia todinho. Depois é que vai lavar. Passa três dias lavando, ensaboando, tirando sabão, ajeitando, aí bota na grade de novo, no sol, e vai botar todas as coisinhas de novo na grade, estirado o trabalho né?. Depois de todo estiradinho, vai para o grude né?, pra ficar durinho assim né?. Depois do grude a gente tira da grade e vai recortar todinho aqui ao redor, esse aqui todinho pra ficar só assim (mostrando o acabamento da peça). Aí aqui tá pronto pra fazer a entrega. | Saber popular (Como faço) |
| | Eu lembro que tinha um rapaz, que ele trazia uns materiais pra minha tia fazer os trabalhos. | Saber popular (Como faço) |
| Comercialização | <i>Realmente não existe mais nenhum contato com alguma pessoa do CEART? Se as meninas de lá, alguém de lá, porque lá eu conheço, assim, bastante pessoa. Aí, se ela, ela diz se encomenda alguma coisa, assim, pra mim. Aí eu, mesmo se eu num puder fazer, aí eu dou a oportunidade pras meninas lá fazer. Alguém que quer. "Alguém quer fazer uma toalha assim?". Então, a pessoa que quer, então a pessoa faz e eu vou deixar.</i> | Saber popular (Como faço) |
| Resistência | Ate hoje, de vez em quando eu faço alguma coisa pra cá pra casa ou quando alguém de fora encomenda. | Saber popular (Como faço) |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 4 – Categoria Saber Popular (Como ensinei)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|-------------------------------|--|-------------------------------------|
| Transmissão geracional | <i>A senhora ensinou para alguém? Ensinei, ensinei pra... a Leide, a Leide aprendeu. E muita gente veio aqui depois pra eu poder ensinar. Eu comecei a cortar toalha né?, que foi minha tia que ensinou, e eu comecei a fazer, ainda hoje eu faço. A senhora ainda ensina? Não. Porque hoje o pessoal num querem mais né?.</i> | Saber popular (Como ensinei) |
| | <i>A senhora ensinou para seus filhos? Só tem a Araucária, ela faz tudo, ela já sabe fazer tudo sim. As outras num trabalha não. Mas a Lucinalda, ela só aprendeu mesmo a torcer. Já a Mogno aqui (apontando para a filha adolescente que estava no cômodo próximo), ela num quer nada. Ela diz assim: "mãe eu num quero isso pra mim. Que a mãe sofre tanto sentada nesse chão, com dor nas costas". Eu digo assim: "minha filha, mas é um processo que eu gosto, eu gosto de fazer e eu não pretendo parar".</i> | Saber popular (Como ensinei) |

(continua)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|-------------------------------|---|-------------------------------------|
| Transmissão geracional | E dos filhos, só tenho homem. Só tem uma menina, que na época ela era muito criancinha. E mesmo agora, às vezes ela diz assim: “mãe me ensina isso aqui?”. Dia desse ela tava dizendo assim: “aprendi a botar, fazer o paletão né?. Aí eu disse assim: “tu só começou assim né?, por que você num fez?. Só começou”. Aí depois ela começou a adoecer. Aí pronto, agora num fez mais não. Mas assim, a vontade que ela tava né?, vendo eu fazer, se eu fosse ensinar ela ia aprender. Porque tudo parte da vontade que a pessoa tem. | Saber popular (Como ensinei) |
| Educação não formal | <i>E a senhora ensinou para alguém?</i> Assim, eu dei num sei se foi um ou foi dois cursos. | Saber popular (Como ensinei) |
| | <i>Elas (CEART) nunca vieram acompanhar esse trabalho?</i> Não. Às vezes vinham umas pessoas que ensina, que vem uns cursos, que elas ganham pra dar curso né?. Só que elas num entende muito de labirinto não. Num entende não, num adianta elas dizer, que elas num sabe não. | Saber popular (Como ensinei) |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 5 – Categoria Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|---|---|--|
| Desvalorização | <i>Quanto é que custa uma toalha do tamanho dessa que a senhora está fazendo aqui?(2,5mx2,5m)</i> Mulher, até a última vez que nós vendemos pra CEART pagaram só R\$ 500,00. Mas diz que a [toalha] de 3m eles só querem pagar R\$ 800,00. Eu digo: minha filha, num paga nem o trabalho. Só o metro de linho é R\$ 14,00. Da derradeira vez que ela [Jequitibá] levou uma pra CEART, eles só pagaram R\$ 800,00. Eu disse: olhe, se você ainda for na reunião ou alguma coisa por lá, você pode dizer que por esse preço não dá pra gente fazer, porque num dá, mulher!. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | Mas fazer assim, pra vender, num faço mais não, porque não tem muita saída. Eu gosto de fazer sabe?, mas acho que nosso trabalho num é muito valorizado não. Sem contar que até pra se aposentar é difícil, porque acho que nem dá pra se aposentar como artesã. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | É muito difícil uma pessoa que saiba fazer, assim, dos pessoal mais jovem né?. E quem sabe nem quer mais, porque acha que é muito demorado e o dinheiro é muito pouco né?, pra tanto trabalho. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <i>E hoje, o preço que eles pagam por esse artesanato, comparado com antigamente, tá sendo valorizado?</i> Assim, num tem assim um valor muito alto não, porque ele é difícil de vender. Então, você ter uma coisa que é difícil de você vender, então num tem como ele tá aumentando de preço, né?. A tendência é diminuir, baixar o preço pra diminuir. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Desvalorização e Extinção da renda | Aí muita gente vai, estuda, arranja um emprego, às vezes vai trabalhar em casa de família e ganha um dinheirinho a mais né?, aí vai se acabar. Porque aqui mesmo, essa parte aqui de cortar, num tem mais quem faça. Esse aqui (mostrando uma toalha), é aquela Jequitibá lá das Porteiras que manda fazer né?, aí ela mandou esse trabalhinho pra eu cortar. | Valor social e comercial da renda labirinto |

(continuação)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|---|---|--|
| Desvalorização e História da renda | Daquela época mudou muito... só que agora, agora o trabalho de labirinto, ele tá assim muito(...), ele num tem assim um(...), como é?, uma geração de renda que ele tinha né?, porque antigamente era muita renda, trabalho, mas hoje num tem mais. É assim, uma coisa que as pessoas deixaram de fazer. Umam falavam por conta da vista, que fica doente da vista, mas isso aí eu acho que num é não, porque isso daí, toda vida teve isso. Eu acho que, assim, que as pessoas é (...), tem outra, encontra outra oportunidade na vida e que num quer mais fazer ele, por conta né?, que ele ficou assim. Como era o valor lá em cima, então veio se acabando. Então, realmente agora, o labirinto, ele é, tá muito, muito pouco. Quase acabando. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Desvalorização e Comercialização | Porque o que a gente tem que fazer pra CEART mesmo, tem que ir tudo pela metragem. Se passar um pouquinho a mais... (pausa). Porque agora, ela [Jequitibá] levou uns porta-xícaras de 11 cm e de 16 cm, e eles são bem pequenininhos. É trabalhoso. Aí, num bichinho desse <i>tamaíno</i> , pequenininho, ela só tava querendo pagar 6 reais pra gente fazer tudo da gente, com tudo da gente. E aí o que é que aconteceu?, eu disse: “bote um pouquinho a mais, porque tem linho que encolhe tanto que a gente só falta cortar os dedos pra esticar”. E aí chegou lá, elas acharam maior. Aí num queria, porque tava maior. Foi 36 de cada. Aí eu disse: “eu não vou perder”. Aí, assim mesmo, a Jequitibá conversou com a mulher lá (referindo-se a pessoa da CEART) e aí ela disse: “é, eu vou deixar, mas quando a mulher (cliente) chegar, que eu vou conversar com ela, pra saber se vai comprar”. Aí, 66 peças de trabalho que eu tenho lá, se num entrar eu vou ficar com o prejuízo. Aí ficou lá. Aí eu não sei se entrou esse trabalho. Aí a gente faz tudo, compra tudo, ajeita tudo aí diz assim: “eu vou esperar aquele dinheirinho, e ainda botam banca”. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Comercialização | <i>Por que algumas mulheres ainda fazem?</i> A Jequitibá faz porque encontrou <i>na</i> Fortaleza uma conhecida dela que ajuda. Ela pede, assim, uma encomenda né?, de tantas peças, de tantos metros, de blusa, caminho de mesa, de toalha. Então ela faz essas encomendas e ela se prontifica de mandar fazer. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <i>Você ainda pega encomendas?</i> Às vezes quando eu tenho contato com as meninas (CEART) né?, com as meninas que era das atividades, aí ela diz: “Jequitibá, tu tem alguma coisa?”. Aí, se uma das minhas amigas aqui tiver, aí eu vou lá, pego, aí pergunto, aí vendo pra essa pessoa né?. Aí, assim, às vezes eu faço uma coisa simples. Desde o início, que eu comecei, ainda eu acho que eu vou ficar fazendo coisa simples. | Valor social e comercial da renda labirinto |

(continuação)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|--|---|--|
| Comercialização | <p><i>E como era a venda?</i> Ah minha filha, naquele tempo a gente fazia pra aquelas pessoas que tinha mais condição né?. Mandava fazer também a senhora já falecida, a finada Raimunda do Zequinha, é..., o Zé Miguel, um rapaz lá do outro lado, lá do Canoé. Ele era lá do Pirangi. [Eu] trabalhava pra ele. O tio Toinho Carneiro, ele fez. Mandou fazer muito. Todo esse pessoal assim mais antigo, que tinha mais condição né?. Adalto Rocha também fez muito trabalho, tinha muito trabalho. Porque, por aqui mesmo era as pessoas que tinha mais trabalho. A gente trabalhou muito, assim, pra esse pessoal. Aí como veio as encomendas da CEART, aí começou o grupo. Aí passou oito anos, ou mais de oito anos. Aí começou a desunião. Aí foi acabando.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <p>Aí esse aqui, eu num tava com encomenda. Aí eu tava fazendo tudo, todo o processo desse né? (referindo-se a um trabalho exposto na grade). Mas aí, foi o tempo que apareceu uma encomenda, aí eu tirei da grade e fui fazer a encomenda. Aí depois guardei. Aí agora, como não tem encomenda, aí eu tô continuando. Porque essa toalha aqui foi uma senhora que me encomendou, pra fazer pro aniversário de 70 anos dela. E aí ela disse que queria que eu fizesse essa toalha pra ela botar na mesa dela. Aí um dia desse ela apareceu aqui, aí eu perguntei a ela: “mulher, você ainda vai querer?”. Aí ela disse: “vou, eu vou querer a toalha. Você faça que eu vou querer. Aí eu tô fazendo.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Amor pela arte e Resistência | <p>“Ah, quando tu se aposentar deixa esses trabalhos de mão”. Aí eu digo: “não, eu vou trabalhar até quando eu não puder mais, porque eu adoro o meu trabalho”. Terminou de fazer minhas coisas, eu tô na minha grade.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <p><i>A senhora ainda faz?</i> Faço, eu faço, assim, porque ninguém nunca perde o jeito de fazer, mas com grupo de encomenda, como fazia naquele tempo, num tem não.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <p>E eu gosto do meu trabalho. É... apesar... (leve pausa). Eu só sinto dor na coluna. Eu digo que é né?, num sei, mas eu continuo o meu trabalho. Se eu num trabalho... (nova pausa). Porque é uma coisa que eu tô ocupando a minha mente.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Industrialização (outras opções no mercado) | <p>Depois que foi ficar assim, mais difícil assim de vender. Porque caiu muito, apareceu outros modelos de trabalho. Aí, os pessoal deixaram mais de vir comprar, porque achavam muito caro. Eles achavam que o outro (referindo-se a outras peças encontradas no mercado) era mais barato né?. Aí, é tanto que a gente deixou mais de fazer. Eu até nem faço mais nada. Só quando uma pessoa vem pedir pra mim cortar aqui, que eu corto né?, mas no certo é que eu num faço mais, porque num tem onde vender.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <p>E tem outros trabalhos no mercado que imitam a renda. Muito mais fácil, mais bonito, bordado né?. Aqueles ponto cruz, outros tipo de bordado. Poucas pessoas assim, elas fala assim, que a venda desse trabalho, aqui mesmo no Ceará, num vende. Vende pra fora, tem que vender pra fora, e é muito difícil. No mercado, pra vender labirinto, é muito difícil.</p> | Valor social e comercial da renda labirinto |

(continuação)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|---|---|--|
| Industrialização e Produção da renda | Tem tanta toalha bonita que é muito mais barata, mas é uma máquina que faz, num é a gente passar dias e dias sentada no chão pra fazer tudo isso na mão né?. <i>Quanto tempo, em média, se gasta pra fazer uma toalha dessa?</i> Se for trabalhar mesmo, direto, pra quem trabalha ligeiro, é mais ou menos 4 meses, pra fazer tudo. Se trabalhar ligeiro! Mas tem gente que passa muito tempo. Eu faço até menos de 4 meses. Eu faço. Uma toalha de 3 metros, eu apronto. Já veio encomenda pra eu aprontar em três meses. Já foi aprontada, mas é muito trabalho só nisso, nada de coisa de casa. Às vezes perde até o sono de noite com preocupação com a peça. Por isso que agora, quando elas (CEART) estão encomendando, a gente pede um prazo maior, porque não tem condições da gente fazer no prazo de pressa. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Pluriatividade da agricultura familiar | Eu vivi entre a agricultura e o labirinto. Aí, depois que eu me aposentei como agricultora eu fiquei só no labirinto. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <i>Por que o labirinto é importante?</i> O labirinto é muito importante porque, pra nós, quando nós não tinha emprego, esse trabalho foi de grande ajuda. Por exemplo, eu que tinha esposo agricultor, era complicado, porque na agricultura, às vezes, a gente tem muita perda e aí o artesanato ajudava nas despesas da casa. O labirinto, além de ser bom de fazer, já era um dinheiro a mais né?. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Complementação o da renda familiar | Aí quando eu fiquei mais moça, eu comecei a fazer isso como trabalho, pra ajudar no sustento. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| | <i>O labirinto, ele complementa a sua renda ou é a sua principal fonte de renda?</i> Era. Antes de eu me aposentar, era a principal. Eu me aposentei como agricultora, mas antes... <i>que tipo de agricultura a senhora produzia?</i> Era roça, assim, mandioca, milho, feijão, essas coisas que a gente plantava. Mas o custo mesmo, o que me ajudava mais, era isso aqui, era o labirinto. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Valor comercial | Porque o labirinto é uma peça muito cara e muito custosa (demorada) de fazer. E é muito cara, e o pessoal, como ela é cara, as pessoas num tem mais facilidade pra comprar né. Porque a gente vendia, assim, as pessoas compravam e revendiam em Fortaleza. Mas como apareceu outros trabalhos mais bonitos e mais baratos, bordados e até essas peças de labirinto que é de plástico né?. Aí, tem uns que é de labirinto. É do mesmo jeito do labirinto só que é de plástico, né?. Então, é bonito também. Aí o pessoal compra mais né?, porque o labirinto se torna uma peça muito cara. Aí é muito custoso pra fazer, aí as pessoas num tem mais aquela influência (motivação) pra fazer, num tem mais vontade de aprender. | Valor social e comercial da renda labirinto |
| Valor social | Aí todo mundo se admirava: “como é que elas fazem? Quem passava no caminho, porque nós aproveitava a sombra de manhã né? ou então de tardezinha da frente da casa pra se sentar e trabalhar né?, aí quem passava, parava pra ver né?. Porque num acreditava que a gente sabia fazer, porque tão pequena a gente era. | Valor social e comercial da renda labirinto |

(conclusão)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|------------------------------|--|--|
| Falta de investimento | E aí, até que naquela época veio uns cursos por aí. Consegui uns cursos com as meninas e aí deu certo. Mas, agora mesmo, muitas vezes que eu encontro com as meninas eu digo: "tá muito difícil. Se não houver, assim, nos governos, a coisa que incentiva as pessoas né?, de outra maneira mesmo, dentro né?, da geração de renda do labirinto, vai acabar mesmo. Você pode ver na internet, são muita pouca coisa de labirinto que a gente vê. É mais é bordado, é de outro tipo de coisa. | Valor social e comercial da renda labirinto |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 6 – Categoria Organização Comunitária

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|--|---|--------------------------------|
| Aposentadoria como artesão(ã) | Todas as trabalhadeira desistiram por isso. Porque elas se aposentaram como agricultora, aí se fizesse a carteirinha de artesã, aí quando puxam a folha num esconde nada. Aí tá lá né?. Aí pronto, aí da problema. Porque se você é agricultora e se você é artesã, tem a carteirinha de artesã, num pode. Aí então, isso aí, elas tudo desistiram por isso, maior parte delas. | Organização comunitária |
| | Tem muita pouca gente que quer trabalhar nisso hoje. Porque até que a gente queria formar um grupo nas Porteiras de novo. E o grupo acabou por causa das ganâncias e essas coisas, aí acabou. Aí disseram que quando fosse no aposento da gente ia prejudicar. E ela [Jequitibá] tentou se afastar um pouco pra não dá problema, só que não deu problema nenhum. | Organização comunitária |
| Aposentadoria como artesão(ã) e Formalização da profissão | <i>O artesão agora pode se aposentar como artesão?</i> Pode, eu acho que pode. Porque lá já tem tudo na Receita Federal, quem era labirinteira tudim. Aí a gente, ela [Jequitibá] tentou, ela queria tentar assim, fazer um grupo de novo pra gente trabalhar, mas aí muitas num quis, que sente dor nas costas, num sei o quê, que ganha pouco. | Organização comunitária |
| Aposentadoria como artesão(ã) e Grupo de artesã | E eles gostam mais desses lugares que tem associação, né?. Grupo de labirinteira, de artesã. Aí, tem todo aquele, como você bem sabe, dos trabalhos. Tem a que eles fazem a organização né?, tem secretária, tem num sei o quê. Tem tudo aquilo. E então as meninas aqui, quando a gente veio fazer aqui, que era pra ver. Como elas desistiram, que a gente fez com a Isabel, tudim. Montou tudo. Quando foi na hora elas desistiram, porque tinha que assinar uma folha, e essa folha tinha que ir pra lá (CEART), e quando elas fosse aposentar, porque vez em quando uma se aposenta, aí parece que tava, disseram pra elas que podia dar problema. Sei que elas desistiram por isso. | Organização comunitária |
| Grupo informal | <i>Esse grupo era uma associação?</i> Era só um grupo de labirinteira, não formaram associação, foi só um grupo mesmo. Aí hoje, do grupo mesmo, que ainda permanece trabalhando só sou eu e a Jequitibá, que quando recebe as encomendas bota pras mulheres das Goiabeiras fazerem, paga pra elas fazerem. E outras duas mulheres lá nas Porteiras mesmo. | Organização comunitária |

(continua)

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|---|--|--------------------------------|
| Grupo informal | <i>A senhora tem uma relação com o CEART num é isso? Tinha, na época tinha, porque era grupo de trabalho. Aí o grupo se desfez. Aí, eles gostam de trabalhar com associação, né?. Grupo assim, eles querem 20 pessoas num grupo, né?, que as pessoas possam trabalhar e gerar renda no seu próprio grupo.</i> | Organização comunitária |
| Grupo informal e Formalização da profissão | <i>Porque pra formalizar o grupo tinha que fazer a carteirinha, porque num podia se trabalhar de outra forma não. Eu era uma coordenadora de artesanato, do grupo de pessoas né?. Então era assim, era tão bom, porque a gente era uma família junto. Uma vez ia pra casa duma, depois ia pra casa da outra. Acordava cedo, fazia peça, ia deixar e pegava o dinheiro e dividia. Cada qual, conforme o que você fizesse. Então era bom, mas só por causa disso. Aí houve um curso e elas disseram que não ia fazer carteirinha. E então, ninguém podia obrigar. Aí pronto, o grupo se desfez.</i> | Organização comunitária |
| Políticas Públicas | <i>Se houvesse um incentivo, um investimento, a senhora acha que as labirinteiras pegariam gosto? Assim, um projeto? A única dificuldade que eu achei, que elas mesmo num quiseram, disseram mesmo, que não queriam. Então pronto, a gente não vai. Só vai trabalhar se for assim: você pega o trabalho e você dá pra gente, não em forma de grupo.</i> | Organização comunitária |
| | <i>Poderia dar certo, se fosse só pra formar um grupo pra se reunir, mas pra formalizar não daria certo. Poderia criar, assim, um grupo, que fosse um grupo informal, porque se for pra formar um grupo tipo associação de artesão não dá certo. Tem que ser um grupo individual, aí a gente divide igual né?. Cada um na sua casa. Aí a pessoa contata a pessoa, às vezes pede 20 guardanapos, pede pano pra bandejinha, coisa assim. Aí então, até o contato comigo, eu passo pra elas, aí eu dou, elas faz. Mas num é uma coisa vinculada a um grupo, associação, isso num é.</i> | Organização comunitária |
| Educação contextualizada | <i>Aí, todo artesanato do mundo vai pra lá né?, e aí ela (CEART) não quer acabar. E a mulher até me falou outro dia ali, tava me dizendo, como era de melhorar pra ver, assim, se os jovens queria né?. Só que num tinha condições é de os jovem se interessar pra fazer, assim, pra família mesmo, assim, porque ela vê esse jeito, que as pessoas não querem fazer essa carteirinha, por conta que as pessoas já tinham uma idade né?. Mas, de repente pros jovem né?, que é mais.. assim, elas pensa nisso aí, pra ver se isso num acaba né?.. se não houver um trabalho voltado pra isso, isso vai acabar.</i> | Organização comunitária |
| | <i>É eu acho assim, como se, assim, um grupo que tiver pessoas jovens, que não tiverem nenhum outro trabalho né?. Agora, até escola num deixa né?, pra essa parte também. Educação integrada, que é o dia todo, aí num deixa também, né?, isso. Aí pronto, tirou... da criança, o quê?, de 14 anos, 13 ou 14 anos né?, ela vai e passa o dia lá. Porque, antigamente, as meninas ia pra escola e fazia [labirinto] no outro horário, mas agora num tem mais. Até eu tava dizendo pra ela (CEART): "mulher, o pessoal agora, os aluno, vai pra escola de manhã, só chega de tardezinha, então eles vai querer?, num vai". E lá na escola né?, só no celular lá, aí pronto. Porque aí, enquanto ele tava lá no celular, podia tá uma hora fazendo alguma coisa né?, mas ninguém sabe né.</i> | Organização comunitária |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 7 – Temática Relações de Gênero

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|-----------------------------------|--|---------------------------|
| Mulher chefe de família | <i>O seu esposo era agricultor também?</i> Era, só que a gente separou-se. A gente é separado há 22 anos já. <i>A senhora foi quem assumiu a casa?</i> Fui eu que assumi. A gente separou e ele foi viver a vida dele e nunca me ajudou em nada. Também nunca fiz conta de nada. Eu disse, quando eu me separei, eu sofri muito né?. | Relações de gênero |
| Violência doméstica | Eu perdi meu pai com 12 anos, e aí eu me casei com 15, pensando que a minha vida ia melhorar. Piorou. Porque eu era humilhada, eu sofri muito na vida. Mas eu, assim mesmo, com todo sofrimento, de apanhar, de espancada, ainda vive 22 anos, aguentei 22 anos. Mas aí um dia, chegou uma época que eu num aguentei mais, principalmente, quando ele sofreu um acidente. Ele passou seis meses sem andar e eu foi que cuidei. Puxava cadeira de roda, levava pro hospital. Aí, quando chegou um dia, ele já tava melhor. Ele gastava com bebida e ganhava as farras da vida dele. Aí chegava em casa queria comida, que eu desse comida, sem eu ter, aí sempre ele me batia. Aí nesse dia, eu meio doente, e ele puxando duma perna ainda, mas partiu pra agressão, aí me espancou. Aí ele jogou as minhas coisas, eu num tinha nada, mas o que tinha ele jogou fora da casa. Eu sei que separamos e eu dei graças a Deus, porque antes que eu perdesse a minha vida eu preferia pedir esmola pra comer. Passei de toda noite e todo dia, ele jurava de me matar. Ele chegou a botar faca no meu pescoço e minha filha assistindo tudo, ela tinha 15 anos. E a gente já vivia separado, mas ele não queria sair de casa porque num queria me dar os trocados, que ele dizia que eu num tinha direito a nada. Eu me divorciei, mas no casamento com o padre (religioso) você sabe que é pro resto da vida né?. | Relações de gênero |
| Divisão sexual do trabalho | <i>E é trabalho só de mulher?</i> Só. Antigamente os homi fazia, mas agora... <i>Fazia?</i> Fazia, pessoal de antigamente tudo fazia, muita gente, até meu irmão que faleceu, num tá com três meses, ele cansou de fazer. Porque a gente era de uma família muito pobre e pra ele comprar uma coisinha, tinha que fazer. | Relações de gênero |

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 8 – Temática Educação

| IDEIAS CENTRAIS | FALAS | TEMA |
|------------------------|--|-------------------------------------|
| Educação formal | Eu passei muita coisa, muita necessidade, porque toda a minha vida foi pobre. Eu disse, se eu fosse uma pessoa que soubesse muito ler(...), que era o meu sonho, era saber ler e ser costureira. Não era tanto o labirinto. Mas só que eu não tive essa oportunidade, porque eu nem estudar pude. Porque a minha mãe não podia comprar os livros. Morava no Córrego do Sal, não tinha como comprar um livro, uma farda, uma coisinha, não tinha. Aí eu, no segundo ano, deixei de estudar. Mas apesar de pouco, mas eu ainda sei ler. Mas era muito difícil, era difícil até pra comprar um lápis. A gente partia no meio, era um pedaço pra um e outro pra outro. Foi muito difícil, muito. | Educação formal e não formal |

(continua)

| | | |
|----------------------------|---|-------------------------------------|
| Educação não formal | A gente até estudou, assim, quantos dias você passa, você cortava, você desfiava, toda essa parte, estudou tudo. E a gente já sabe, pra calcular o custo, a gente já sabe tudim, quantas horas, quantos dias. Então em cima disso aí, depois que a gente fez, a gente calculou o valor da peça né?, dessa peça, em quanto tempo faz. E aí, se você ver o valor da peça, fica lá em cima né?. E o valor dela não pode ser vendida pelo valor, aí então, de repente, você tem um comércio, você que sabe que você vende por um tanto, mas você sabe que pode ser vendido pelo preço X, aí, de repente, aí você não pode vender por aquele preço né?. Então, você tá fazendo o que?: você tá perdendo. Aí, muita gente num quer investir nessa arte. | Educação formal e não formal |
|----------------------------|---|-------------------------------------|

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

As categorias de análise foram identificadas a partir das frequências nos depoimentos. Já as temáticas menos citadas foram utilizadas na pesquisa como contribuições, mas não como categorias. Com isso tivemos: Saber Popular apresentado em 24 falas; Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto apresentado, também, em 24 falas; Organização Comunitária, citada em 11 falas; e Relações de Gênero e Educação, demonstradas em três e duas falas, respectivamente.

Para facilitar a compreensão, os esquemas a seguir demonstram como as ideias foram separadas e alocadas de acordo com as categorias.

2.3.1 Esquemas das frequências das ideias centrais contidas nas falas

O gráfico a seguir configura a categoria conceitual e de análise Saber Popular. Na subcategoria Como aprendi, citada nove vezes, a Transmissão geracional apareceu seis vezes; Saber de experiência, duas vezes; Busca pelo Saber, uma vez. Na subcategoria Como faço, citada 10 vezes, a Divisão do trabalho apareceu seis vezes; Produção da renda, duas vezes; Comercialização e Resistência, uma vez cada. Na subcategoria Como ensinei, citada cinco vezes, a Transmissão geracional apareceu três vezes e a Educação não formal, duas vezes.

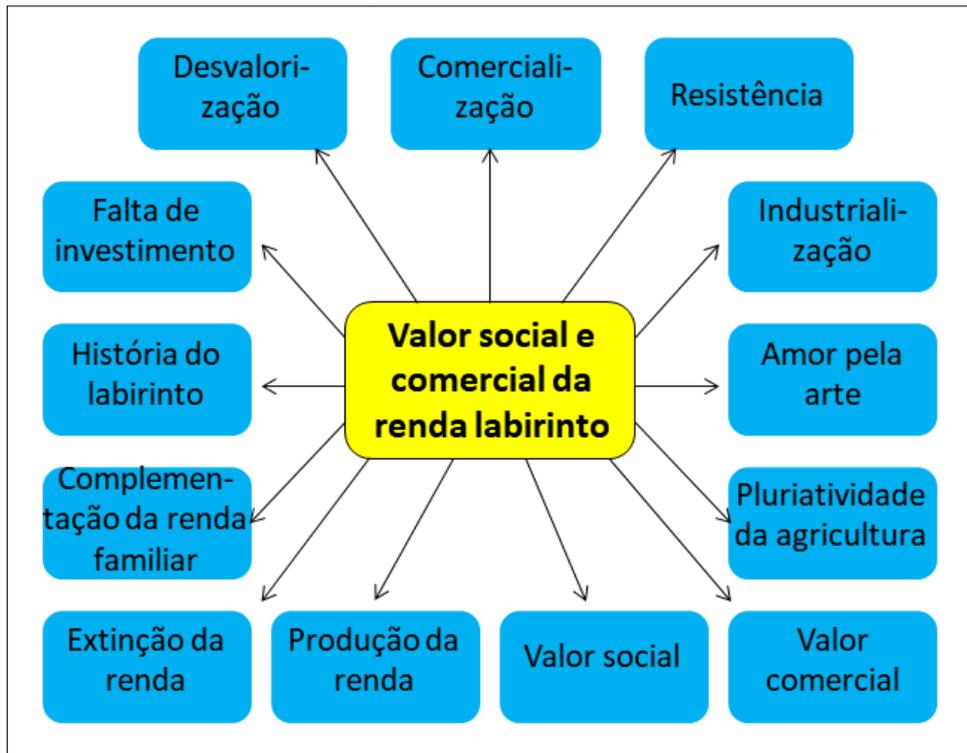
Gráfico 1 – Esquema da categoria Saber Popular



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

A categoria Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto surgiu a partir de 13 ideias centrais. Assim, a Desvalorização da Renda foi citada sete vezes; Comercialização, cinco vezes; Resistência, Amor pela arte e Industrialização, três vezes cada; Pluriatividade da agricultura familiar e Complementação da renda familiar, duas vezes cada; Produção da renda, Falta de Investimento, História da renda labirinto, Extinção da renda, Valor social e Valor comercial, uma vez cada. Vale salientar que em alguns depoimentos havia mais de uma ideia.

Gráfico 2 – Esquema da categoria Valor Social e Comercial



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Na categoria Organização Comunitária tivemos: Aposentadoria como artesão (ã), citada quatro vezes; Grupo informal, três vezes; Formalização da profissão, Educação contextualizada e Políticas Públicas, duas vezes cada; e Grupo de artesãs, uma vez.

Gráfico 3 – Esquema da categoria Organização Comunitária



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

As temáticas menos citadas foram Relações de gênero e Educação. Em Relações de gênero o tema Mulher como chefe de família apareceu uma vez, assim como Violência doméstica e Divisão sexual do trabalho. A Educação formal e Educação não formal apareceram uma vez cada.

Gráfico 4 – Esquema das temáticas menos citadas



Fonte: elaborado pela autora, 2018.

3 VAMOS CONHECER PARIPUEIRA?

A ocupação de parte do nosso litoral teve início durante a chegada das grandes navegações que trouxeram os portugueses para o Brasil. Com o litoral cearense não foi diferente. Muito embora sua ocupação tenha ocorrido de maneira mais lenta, seu desenvolvimento foi acontecendo na medida em que as trocas comerciais foram se tornando vantajosas para os comerciantes locais.

De acordo com Vasconcelos e Coriolano (2008), o litoral do Ceará é ocupado por uma metrópole, que é a cidade de Fortaleza, capital do Estado, e por outras cidades de pequeno porte, com menos de 50.000 habitantes. A expansão urbana do litoral cearense se deu principalmente a partir da segunda metade do século XX, e provocou inúmeros impactos socioambientais de naturezas distintas.

3.1 Descobrimo Beberibe

O Ceará possui 184 municípios, sendo 21 fixados em toda a faixa litorânea. Dentre os 21 municípios litorâneos tem Beberibe, localizado no Território do Litoral Leste do Estado do Ceará, distante 78 km de Fortaleza. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa da população de Beberibe em 2017 era de 53.110 pessoas. Em 2010, período do último censo, ocupava a 34ª posição como município mais populoso do Estado, com 49.311 habitantes.

Segundo o site da Prefeitura de Beberibe, o município está situado nas terras das sesmarias concedidas ao Capitão Domingos Ferreira Chaves, Manuel Nogueira Cardoso, Sebastião Dias Freire e João Carvalho Nóbrega e pelo Capitão-Mor Tomaz Cabral de Olival, em 16 de agosto de 1691. Anos após a “conquista” das terras brasileiras e sua divisão em capitâneas hereditárias, os primeiros engenhos começaram a se instalar na região.

O mapa a seguir, do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), destaca a localização de Beberibe no Estado.

Figura 1 – Mapa do Ceará com Beberibe em destaque



Fonte: adaptado pela autora a partir de ipece.gov.br, 2018.

Beberibe é uma palavra originária do tupi, que significa lugar onde cresce a cana. Antes de se tornar município, Beberibe era um dos distritos pertencentes ao município de Cascavel, juntamente com Itapeim (ex-Cruzeiro), Parajuru (ex-Barrinha), Paripueira e Sucatinga. Em 1963 os distritos de Itapeim, Parajuru e Paripueira foram elevados à categoria de município, mas em 1965 foram novamente rebaixados a distritos. Apenas em 1988, Beberibe, já elevado à categoria de município passa a ter seis distritos: Forquilha, Itapeim, Parajuru, Paripueira, Serra do Félix e Sucatinga. (IBGE, 2017)

De acordo com o documento Perfil Municipal – 2017, Beberibe foi criado em 1892, muito embora um de seus distritos tenha sido criado muitos anos antes. O registro de criação dos distritos de Itapeim, Parajuru e Sucatinga são de 1951. Já

Serra do Félix foi criado em 1987. O distrito de Paripueira, mais antigo de todos, foi criado em 1838. Quanto a Forquilha, não há registro sobre sua fundação. (IPECE, 2017)

A figura abaixo traz a divisão distrital e os limites municipais de Beberibe.

Figura 2 – Limites municipais e distritais – região de planejamento Litoral Leste



Fonte: IPECE, 2018.

Com uma extensão territorial de 1.623,9 km², faz divisas com Cascavel, Morada Nova, Russas, Palhano, Ocara, Fortim e Aracati.

De acordo com o censo de 2010, 43,83% da população residia nas áreas urbanas e 56,17%, nas áreas rurais, sendo 50,41% homens e 49,59% mulheres. O mesmo censo demonstra que havia 12.541 pessoas em situação de extrema pobreza⁵, ou seja, 25,43% da população beberibense. Desses pouco mais de 25%, 18,29% se encontravam na zona urbana e 31,01% na zona rural, sendo 3.952 e 8.589 pessoas, respectivamente. (IPECE, 2017)

⁵ Pessoas com rendimento domiciliar *per capita* mensal de até R\$ 70,00.

O município possui cinquenta e seis escolas municipais, três estaduais e quatro privadas. São 606 docentes, sendo 110 locados nas instituições estaduais, 472 nas municipais e 45 nas particulares. (IPECE, 2017)

O número de empregos formais em 31 de dezembro de 2016 era de 4.741. A maior parte das atividades formais estava na administração pública: ao todo, 2.315 pessoas empregadas só neste setor. O segundo setor com mais empregos era a agropecuária, com 1.035, sendo 920 homens e 115 mulheres. (MINISTÉRIO DO TRABALHO, 2018)

Beberibe está entre os municípios cearenses com maiores atrativos turísticos. São praias, falésias de areia colorida, dunas, lagoas, áreas de mangue, além de hotéis e pousadas que oferecem diversas opções de infraestrutura e lazer. Além disso, dispõe de feiras livres tradicionais, que ocorrem sempre aos domingos, onde é possível encontrar diversos tipos de artesanato como a renda de bilro, renda labirinto, bordados, recipientes com areia colorida e trançado em palha, que são vendidos para turistas nacionais e internacionais.

Outro atrativo de Beberibe é seu calendário cultural e religioso. Dentre as várias festas que acontecem ao longo do ano, as mais populares são: Carnaval (fevereiro/março), Festa de São Pedro (junho), Festa de Nossa Senhora do Carmo (julho), Aniversário do Município (julho), Regata dos Campeões em Morro Branco (julho), Festa de São Francisco em Paripueira (outubro), Regata da Prainha do Canto Verde (novembro), Regata de Jangada da Barra de Sucatinga (dezembro) e Reveillon (dezembro).

O município possui uma Política Municipal de Cultura que tem por objetivos tornar a cultura um dos componentes básicos para a qualidade de vida da população; preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural; garantir a sobrevivência das tradições culturais locais; e democratizar a gestão cultural. Entretanto, apesar dos esforços da Política Municipal de Cultura, vale lembrar dos dados do IBGE (2014), mencionados no capítulo que trata da metodologia, que demonstram que houve uma diminuição de percentual de pessoas que trabalham com a atividade renda no município de Beberibe.

Contudo, é preciso refletir que apesar de ter ocorrido uma diminuição de percentual, 0,4% não pode ser considerado um número tão assustador, principalmente quando os dados não especificam o tipo de renda.

3.2 Paripueira Cearense: uma terra entre águas

Paripueira é um distrito pertencente ao município de Beberibe, distante 117 km da capital Fortaleza e que, durante muitos anos teve como principais fontes de renda a pesca artesanal e a agricultura.

Segundo Vasconcelos e Coriolano (2008, p.263)

os núcleos habitacionais, que se transformaram em cidades, que se alocam em toda costa do Ceará são, em sua grande maioria, comunidades pesqueiras de pequeno porte que tinham na atividade da pesca artesanal a principal fonte de sustento da população. A renda familiar é complementada pelo artesanato de palha e de têxtil, pela produção de rendas de bilros e labirintos, ou pelo extrativismo vegetal do coco e da carnaúba como principais representantes.

Composto por outras pequenas localidades, é difícil precisar quantas e quais pertencem a Paripueira. Porém, de acordo com alguns moradores antigos, temos: Campestre da Penha, Canoó, Córrego de Santa Maria, Córrego do Sal, Córrego I e II, Córrego III (dos Caetanos), Correia, Goiabeiras, Lagoa da Poeira, Lagoa das Porteiras, Lagoa de Dentro, Lagoa dos Tanques, Os Moraes, Prainha do Canto Verde, Quatro bocas, Sítio Caraúbas, Tanque do Ribeiro e Volta do Socó.

Embora a agricultura familiar esteja enraizada em sua história, Paripueira foi, por muito tempo, considerada uma comunidade tradicional de pesca artesanal, pois de acordo com a definição de Diegues (2001, p. 51 e 52),

comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. [...] Esse 'know-how' tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não têm outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos naturais é de fundamental importância.

Entretanto, caracterizar uma comunidade como “tradicional” não remete apenas ao modo de vida dessa comunidade. Diz respeito, sobretudo, ao modo como essa comunidade se reconhece, o que, se tratando de Paripueira, não é o caso. Para alguns moradores, considerar Paripueira uma comunidade de pesca ou zona

rural de Beberibe é um verdadeiro insulto. Outros, por outro lado, veem nisso um motivo de orgulho.

O distrito dispõe de alguns equipamentos básicos de infraestrutura, como energia elétrica e iluminação pública, posto de saúde, cartório, pequenos comércios, algumas ruas pavimentadas, igreja, praça, mercado e escolas.

Das 63 escolas do município de Beberibe, seis estão em Paripueira. Todas são públicas e duas estão localizadas no Centro do distrito. As outras quatro, nas localidades de Correia, Caetanos, Lagoa de Dentro e Córrego do Sal⁶.

As escolas recebem energia elétrica da rede pública e coleta de lixo periódica (exceto uma). Todas possuem esgoto sanitário por fossa e água de poço artesiano. Apenas uma possui cisterna e tem como destinação do lixo a queima.

Dentre os equipamentos sociais de Paripueira, o mais importante é a Igreja Nossa Senhora da Penha.

Figura 3 – Igreja de Nossa Senhora da Penha - Paripueira



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Construída em 1866, é a partir dela e ao redor dela que todas as histórias e crendices locais são constituídas. Em comemoração aos 150 anos da Igreja, em 2016, foi inaugurada uma placa contendo informações sobre sua fundação. Segundo o que consta na placa, a primeira capela de Paripueira na verdade foi construída

⁶ Informações disponíveis em escola.inf.br/beberibe

com taipa muitos anos antes⁷. Somente em 1866, com incentivo do penitente Luiz, a comunidade se empenhou na construção da atual igreja, que foi fundada pelo patriarca português Raimundo Vieira e se tornou patrimônio religioso, histórico e arquitetônico de Paripueira e de toda a região.

A igreja sempre esteve no centro dos acontecimentos, como se ela fosse o principal pilar daquela comunidade e tudo girasse, literalmente, em volta dela.

Há muitos anos, homens se reuniam no patamar da igreja para confeccionar redes de pesca. As mulheres também utilizavam o espaço para fazer labirinto.

Embora isso não aconteça mais, ainda podemos ver resquícios da Renda Labirinto nas tradições religiosas. As próximas imagens demonstram que ela se faz figura presente nos festejos, sendo a igreja grande propagadora desse tipo de artesanato.

Figura 4 – Interior da igreja de Nossa Senhora da Penha



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

A imagem foi registrada durante os festejos de São Francisco, em outubro de 2017, e mostra uma toalha sobre a mesa do altar, confeccionada com labirinto.

⁷ Não há informação concreta sobre quando esta primeira capela teria sido construída.

Também encontramos a renda presente na indumentária dos sacerdotes, como mostram as imagens obtidas a partir do perfil da Igreja Nossa Senhora da Penha, no *facebook*⁸.

Figura 5 – Indumentária dos sacerdotes com detalhes de Renda Labirinto



Fonte: adaptada pela autora a partir do perfil Igreja da Penha, 2018.

Como mencionei no projeto de pesquisa, Paripueira faz parte da minha história. Cresci ouvindo relatos sobre a região: muitos deles referentes às crenças populares. O boitatá, por exemplo, personagem típico do folclore brasileiro, teve suas andanças pelas terras paripueirenses. A lenda do Boitatá⁹ é de origem indígena, e a palavra Boitatá, em tupi-guarani, significa cobra (*boi*) de fogo (*tata*).

Mas o “batatão” não foi o único personagem a assustar os pescadores da localidade. Outros relatos tratam de uma grande cobra preta que percorria as áreas alagadas do Mangue Seco e que até hoje estaria escondida por lá.

Outro fato curioso diz respeito ao nome da localidade. Os antigos costumavam dizer que há muitos anos houve um padre, recém-chegado na região, que, certa tarde ensolarada, passeava pela rua quando foi surpreendido por um vento forte que carregou seu chapéu. Perseguindo seu objeto, empurrado pela

⁸ Perfil: Igreja Nossa Senhora da Penha – Paripueira - CE

⁹ Dependendo da região do Brasil, o nome do personagem pode variar: Baitatá, Biatatá, Bitatá e Batatão. Embora assustador, o Boitatá, segundo a lenda, é um protetor das florestas.

tempestade de areia, o padre teria gritado: “Pare poeira!”. A partir daí a localidade passaria a se chamar Paripueira.

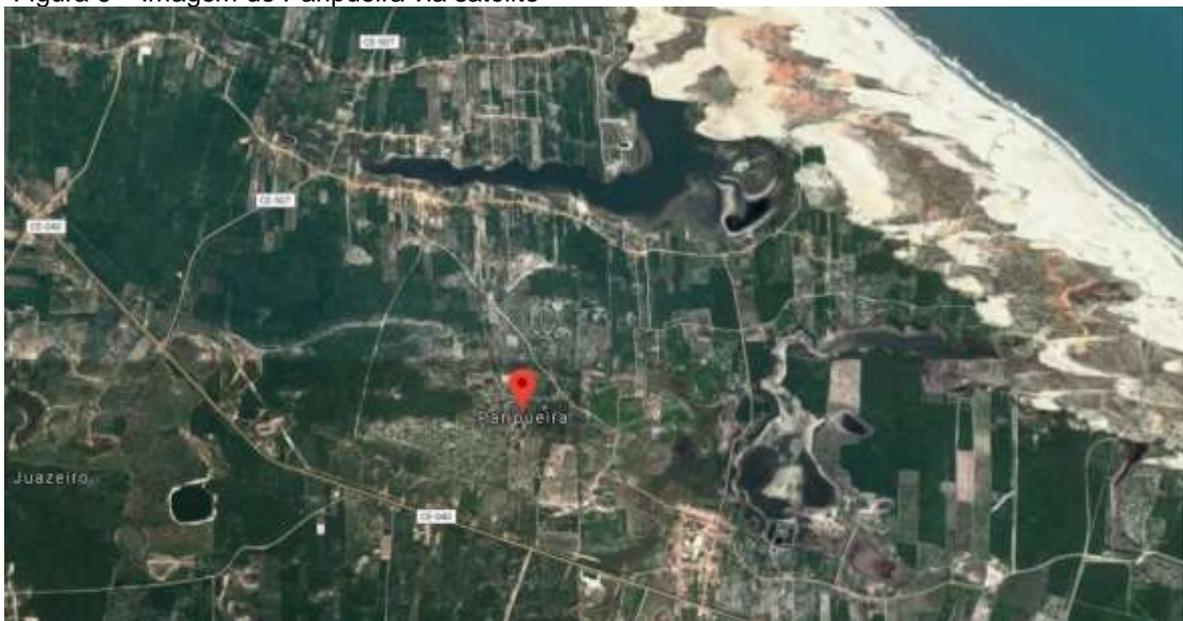
Embora achando a história do padre “simpática”, procurei algum documento que relatasse a real história acerca da origem do nome da localidade. Sem muito sucesso, resolvi buscar o significado de Paripueira e descobri as seguintes denominações:

a) de acordo com o dicionário informal, o significado da palavra Paripueira em tupi-guarani pode significar, literalmente: água de barragem, originada da junção *pari+ipueira*; ou “o que foi curral de peixe”, da junção *pari+puera*;

b) de acordo com Pe. Barbosa (1951) em seu Pequeno Vocabulário Tupi-Português, encontramos: *Pari*, que significa “barragem de madeira” (p.151); e *Puera*, que quer dizer algo passado, “o que foi” (p.131). Logo se deduz que Paripueira significa “o que foi barragem”.

Um conto popular interessante fala sobre Paripueira significar “terra entre águas”. Este pode ter algum fundamento, pois Paripueira, além de possuir grande extensão territorial, também possui muitas áreas alagadas¹⁰, como mostra a imagem abaixo.

Figura 6 – Imagem de Paripueira via satélite



Fonte: google maps / Paripueira Beberibe CE, 2018.

¹⁰ A vasta extensão de terras e áreas alagadas pode demonstrar que em algum momento da história houve um bom desenvolvimento da agricultura e da pesca na região.

Independente da real origem, acredito que a correspondência com os índios tupis-guaranis, considerando terem sido os primeiros habitantes da região, faça sentido.

Paripueira possui inúmeras belezas naturais. A Lagoa do Córrego do Sal e a paradisíaca Praia do Paraíso são algumas delas. Infelizmente a falta de investimento tem dificultado o acesso a esses lugares.

Figura 7 – Lagoa do Córrego do Sal – um dos pontos turísticos de Paripueira



Fonte: acervo pessoal da autora, 2018.

A Lagoa do Córrego do Sal é um dos atrativos dos moradores e visitantes de Paripueira. Durante os fins de semana, as pessoas se dirigem até a “Lagoa do Dedé” para desfrutarem de um bom banho de lagoa e se deliciarem com os frutos do mar da região.

Quanto a Praia do Paraíso, a falta de manutenção da estrada tem dificultado tanto a instalação de barracas como, também, o acesso dos turistas, que precisam concluir o percurso a pé ou acabam optando por permanecerem no meio do caminho, apreciando, assim, o pôr do sol do alto das dunas.

Figura 8 – Alto das dunas – Praia do Paraíso



Fonte: acervo pessoal da autora, 2018.

Embora a região de Paripueira tenha sido contemplada com um arsenal de belezas naturais, seu real encanto está nas tradições que teimam em permanecer vivas mesmo diante de tantas mudanças sociais.

Contudo, não há como prever por quanto tempo essas tradições irão resistir, pois parte da população responsável por essa resistência é de pessoas idosas, em sua maioria, aposentadas pela atividade da agricultura.

Se aos poucos as pessoas idosas vão deixando de existir, cabe aos mais jovens manter as tradições herdadas delas. Entretanto, o que se percebe em Paripueira é que os jovens que tiveram oportunidade de sair para estudar e trabalhar migraram para Fortaleza ou cidades vizinhas. Poucos retornaram para Paripueira, e os que retornaram, trabalham em instituições ligadas a prefeitura.

Com isso, observamos que o artesanato vai, assim, enfraquecendo e se perdendo no tempo.

4 ARTESANATO E SABER POPULAR

O Brasil possui enorme diversidade cultural e os mais diferentes tipos de expressões populares. Essa diversidade deveria ser considerada em todos os âmbitos educacionais, valorizando os saberes das comunidades. Entretanto, a realidade é bem diferente.

Neste capítulo, será feita uma abordagem teórica sobre o Artesanato e o Saber Popular, no intuito de auxiliar na reflexão sobre o objeto de estudo.

4.1 Contextualizando o artesanato

O artesanato está entrelaçado com outras criações das tradições e costumes populares que constituem formas sincréticas desenvolvidas por comunidades, etnias e mesmo populações que abrangem grandes regiões geográficas, fazendo parte das expressões identitárias dos povos. (ARANDA, 2017, p.11)

Presente na história de todas as civilizações, o artesanato pode ter tido sua origem com o surgimento do ser humano, a partir da fabricação de pequenos utensílios em pedra, utilizados para a obtenção de alimentos, e foi se modificando ao longo do tempo.

De acordo com Ferreira (2017), o trabalho primitivo corresponde ao primeiro modo de produção que se tem conhecimento, onde as ferramentas produzidas pelos homens eram utilizadas para suprir as necessidades básicas de alimentação e proteção. Com o surgimento de novas atividades, surgiram, também, relações de poder que acabaram por diferenciar, de forma muito visível, as condições de trabalho.

À medida que as mãos eram substituídas pelas máquinas, os mestres de ofícios sofriam nova diminuição: as técnicas os despojavam da autoridade no conhecimento do trabalho, tirava-lhes a dignidade social que haviam auferido como donos de determinado saber, privava-os de remuneração condizente com a qualidade do que executavam. (PORTO ALEGRE, 1994, p.12)

Gregório (2013) conceitua o artesanato como uma atividade universal, que se diferencia no modo de fazer, não só pelos materiais, mas, ainda, na técnica aplicada, característica própria de cada região e cultura. Dessa maneira, entendemos que

a natureza, sempre generosa, colocou à disposição de todos aqueles que estivessem dispostos a respeitá-la, uma quantidade e variedade de materiais e possibilidades, apenas limitada pela nossa imaginação. O artesão aproveitou essa dádiva e [...] deformou, cortou, talhou, teceu, fundiu, deu cor, conjugou odores e, sabores. (CUNHA, 2011, p.96)

Para Canclini (1983), o artesanato se apresenta dentro de uma relação capitalista bastante complexa: ele é um fenômeno econômico não capitalista devido a sua forma de confecção, ao mesmo tempo em que se insere no sistema capitalista como mercadoria.

Ao avaliar a posição do artesanato na conjuntura dos conflitos efetivos ao processo de estruturação das formas modernas de produção e trabalho, Canclini (1983) afirma que apesar do surgimento das manufaturas e das fábricas, os artesãos insistiram desenvolvendo atividades manuais que estão à margem da produção industrial, mas não fora da lógica do sistema capitalista, muito menos de maneira desvalorizada.

O autor destaca a produção artesanal moderna como uma “necessidade do capitalismo”, visto que assim como os outros tipos de manifestações populares, ela realiza funções na reprodução social e na divisão do trabalho atuando de maneiras diferentes dentro do sistema. Ele defende que a produção artesanal se faz necessária ao capitalismo uma vez que atua sobre as deficiências de estrutura agrária, possibilitando a fixação do homem no campo. Nesse sentido, o autor ainda afirma que o trabalho artesanal age como

um recurso econômico e ideológico utilizado pelo Estado para limitar o êxodo camponês e a conseqüente entrada nos meios urbanos, de maneira constante, de um volume de força de trabalho que a indústria não é capaz de absorver e que agrava as já preocupantes deficiências habitacionais, sanitárias e educacionais. (CANCLINI, 1983, p.73)

Segundo Porto Alegre (1994), o trabalho artesanal no período do Brasil colônia não era importante para o desenvolvimento econômico. Esse trabalho apenas garantia a sobrevivência de quem não estava incluso no mercado, como era o caso dos negros, índios e mestiços livres. Pereira (1979) reforça que, com o tempo, conforme os núcleos populacionais foram se expandindo, a atividade artesanal se desenvolveu, passando a ser destinada a suprir as necessidades locais de aldeias, vilarejos e fazendas.

Souza (1994) ressalta que o Nordeste conseguiu conservar por muito tempo uma atividade artesanal bem conceituada, ainda que seu retorno financeiro não fosse satisfatório e que, do ponto de vista da produção, o artesanato sempre desempenhou um papel fundamental para a economia, tanto na zona rural, especialmente em regiões suscetíveis a variações climáticas e a consequentes períodos de estagnação, quanto na zona urbana, minimizando as tensões sociais e concentrando um contingente significativo de mão-de-obra excedente do sistema industrial.

No Ceará, o artesanato é um artigo muito importante, pois além de ser atrativo turístico, também contribui para as indústrias têxtil, de confecção e design, agregando valores aos produtos. Dessa forma, vários profissionais de diferentes áreas, como arquitetos ou designers, aliam-se aos artesãos, “capacitando-os” para suprirem algumas demandas do mercado.

Embora constitua um sistema de produção à parte, a relação entre o artesanato com as indústrias pode ser confundida, fazendo surgir assim termos como “artesanato- industrial” ou “indústria artesanal”. (PEREIRA, 1979)

Barroso Neto (2002) reforça que o principal valor agregado de um produto que resulta de uma atividade manual é o tempo e a paciência que foram empregadas em sua confecção, sendo irrelevante o seu valor cultural. Por se tratar de um trabalho essencialmente repetitivo exige habilidade, mas provém de uma capacidade artística e criativa capaz de intervir e alterar cada nova peça executada. O autor ainda ressalta que no Brasil o artesanato sempre esteve inserido no campo dos programas de assistência social, sem considerar sua dimensão econômica e social. Somente com a criação do Programa SEBRAE¹¹ de Artesanato, a partir de 1998, que tal atividade passou a ser vista de forma sistêmica, atuando em todos os pontos da cadeia produtiva.

Para D’Ávila (1983), o artesanato está relacionado à questão do emprego, como uma opção a curto prazo, especialmente nos países em desenvolvimento, pois o incentivo à produção artesanal demanda baixos investimentos, dando chances a uma imensa parcela da população à participação econômica efetiva. O autor ressalva a importância do processo de produção artesanal para o resgate de valores humanos e o alto valor agregado do produto artesanal, sendo este segundo uma

¹¹ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

condição para adentrar em países onde os produtos manufaturados têm o melhor mercado.

A maioria dos países em desenvolvimento reconhece o valor social evidente conferido ao artesanato, pois ele representa um segmento significativo do Produto Interno Bruto (PIB), além da quantidade de mão de obra que ocupa e, ainda, seu inestimável valor cultural uma vez que se trata da expressão mais autêntica do saber e do fazer popular. (BARROSO NETO, 2002)

Silva (2011, p.47) salienta seu valor ao dizer que

a complexidade que envolve os estudos sobre o artesanato decorre do fato de que este, na qualidade de elemento componente do patrimônio cultural, incorpora-se ao conjunto de monumentos, documentos e objetos que constituem a memória coletiva de um povo e, portanto, deve ser considerado do ponto de vista social e cultural. Por outro lado, o artesanato também possui características que atendem aos interesses da sociedade de consumo, como o valor estético e o simbólico; dessa forma, seu potencial econômico é crucial para o acirramento das discussões.

Em Fortaleza, os principais pontos de comercialização são a Central de Artesanato do Ceará (CEART), o Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR), a feirinha de artesanatos da Avenida Beira Mar e o Mercado Central, onde é possível encontrar produtos de várias tipologias.

Para Silva (2011), o apelo cultural do empreendedorismo, e seu viés compulsório com a aplicação de políticas de geração de emprego e renda associadas aos programas de concessão de crédito produtivo popular, acentuou a produção artesanal tornando-a alvo de grandes investimentos.

Assim, Freitas (2006, p.18) contribui dizendo que

o aumento da receptividade dos produtos artesanais pelo mercado vem intensificando sua produção e este é um ponto que tem merecido atenção no tocante ao planejamento, organização e condições de trabalho.

Barroso Neto (2002, p. 10) observa que “quem compra artesanato, está comprando também um pouco de história. Nem que seja a sua própria história de viagens e descobertas”.

Além disso, Silva (2009, p.4) complementa ao afirmar que,

o artesanato considera as quatro dimensões propostas pela sustentabilidade: a social, ao gerar trabalho e renda a pessoas desfavorecidas economicamente; a ambiental, ao possibilitar a utilização de

resíduos descartados precocemente e de materiais menos nocivos; a econômica, por ser voltado para fins de comercialização com base na identificação de uma demanda; e a cultural, ao respeitar a individualidade do artesão e das características locais da comunidade a qual pertence e preservar a cultura local.

A autora faz uma colocação muito completa sobre o alcance do artesanato e sua importância para o meio ambiente ao considerar as quatro dimensões propostas pela sustentabilidade. Entretanto, embora concorde com suas palavras, acrescento que na dimensão social não vejo que sua contribuição diga respeito somente à geração de renda a pessoas menos favorecidas, pois é possível considerar um apoio muito mais amplo. O artesanato pode ser utilizado, por exemplo, como terapia ocupacional em grupos de pessoas que sofreram algum trauma, trabalhos com idosos, com crianças, jovens em situação de vulnerabilidade social, viciados em recuperação, dentre tantas outras contribuições.

De acordo com Aranda (2017), o artesanato possui dentro de suas práticas formadoras uma especificidade pedagógica que diz respeito ao “aprender fazendo”. Esta ideia que combina a aprendizagem com a criatividade, não é importante somente para o desenvolvimento das técnicas artesanais, mas, também, para o desenvolvimento das habilidades humanas que se projetam em diversos cenários, tanto na produção quanto na solução de problemas e desafios do cotidiano. Geralmente o desenvolvimento de habilidades manuais e a relação com o artesanato tem início no ambiente familiar, considerado por ela como uma primeira escola. Entretanto, este processo nem sempre continua na educação formal, e muitas das experiências acabam se perdendo.

Dias (2003) completa enfatizando que o artesanato para as categorias populares se fundamenta na experiência vivida e transmitida de geração para geração. Logo, pertencer a uma família de artistas ou crescer em meio artesanal é, geralmente, um meio não só de dar continuidade ao segmento, mas conservar os vínculos afetivos, a memória e as trocas simbólicas, necessários à administração do cotidiano de cada artesão.

Considerando as experiências vividas, existe uma confusão muito comum sobre o que se considera artesanato e arte popular. Ao distinguir o artesanato da arte popular, Pereira (1979) afirma que o artesanato traz em si o interesse do comércio imediato enquanto a arte popular não visa atender, originariamente, a nenhuma finalidade econômica, muito embora seja eventualmente comercializada.

Dessa forma, artesanato e arte popular assemelham-se por suas fontes de produção, mas diferenciam-se por suas finalidades.

Independente do “para quê”, no artesanato as pessoas constituem ações que promovem o desenvolvimento de capacidades e saberes. Na medida em que vão se relacionando, vão construindo conhecimentos para prover as necessidades de aprender e ensinar a partir de uma realidade.

O artesanato, como outras formas de manifestações artísticas, está presente em diversos espaços educacionais, especialmente nas “estruturas” da educação não formal. Segundo Gohn (2015, p.17), “os processos de aprendizagem na educação não formal ocorrem a partir da produção de saberes gerados pela vivência”. A autora salienta que este tipo de educação engloba saberes e aprendizados que são gerados ao longo da vida, de maneira individual ou coletiva, como as experiências de participação social, cultural ou política desde projetos sociais, movimentos sociais, cidadania, luta contra desigualdades sociais entre outras.

A prática educativa que existe na produção do artesanato, ao se articular com os interesses de artesãs e artesãos, identifica-se como um saber capaz de gerar não apenas a promoção da atividade em si, mas de desenvolver o pensamento crítico dos envolvidos no processo. Assim,

conhecer é parte indissociável de um processo concreto de saber, onde se combinam o sentir/pensar/agir de sujeitos concretamente situados no tempo e no espaço e relacionados uns com os outros e com os objetos do seu mundo. Implicam-se em reciprocidade a produção/reprodução do saber e a produção/reprodução dos sujeitos e dos objetos do saber em processo onde a educação exerce mediação fundamental. (MARQUES, 2006, p.155 e 156)

Freire (2014) defende que a educação se configura como uma ferramenta de intervenção no mundo, que além do conhecimento dos conteúdos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. “Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante”. (FREIRE, 2014, p.96)

Para Noronha (1986, p.138) a prática educativa de trabalhadores e trabalhadoras se dá no cotidiano do trabalho, pois é justamente onde ocorrem “as

relações mais fortes de reprodução da existência, de aprendizagem da cidadania e de uma nova ética”.

Partindo das palavras de Freire e Noronha, iniciaremos o próximo tópico falando um pouco sobre a Educação até chegarmos ao Saber Popular.

4.2 Educação e Saber Popular

Para iniciar uma discussão acerca do Saber Popular, é preciso perpassar uma esfera mais ampla que é a Educação. Para isso, serão utilizados os estudos de autores como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Maria da Glória Gohn, José Carlos Libâneo, Carlos Rodrigues Brandão, dentre outros.

Segundo Evangelista e Machado (2000, p.118), educação

refere-se ao conjunto das influências do meio sócio-histórico sobre os indivíduos, que os levam a adquirir ou fazer sair de si as características próprias do ser humano (atividade, sociabilidade, consciência, liberdade e universalidade).

A educação pode ser entendida como um processo contínuo de socialização que vai se desenvolvendo desde o nascimento até o fim da vida. No decorrer do tempo vamos adquirindo habilidades, absorvendo valores e transmitindo conhecimentos.

Para Gadotti (2017), a educação é

um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade. [...] Toda educação é necessariamente situada historicamente. (GADOTTI, 2017, p.1)

De uma maneira mais básica a literatura nos mostra três tipos de educação: a educação escolar ou educação formal, relacionada ao ensino escolar, resguardado por leis; a educação informal, relacionada à socialização do indivíduo a partir de suas relações familiares ou de grupos característicos; e a educação não escolar, comumente chamada de educação não formal, relacionada à formação dos indivíduos para que estes se tornem cidadãos do mundo a partir de suas próprias vivências de mundo.

Gohn (2015, p.15 e 16) nos reforça que

a educação propriamente dita é um conjunto, uma somatória que inclui a articulação entre educação formal, aquela recebida na escola, regulamentada e normatizada por leis, via um conjunto de práticas que se organizam em matérias e disciplinas; a educação informal, aquela que os indivíduos assimilam pela família, pelo local onde nascem, religião que professam ou por meio do pertencimento a uma região, território e classe social da família; e a educação não formal, que tem um campo próprio, embora possa se articular com as duas anteriores.

Segundo Libâneo (1994) os estudos que abordam as diferentes formas de educação caracterizam as influências educativas como não-intencionais e intencionais. A primeira diz respeito às influências do meio social e do meio ambiente sobre os indivíduos. Essas influências podem ser denominadas também de educação informal, e correspondem a processos de obtenção de conhecimentos, vivências, ideias, valores, que não estão ligados diretamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. A segunda refere-se às influências onde existem intenções e objetivos definidos conscientemente, como por exemplo, a educação escolar e extra-escolar.

Partindo dessa concepção podemos trazer o que nos diz Paulo Freire em sua obra Educação como prática da liberdade, sobre a relação do homem com o mundo. Para ele,

a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. [...] Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 1967, p.43)

Percebendo que na confecção da renda labirinto, assim como na produção de qualquer tipo de artesanato, existe um processo educativo muito forte e que é justamente a educação a responsável pela “manutenção” de muitas atividades produtivas artesanais, torna-se fundamental demonstrar sua relevância. E ao pensar nesse “processo educativo/produtivo” vem à tona a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, quando ele trata da dialogicidade e afirma que a educação legítima não ocorre de A para B ou de B para A, mas de B com A, mediatizados pelo mundo.

Logo, essa educação inserida no processo de produção artesanal é uma educação, ao que parece, trabalhada de forma horizontal, onde os sujeitos envolvidos absorvem os ensinamentos relacionando-se uns com os outros.

Marques (2006, p.182) reforça que

ensinar e aprender não é repetir, mas é recriar e projetar em situação dialógica por onde começa um novo processo, contrário ao desgaste da vida e à decadência, imune às fantasias oníricas da imaginação não fundamentada nas possibilidades historicamente construídas.

Para Charlot (2000), logo que nascemos já estamos sentenciados a obrigação de aprender. O autor sugere que

nascer é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. Entrar em um mundo onde ocupa um lugar (inclusive, social) e onde será necessário exercer uma atividade. [...] Aprender para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). (CHARLOT, 2000, p.53)

Não há como desprender-se da ação de aprender. Ainda que um ser humano se encontrasse em situação de total isolamento, ele teria que aprender a lidar com a solidão e a desenvolver habilidades para sua sobrevivência. Entretanto, o processo de aprendizagem ocorre melhor quando há interação com o mundo. Assim,

a atividade humana, ou práxis pela qual o homem cria e compreende a si mesmo e o mundo, opera no espaço de luta definido entre o que existe e o mundo de possibilidades que o homem vislumbra. Inserido na situação dada, o homem imediatamente a transforma, reproduzindo-a espiritualmente e projetando-a para novas formas. É no reconhecimento da natureza do existente que se funda o projeto humano-social sem o qual não se daria tal reconhecimento. (MARQUES, 2006, p.25)

Segundo Brandão (1992) existe uma prática pedagógica que sempre existiu durante quase toda a história da sociedade, embutida em outras práticas como as atividades de caça, pesca, agricultura, pastoreio, artesanato e construção. Tais atividades eram vivenciadas por pessoas mais velhas, que faziam de modo a ensinar os mais jovens e, assim, sucessivamente, promovendo a perpetuação

desses ensinamentos. Desse modo, o autor considera a Educação Popular como um Saber Popular, e avalia que

quando o homem sabe e ensina o saber, é sobre e através das relações de objetos, pessoas e ideias que ele está falando. E é no interior da totalidade e da diferença de situações através das quais o trabalho e as trocas de frutos do trabalho garantem a sobrevivência, a convivência e a transcendência, que, no interior de uma vida coletiva anterior à escola, mas plena de educação, os homens entre si se ensinam-e-aprendem. (BRANDÃO, 1992, p. 20)

Nesse sentido, a relação ensino-aprendizagem vai produzindo um saber com base no cotidiano, não excluindo o saber científico, mas sim, propondo uma junção de diferentes maneiras de entender e adquirir saber.

Educações não são formas de trabalho existentes em si mesmas. Povos da terra atravessaram milênios sem sistemas formais de ensino, e nem por isso deixaram de reproduzir, de uma geração para a outra, níveis e tipos de conhecimentos de extrema complexidade. Uma modalidade de educação é um momento de organização de certas estratégias de relações entre as pessoas através do conhecimento. Melhor, através da sistematização de modos de conhecimento e de modos de transferência do conhecimento. (BRANDÃO, 1986, p.124 e 125)

É evidente que a educação exerce um papel importante no desenvolvimento da capacidade de questionar, de refletir sobre diversas maneiras de ser e estar no mundo.

Educar também é problematizar o trabalho humano. O trabalho é visto também como definidor da humanização (e não apenas o pensamento). Nessa medida, é no trabalho que o homem hominiza-se ou aliena-se, sendo o elemento através do qual se mediatizam as relações do homem singular com o homem coletivo. (LINHARES, 2003, p. 40)

Uma educação em prol da autonomia dos sujeitos precisa valorizar o saber desses sujeitos e reconhecer seus potenciais e direitos.

Se a educação sempre possuiu uma dimensão política – se de um modo ou de outro ela lida com relações de poder através de relações de saber – é preciso desvelar esta dimensão e o seu sentido. É necessário fazer a crítica dos seus usos e, a partir de então, colocar o trabalho do educador a serviço do educando: não mais o sujeito individual que aprende, ou a comunidade que se organiza, mas a classe popular que reconstrói a sua própria cultura na medida em que reaprende a criar o seu próprio saber. (BRANDÃO, 1986, p.30)

Para Marques (2006) não existe um saber livre das relações sociais em determinado quadro institucional e determinada tradição cultural, nem um saber autônomo de frente ao desenvolvimento histórico das forças produtivas nas quais o agir instrumental se sedimenta.

Libâneo (1994, p.17) conclui que

através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social. Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados pelas novas gerações.

É possível perceber que a produção do artesanato constitui um espaço de construção coletiva, onde diferentes tipos de saberes se articulam; sobretudo o saber informal, o saber da experiência e o saber popular (explicitado a seguir).

4.2.1 Saber Popular: conhecimento a partir das práticas cotidianas

O mundo vem sofrendo inúmeras mudanças tecnológicas numa grande velocidade. Porém, os avanços tecnológicos ainda não conseguiram eliminar determinadas crenças e práticas populares associadas às tradições que são repassadas de geração em geração.

Tais práticas são responsáveis por relacionar diferentes experiências do passado com o presente. Nesse caso, temos a sabedoria popular que é comumente percebida na saúde, onde os mais antigos, principalmente em comunidades ribeirinhas ou interioranas, ainda mantêm hábitos de utilizarem as práticas populares como alternativas para tratamento de doenças. A medicina popular, por exemplo, é uma manifestação do saber popular que ainda sobrevive mesmo diante de toda a rejeição da ciência e da medicina convencional. Muitas vezes, se recorrem às benzedadeiras, aos chás de ervas, ou até mesmo às simpatias. Contudo, não se pode negar que já existem estudos na área da saúde que consideram ou até reafirmam algumas práticas do saber popular.

Os seres humanos aprendem, ensinam e produzem conhecimento em diferentes espaços, como na rotina da família, na escola ou no trabalho. Dessa

forma, o saber popular potencializa a articulação de outros saberes, de uma maneira fragmentada, mas que são originados de suas próprias experiências.

Quando associado à produção do artesanato, o saber popular pode proporcionar o desenvolvimento local, possibilitando o resgate do patrimônio cultural de uma comunidade e promovendo a inclusão de pessoas em vários ciclos sociais. É um saber que surge a partir da reflexão de práticas educativas que ocorrem em situações do cotidiano de um determinado grupo.

O saber popular pertence à determinada coletividade ou prática cultural e pode ser observado nas atividades de culinária, nas ervas medicinais, no artesanato, nas crenças, entre outros. Segundo Chassot (2006, p. 205), “os saberes populares são os muitos conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes, com muita empiria”. Gondim e Mól (2007) completam que os saberes populares são conhecimentos adquiridos a partir do aprender fazendo, das vivências, que são repassados de geração em geração.

Vale destacar que na literatura o Saber Popular pode ser encontrado com outra nomenclatura. O próprio Chassot (2008) utiliza em seus estudos a expressão “saberes primevos” para nomear os saberes populares, uma vez que os considera como saberes primários, do início dos tempos. Para o autor, a substituição não tem intenção de desmerecer, mas sim o contrário. O autor acredita que, na verdade, o termo “popular” é que desqualifica os saberes primevos. Porém, optei por trabalhar com o termo Saber Popular, considerando a relevância do “popular” e entendendo que este deve continuar sendo utilizado.

Também é importante ressaltar que para muitas pessoas o saber popular se confunde com o senso comum. Porém, embora estejam presentes nas comunidades como conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, o senso comum possui caráter para além das classes, ou seja, de acordo com Lopes (1993b), o senso comum possui um caráter transclassista e aponta para generalidade e uniformidade; constitui um tipo de conhecimento obtido a partir da observação do mundo, que é natural e fácil de entender, sendo adquirido pelas tradições de maneira intuitiva e não testada. O saber popular, por sua vez, é característico de certa localidade. Ele surge das observações feitas ao longo de gerações, provendo a manutenção da história e das tradições locais.

O saber popular não se propõe a assumir qualquer força mágica ou a assegurar o gerenciamento da humanidade. Todavia, a razão mantém-se como componente fundante da validade de um conhecimento gerador de saber. [...] São razões, que vão sendo resgatadas de cada um, quando estão em grupo, tornam-se posição coletiva. Em nenhum momento, o saber popular ou o saber da tradição foram expressão do não pensamento, mas de um conjunto de pensamentos determinados pelas condições do pensar em cada momento histórico. Nunca se propôs, por si mesmo, a salvar a humanidade, contudo se prestou ao saber viver em cada momento da vida humana e aí está a sua importância. (SILVA; MELO NETO, 2015, p.147)

Para Lopes (1999) o saber popular é tido como um conhecimento que se encontra à margem do conhecimento formal. Nas instituições formais, uma cultura dominante é transmitida sem questionamento enquanto o saber popular dificilmente é valorizado, por não ter, em muitos casos, aceitação para a Academia. Em outro trabalho, a autora retrata que não é necessário que haja igualdade epistemológica entre saber popular e saber científico, mas é importante considerar uma relação possível, dentro de seus aspectos individuais. Assim, expõe uma relação que contribua para a construção do conhecimento escolar sem descaracterizá-lo. Ela acrescenta que as pessoas acumulam conhecimento, independentemente de estarem ou não em ambientes educativos convencionais. (LOPES, 1993a)

Silva (2004) compreende a inclusão dos saberes populares na escola como um mecanismo de constituição coletiva do conhecimento com base na diversidade cultural de diferentes grupos e suas respectivas leituras de mundo.

Contudo,

não basta discutir sobre a importância de se levar em conta o saber que vem da vida prática, mesmo que sem a elevação abstrata à teoria, mas também considerá-lo em quaisquer modelos. O que se evidencia é a possibilidade de haver conciliação entre a intuição (prática) e a abstração ou a construção de teorias. Advoga-se a perspectiva de colaboração do saber popular à construção de saberes científicos e vice-versa, a fim de ampliá-los, por meio de suas distintas metodologias, constituindo a sabedoria da sociedade. (SILVA; MELO NETO, 2015, p.150)

É possível que este tipo de saber, em alguns momentos, possa ter alguma legitimidade para a educação formal se passada por um processo de comprovação.

Para os tempos atuais, a hermenêutica carrega suas limitações, avalia que algo está entendível, quando fica mais intimamente condicionado à língua do outro, e se revela de maneira estranha ao eu e desconhecida na relação com o outro, o qual se coloca como outro mundo diante do mundo do eu. Esses são limites postos ao campo do saber popular, um saber de

acúmulos de conhecimentos práticos anteriores. Há limites presentes nos saberes das ciências experimentais e analíticas e nas ciências da hermenêutica. Afinal, em ambos os campos e nas ciências sociais críticas, os "dados", efetivamente, não estão dados. Da mesma forma, os fenômenos são construções. Tudo isso reforça as dúvidas sobre onde estão os obstáculos para se compreender que o saber intuitivo pode ser aceito no que for sustentável. (SILVA; MELO NETO, 2015, p.148)

Brandão (1986) relata que alguns estudiosos da educação admitem a existência de formas básicas de educação popular no cotidiano de diferentes comunidades. Como práticas interpessoais de um saber de grupo ou comunidade, elas se manifestam em situações que configuram na prática econômica produtiva e nas práticas ancestrais. “Alguns educadores preferem identificar estas formas embrionárias de uma educação, relacionando-a com o que consideram uma cultura do povo; denominando-as, portanto: educação do povo”. (BRANDÃO, 1986, p.68)

Sendo assim, a educação do povo seria uma formação humana baseada em aspectos de transmissão de valores e conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades necessárias para uma transformação individual e social.

Por estas e as demais formas de educação, os homens, os educadores e educandos, todos eles na provocação do face a face, constroem-se de contínuo ao construir o seu mundo, o de suas consciências e de seu empenho coletivo. As objetivações da vida humana, coisas/instrumentos, processos e ideias, não são senão as mediações já efetuadas que cumpre reassumir, possibilidades realizadas em que se fundamentam, ou porque se alargaram ou porque se estreitaram, as condições concretas de sobrevivência e superação, condições de futuro. (MARQUES, 2006, p.193)

Para Charlot (2000), a obtenção do saber assegura ao indivíduo algum domínio do mundo no qual se vive, permitindo-o a dialogar com outros indivíduos e compartilhar o mundo com eles, tornando-o, assim, um ser mais seguro de si.

A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso “sábio e erudito” que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um “saber do povo”. Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se “sábio e erudito”; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como “popular” o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, “erudito”, tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, “popular”, restou difuso – não-centralizado em uma agência de especialistas ou em

um polo separado de poder – no interior da vida subalterna da sociedade.
(BRANDÃO, 1992, p.14)

A partir dos conceitos apresentados, é visível que a educação desempenha um papel de grande importância para a humanidade e que vai além das “paredes institucionais”. Entretanto, o que se percebe nas falas de muitos autores e estudiosos da educação é que a construção do saber (ou dos saberes) é munida de uma característica específica: ele (ou eles) é (são) constituído (s) a partir de uma relação coletiva, uma vez que homens e mulheres estão submetidos a processos grupais de transmissão e interação.

No fim das contas, nos enganamos por acreditar (ou rotular) que existem diferentes “saberes” ou “educações”. Na verdade, como sugere Charlot (2000), não há saberes específicos, mas formas específicas de se relacionar com o mundo. Quando bem se percebe, todos (saberes e educações) possuem uma característica em comum: a relação do indivíduo com o mundo.

5 RENDA LABIRINTO E SABER POPULAR: QUANDO O ARTESANATO É UMA VIDA EM COMUM

O tempo tece o tempo. Como no labirinto mítico grego a Renda Labirinto é um entrecruzamento de linhas misteriosas. Desfeitas e retrabalhadas. Primeiro é o pano que é riscado, sulcado e desfiado, retesado por grossos fios na grade rude. Mãos calejadas, no mais duro contraste com a finura do ofício, sombreiam o risco no 'enchimento' da trama. É essa a renda que da antiguidade chega ao nosso tempo sutil e intacta. Soberba símile do nome: labirinto. (GUIMARÃES, 2015, p.1)

A renda labirinto é um tipo de artesanato que chegou ao Brasil ainda durante o período colonial. É uma técnica manual que vem se mantendo viva através da herança familiar, transferindo-se de geração para geração.

Dependendo da região, é possível encontrarmos os termos "Renda Labirinto" ou "Bordado Labirinto". Mas afinal, estamos falando de renda ou de bordado?

Por causa da regionalidade, na presente pesquisa optei por utilizar o termo "renda", muito embora quando se trata da técnica do labirinto, os dois termos estão corretos. Entretanto, é importante compreender o que se entende por renda e o que se entende por bordado.

De acordo com Maia (1980), a renda é uma atividade onde um fio ou vários fios trançados, através de uma agulha, desenvolvem um tecido e produzem combinações de linhas comparadas às que o desenhista faz com o lápis. O bordado, por sua vez, consiste de uma decoração aplicada sobre um tecido que já existe. A técnica labirinto, tal como conhecemos, é produzida a partir de um tecido já pronto, o que pode caracterizá-la como bordado, todavia, uma de suas etapas de confecção consiste em desfiar todo o tecido para que uma nova estrutura, a partir do entrelaçamento de fios, seja desenvolvida, caracterizando-a, então, como renda.

Maia (1980) ressalta que existem dois tipos de confecção de renda: a renda de bilros e a renda de agulha. A renda de bilros, como o próprio nome sugere, é uma renda confeccionada com a utilização de bilros, que são pequenas hastes de madeira. Já a renda de agulha é confeccionada através da utilização de agulhas similares as agulhas de costura comum e possui alguns tipos que variam de acordo com a técnica: renda renascença, filé e labirinto, por exemplo.

A técnica de labirinto permite uma grande variação de figuras, utilizando-se, apenas, do entrelace adequado de fios sobre uma trama têxtil sob uma tela. As

imagens normalmente representam formas vegetais estilizadas, especialmente folhas, flores, palmas e gavinhas, como mostra a figura abaixo.

Figura 9 – Barra de toalha de mesa feita com labirinto



Fonte: Google imagens, 2017.

A renda labirinto possui várias etapas de produção e geralmente cada etapa é executada por uma labirinteira diferente. Dessa forma, uma risca, outra corta, outra desfia, sucessivamente, pinta, torce, paleta, caseia, estira e, novamente, corta, o que caracteriza um trabalho coletivo.

É válido lembrar que em algumas comunidades brasileiras, enquanto os homens se dedicavam a agricultura e a pesca artesanal, as mulheres se dedicavam, especialmente, aos bordados e as rendas.

5.1 Aprendendo labirinto: transmissão geracional

Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele. (Provérbios, 22:6)

O versículo bíblico, citado acima, demonstra o papel da família na transmissão de ensinamentos, virtudes e valores. Geralmente, os pais educam os filhos de acordo com os valores que receberam. Segundo La Taille (2006), desde muito pequenas, as crianças já sofrem influência dos valores repassados por seus cuidadores. Além disso, outros valores são adquiridos a partir da interação com o meio.

A transmissão geracional é percebida em diversos fatores repassados entre as gerações, podendo envolver aspectos positivos e negativos. Dentre os aspectos negativos, nos deparamos com a violência, o preconceito, os vícios, valores que condizem com uma conduta inadequada para uma boa convivência. Dentre os aspectos positivos, podemos citar o amor, o respeito, a cidadania, comportamentos de boa conduta que contribuem para uma boa interação do indivíduo em diferentes espaços da sociedade. Piaget (1997) considera que valores são aquisições afetivas, pois ainda que se apoiem em conceitos, estão relacionadas a emoções, tanto boas quanto ruins.

Para Dias (2003) o artesanato se fundamenta na vivência e na transmissão dos ensinamentos de geração para geração através das tradições familiares. Muitas vezes, nascer em uma família de artesãos é herdar a responsabilidade de dar continuidade ao processo que pode estar muito mais relacionado à memória da família do que mesmo a técnica artesanal. Através das palavras da autora, evidenciamos que a produção do artesanato aborda uma prática educativa que se dá, principalmente, dentro do seio familiar. Penso e Costa (2008) afirmam que “a memória familiar permite a definição, pela família, de rituais que organizam as relações interpessoais de seus membros”.

O ensino da Renda Labirinto era iniciado ainda na infância. Quanto mais cedo as meninas aprendessem a fazer artesanato, maior seria a ajuda na complementação da renda familiar.

Em Paripueira, das cinco mulheres entrevistadas, três aprenderam a fazer labirinto com a mãe, uma com a tia e a última também aprendeu com a mãe, porém a partir da observação.

Dona Camélia é a participante mais idosa. Aos 75 anos, ela esbanja disposição e simpatia. Começou a fazer guardanapos de labirinto com cinco anos de idade.

A minha história com o labirinto é que eu aprendi com a minha mãe. [...] Papai fez assim, uma gradezinha desse tamanho (ela fez um gesto com as mãos que sugeriu que a grade teria aproximadamente 30 cm), que cabia um guardanapo, né?. Só um. E... nós fazia labirinto. A minha mãe ensinou e nós fazia. Nós num sabia cortar, assim como eu faço agora, né?, mas a minha mãe cortava e nós botava na grade e enchia, torcia, caseava. Ela ficava ensinando se (caso) num tivesse certo. E a gente completava todinho. [...] Desde os cinco anos que eu faço. Aí todo mundo se admirava de vê a gente fazendo. (Camélia, 2018)

Embora tenha aprendido a técnica com a mãe, a etapa de produção mais desenvolvida por ela ao longo da vida foi ensinada por sua tia. Até hoje, Dona Camélia é referência na etapa do corte. Ensinou labirinto para as filhas e para a neta mais velha. Além da família, também repassou seus conhecimentos para outras meninas da comunidade.

Outra participante da pesquisa que aprendeu a fazer labirinto com a mãe foi Dona Jaborandi. Ela tem 74 anos e faz labirinto desde os oito. Sua família já vem fazendo labirinto há quatro gerações.

Minha mãe aprendeu com a minha avó, me ensinou e eu ensinei as minhas filhas. Olhe que eu tenho 74 anos. Desde que me entendo por gente que lembro da minha mãe fazendo labirinto. Ela me ensinou eu tinha oito anos. (Jaborandi, 2018)

Dona Bromélia começou a trabalhar com o labirinto aos cinco anos de idade, através da mãe. Hoje, com 57 anos, ela diz que a Renda Labirinto salvou sua vida e a de seus filhos.

Comecei a trabalhar minha mãe me ensinando. Eu me sentava numa coisinha pequenininha pra ficar alta pra alcançar a grade e até hoje, graças a Deus, eu tô trabalhando. [...] Eu perdi meu pai com 12 anos, e aí eu me casei com 15, pensando que a minha vida ia melhorar. Piorou. Porque eu era humilhada, eu sofri muito na vida. [...] A gente é separado há 22 anos já. [...] A gente separou e ele foi viver a vida dele e nunca me ajudou em nada. Também nunca fiz conta de nada. (Bromélia, 2018)

A fala de Dona Bromélia demonstra uma realidade que, infelizmente, é muito comum no cenário brasileiro, principalmente entre famílias mais carentes. Após a separação, ela assumiu as despesas da casa e foi graças a Renda Labirinto que ela conseguiu manter o sustento da família.

Mais uma personagem interessante é Dona Murici. Com 11 anos de idade, ela aprendeu a “desfiar” com a tia e quando se mudou para Paripueira, buscou aprender as demais etapas. É muito comum que, durante a vida, os indivíduos estejam sempre em constante busca. Logo, a aprendizagem ocorre como um processo de interação entre indivíduos e o seu meio.

De acordo com Aranda (2017) geralmente o desenvolvimento de habilidades manuais e a relação com o artesanato tem início no ambiente familiar, considerado por ela como uma primeira escola. Contudo, este processo nem sempre continua na educação formal, e muitas das experiências acabam se perdendo.

A última participante é a Dona Jequitibá. Ela tem 57 anos, é casada e mãe de dois filhos. Diferentemente das demais participantes da pesquisa, Dona Jequitibá não foi orientada por um familiar, muito embora, indiretamente, ela tenha aprendido a fazer labirinto com sua mãe. Durante nossa conversa ela relatou o seguinte:

Eu aprendi com, assim, quando eu via a minha mãe fazer, aí eu olhava e aprendi. Que a minha mãe nem cortar quis ensinar. Eu dizia assim: “mãe como é isso?”. Aí ela dizia: “vai pra lá menina, deixa eu fazer aqui, fica só atrapalhando”. Mas eu ficava olhando. E eu sei que aí eu aprendi a fazer uns guardanapos pequenos. E aí depois Deus foi me capacitando e eu aprendi a fazer as mostrazinha né?. Eu aprendi com nove anos. Nove anos de idade eu já colocava, mandava botar um só guardanapo na gradezinha e começava a fazer. (Jequitibá, 2018)

É nítido que Dona Jequitibá é um caso atípico. Sua aprendizagem se deu de forma diferenciada porque ela absorveu conhecimento a partir das observações e das próprias experiências. Quando afirma que Deus a capacitou, ela se refere a sua vivência e a maneira como conduziu seu próprio processo de aprendizagem a partir da prática. É o que alguns estudiosos chamam de saber da experiência.

O saber gerado na experiência imediata é, por um lado, um saber de uso que vai demandar sua própria decomposição por parte da inteligência e pela intermediação de esquemas de pensamento por ela mesma formalmente elaborados, para o domínio lúcido da totalidade do processo em que se produz sua unidade e coerência. (MARQUES, 2006, p.18)

Segundo Bondía (2002, p.27),

se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência.

O autor reforça que a experiência diz respeito à paixão. Para ele “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Bondía, 2002, p.27). É diferente de conhecimento, pois em tempos onde diversas informações prevalecem, temos muito conhecimento e pouca experiência.

5.2 Fazendo labirinto: um ofício à beira-mar

A técnica do labirinto exige grande dedicação e muita paciência, pois de acordo com o tipo de peça a ser produzida, o trabalho pode levar de um a seis meses, dependendo da disposição de cada artesã. Embora a técnica possa ser aplicada em vários tipos de tecido, o mais comumente utilizado é o linho, um tecido de fibra vegetal, derivado de uma planta com o mesmo nome.

Para compreender melhor como se dá este processo, recorri as labirinteiras de Paripueira, acompanhando separadamente cada etapa da confecção de uma toalha de mesa, ou toalha de banquete como elas preferem definir.

Para confeccionar uma pequena peça de labirinto, as labirinteiras costumam utilizar bastidores como os que são usados para fazer bordados. Porém, quando se trata de uma peça maior, elas utilizam a grade, uma espécie de bastidor adaptado. A grade não tem uma medida padrão, mas quase sempre são confeccionadas em medições aproximadas as medidas de uma cama de solteiro (0,80m X 1,80m).

A produção da renda labirinto compreende dez etapas que conheceremos a seguir. São elas: riscar, cortar, desfiar, encher, torcer, paletar, casear, lavar, engomar e acabar.

a) Riscar:

Os riscos são os desenhos que vão compor a peça ou a modelagem da peça. Nesta primeira etapa a artesã repassa para o tecido o desenho ou desenhos previamente elaborados, que podem ser simples ou mais complexos e bastante detalhados.

Figura 10 – Etapa de produção do labirinto – “riscado”



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Figura 11 – Modelo de desenho de labirinto



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

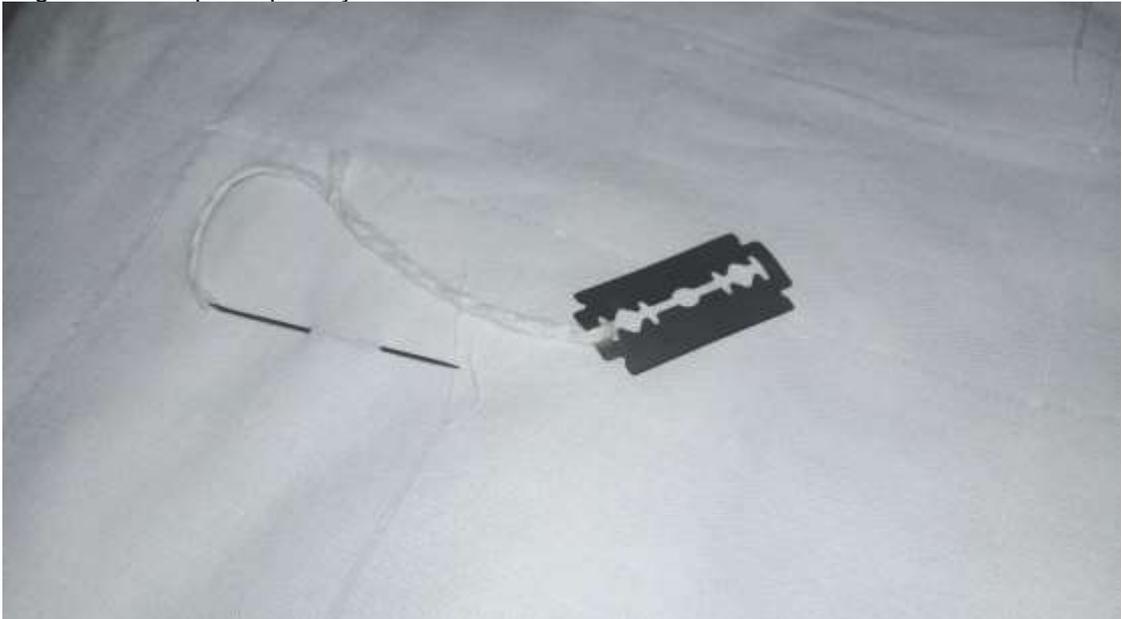
b) Cortar:

É assim, esse processo aqui é feito pela dona Camélia [...] Porque a gente compra o tecido, aí aqui a gente vai mandar cortar e vai fazer assim. (Bromélia, 2018)

Esta etapa consiste em cortes feitos com uma pequena lâmina conhecida no popular por gilete e uma agulha, que vão contribuir para o desfiado. Cada corte

envolve entre três ou quatro fios que serão retirados para fazer aberturas no tecido. Embora pareçam fazer parte de um mesmo processo, algumas labirinteiras apenas aplicam o corte para que outra dê continuidade fazendo o desfiado. É um trabalho bem delicado e que exige, além de muita atenção, uma boa visão.

Figura 12 – Etapa de produção do labirinto – instrumento de corte



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Figura 13 – Etapa de produção do labirinto – corte



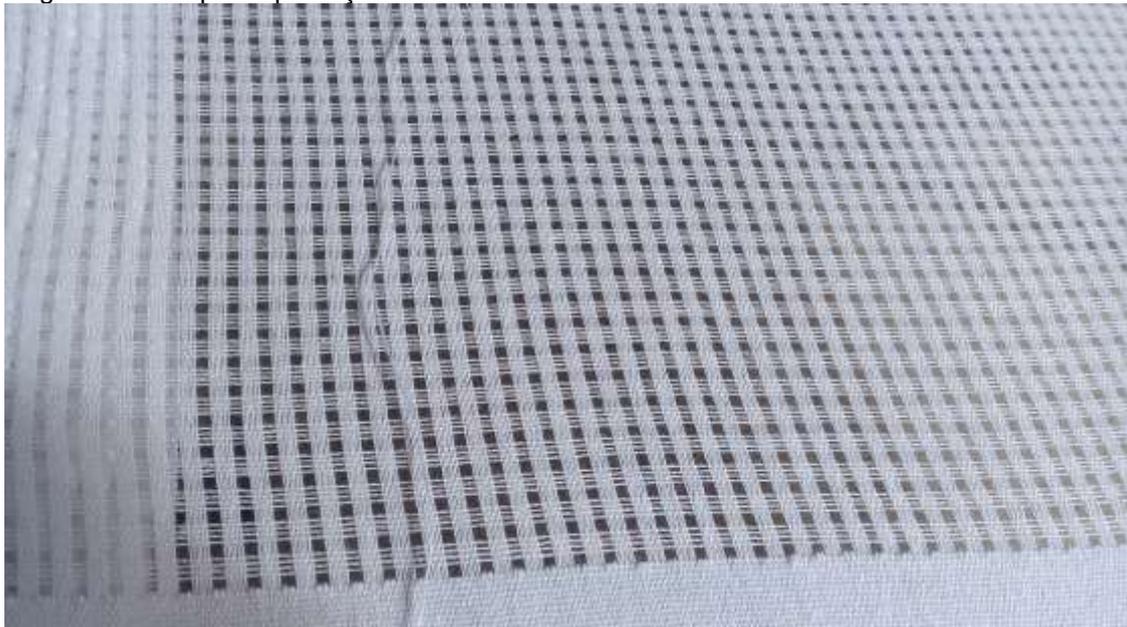
Fonte: elaborada pela autora, 2018.

c) Desfiar:

Desfiado que é pra fazer essas malhinhas, puxar fio por fio. (Bromélia, 2018)

O desfiado é a etapa onde os fios são puxados, um a um, até formarem pequenas aberturas no tecido, que darão sentido ao labirinto.

Figura 14 – Etapa de produção do labirinto - desfiado



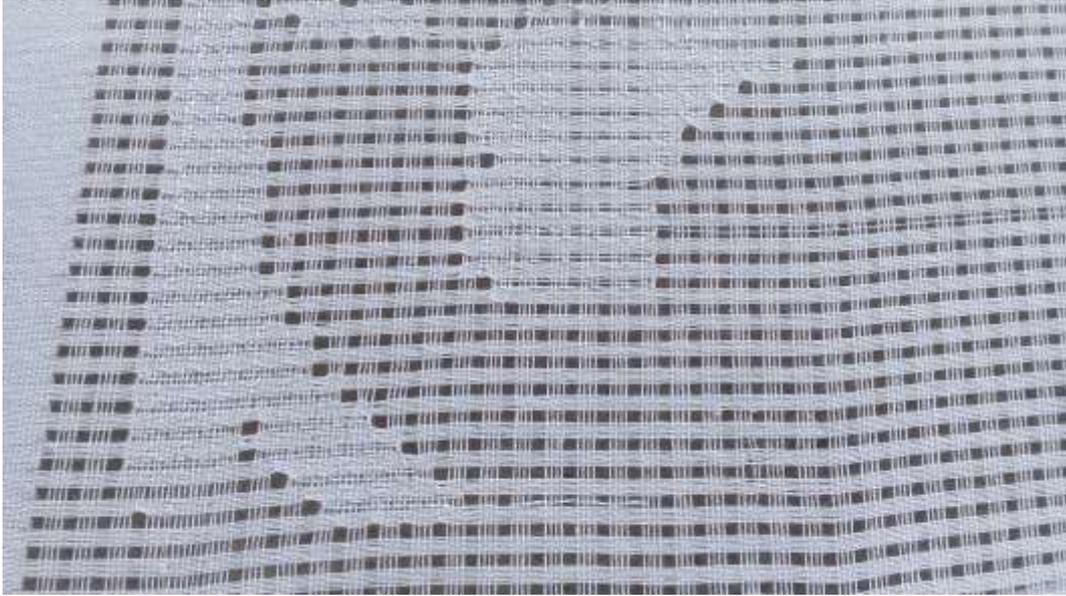
Fonte: elaborada pela autora, 2018.

d) Encher:

Aí depois a gente vai fazer esse processo do enchido. (Bromélia, 2018)

Aos poucos a renda labirinto vai ganhando vida. O enchimento consiste em refazer alguns desenhos. Desta vez a artesã recoloca fio a fio, preenchendo apenas os espaços suficientes para formar novas figuras.

Figura 15 – Etapa de produção do labirinto – enchido



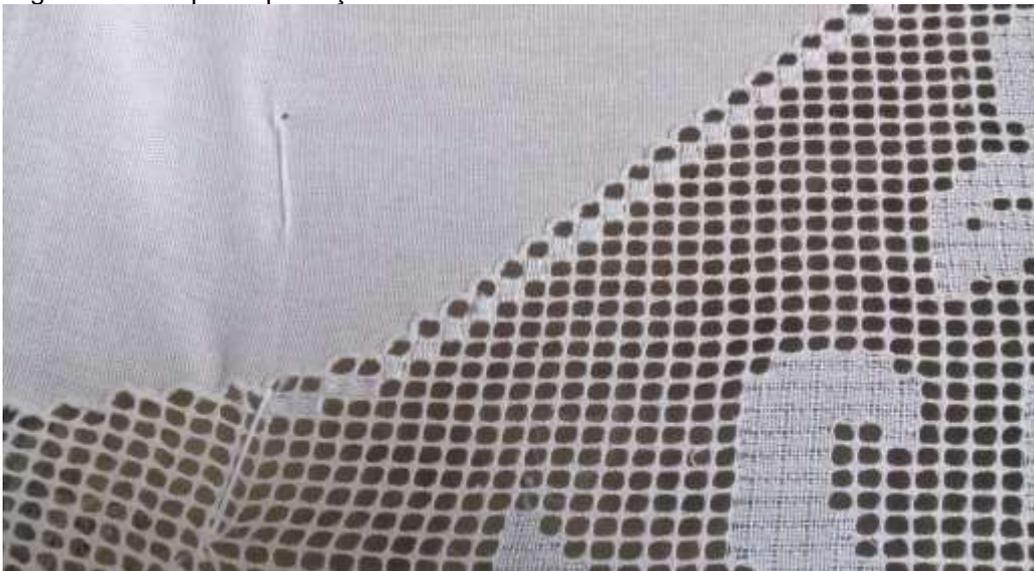
Fonte: elaborada pela autora, 2018.

e) Torcer:

Quando termina de desenhar, de encher, aí a gente vai fazer esse processo aqui: torcer todinho, pauzim por pauzim, pra juntar os fios, pra ficar juntinho pra não se desmanchar. (Bromélia, 2018)

Para que o labirinto comece a tomar forma, as brechas de fios que antes estavam sobrando precisam ser torcidas para que não se desmanchem. Assim, a artesã vai torcendo “pauzinho por pauzinho” para juntar os fios.

Figura 16 – Etapa de produção do labirinto – torcido



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

f) Paletar¹²:

Depois de torcido aí é que a gente vai fazer o paletão, que é isso aqui, paletão. (Bromélia, 2018)

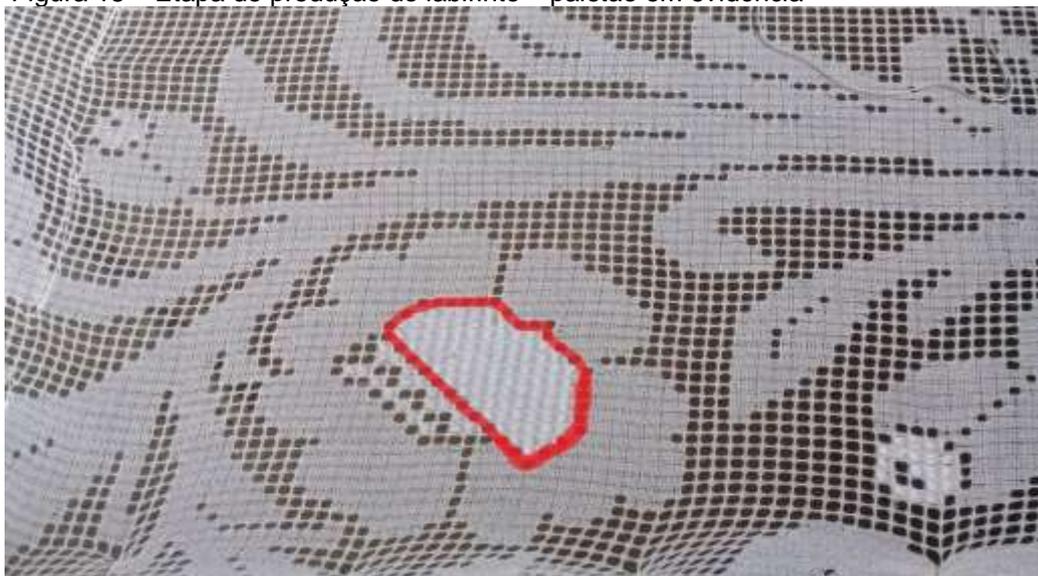
Fazer o paletão é evidenciar algumas partes dos desenhos. É um processo semelhante ao do enchimento, contudo não é obrigatório. Ainda assim, para as artesãs, o paletão reproduz um diferencial às peças.

Figura 17 – Etapa de produção do labirinto – paletão



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Figura 18 – Etapa de produção do labirinto – paletão em evidência



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

¹² Criei o termo “paletar” para auxiliar na identificação da etapa a qual elas atribuem ao “fazer paletão”.

g) Casear:

Depois do paletão a gente tira da grade, caseia esse pano todinho igual eu fiz aqui com esse pano de prato. Caseia todinho. (Bromélia, 2018)

O caseado é um primeiro acabamento, pois serve para evitar que os desenhos sejam desfeitos. Trata-se de um ponto de costura a mão muito comum, mas que, no caso do labirinto, é feito bem pequeno, de maneira quase imperceptível.

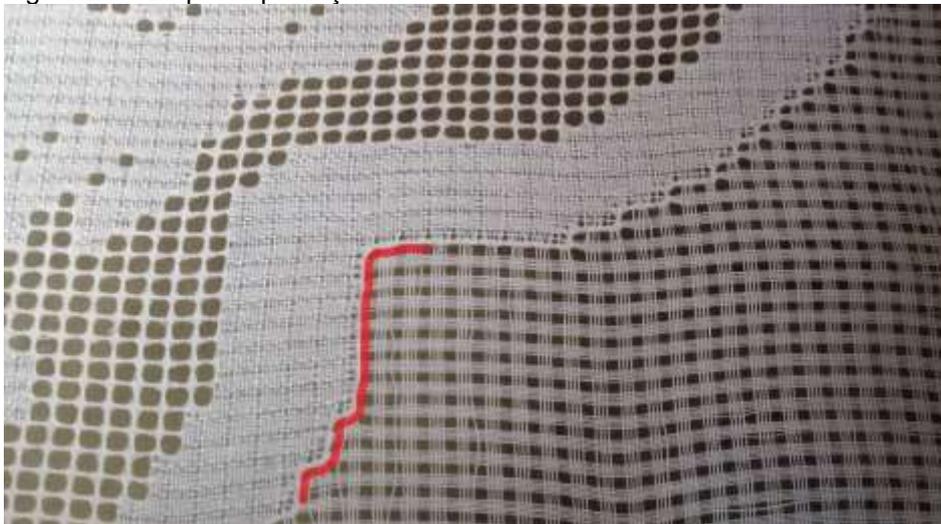
Figura 19 – Representação do ponto caseado



Fonte: ponto caseado/google imagens, 2018.

Vale lembrar que o caseado da renda labirinto deve perpassar por toda a peça, inclusive nas barras.

Figura 20 – Etapa de produção do labirinto – caseado



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

h) Lavar:

Depois é que vai lavar. Passa três dias lavando, ensaboando, tirando sabão, ajeitando, aí bota na grade de novo, no sol, e vai botar todas as coisinhas de novo na grade, estirado o trabalho, né?. (Bromélia, 2018)

Antes de ser comercializada, uma peça de renda labirinto precisa passar por até três processos de lavagem. A peça é ensaboada, enxaguada, estirada ao sol e colocada novamente na grade. A quantidade de lavagens dependerá do objetivo que se quer atingir. Para as labirinteiras, quanto mais lavagens melhor.

Figura 21 – Etapa de produção do labirinto – estirado



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

i) Engomar:

Depois de todo estiradinho, vai para o grude, né?, pra ficar durinho assim, né?. (Bromélia, 2018)

Depois de lavadas, as peças precisam ser engomadas. Para engomar, as artesãs utilizam uma solução caseira feita com água e amido de milho, conhecida popularmente como grude. O grude é passado cuidadosamente por toda a peça, que precisa ser estendida no varal logo em seguida, para retirar o excesso. Por último a peça é passada a ferro.

j) Acabar:

Depois do grude a gente tira da grade e vai recortar todinho aqui ao redor. Esse aqui todinho, pra ficar só assim. Aí aqui tá pronto pra fazer a entrega. (Bromélia, 2018)

Nesta última etapa, as labirinteiras recortam todo excesso de pano da peça e organizam para a comercialização.

Figura 22 – Etapa de produção do labirinto – acabamento



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

Figura 23 – Peça pronta para a comercialização



Fonte: elaborada pela autora, 2018.

5.3 Ensinando labirinto: transformações na transmissão geracional

Bem se vê, a partir das informações anteriores, que a produção do labirinto não é um processo simples. E como repassar para as próximas gerações uma tradição tão importante e tão delicada de ser confeccionada, quando se sabe que já não é mais valorizada como antes?

O espaço familiar é formado por um encontro de diferentes gerações. Neste encontro ocorre a transmissão de saberes e valores que contribuem para o processo de construção da realidade dessas gerações. Contudo, os conteúdos transmitidos das gerações antigas para as mais novas não permanecem intactos. Eles se modificam de acordo com as influências histórico-sociais que são vivenciadas por estas gerações. Dessa forma, as gerações apresentam peculiaridades que “as identificam como diferentes da anterior e, provavelmente, da seguinte”. (BENINCÁ; GOMES, 1998, p.179).

Durante as entrevistas, algumas artesãs foram categóricas em afirmar que já não se faz mais labirinto como antes. Quando perguntadas sobre terem repassado seus conhecimentos para alguém, pude perceber que apenas as filhas mais velhas chegaram a aprender. As mais jovens até se mostraram interessadas, mas logo desconsideraram a ideia.

Para Falcke e Wagner (2005), os valores repassados dentro do ambiente familiar podem ser tradicionais ou integrados por outros valores sociais, muitas vezes contrários. Assim, ocorre uma transmissão, porém as gerações mais jovens repensam e reproduzem apenas aspectos considerados favoráveis.

Dona Camélia, por exemplo, chegou a ensinar para uma de suas filhas o que aprendeu com a tia. Além da filha, outras pessoas que buscaram aprender a técnica também foram ensinadas por ela. Porém, quando questionada sobre ainda continuar ensinando, a resposta foi a seguinte: “Não. Porque hoje o pessoal num querem mais, né?”.

Dona Bromélia traz um depoimento significativo quando interrogada sobre ter ensinado as filhas. Ela nos diz:

só tem a Araucária. Ela faz tudo; ela já sabe fazer tudo sim. As outras num trabalha não. Mas a Imbuia, ela só aprendeu mesmo a torcer. Já a Mogno aqui (apontando para a filha adolescente que estava no cômodo próximo), ela num quer nada. Ela diz assim: “mãe, eu num quero isso pra mim. Que a mãe sofre tanto sentada nesse chão, com dor nas costas”. Eu digo assim:

“minha filha, mas é um processo que eu gosto. Eu gosto de fazer e eu não pretendo parar”. (Bromélia, 2018)

Quando a filha de Dona Bromélia fala “mãe, eu num quero isso pra mim”, não vejo referência apenas ao trabalho “pesado”, mas as inúmeras transformações globais ocorridas com grande velocidade nos últimos anos.

A tecnologia trouxe benefícios, mas, também, muitos prejuízos, principalmente para alguns tipos de artesanato. Se em meados da década de 1990, como afirma Silva (2011), a indústria ampliou seus caminhos por meio de estratégias que incorporavam governo e entidades privadas, incentivando à produção de artigos manufaturados, cujo valor agregado era bastante superior ao de muitos artigos produzidos industrialmente, isto não ocorreu com o artesanato Renda Labirinto.

Na verdade, parte do enfraquecimento da produção do labirinto deve-se, justamente, as novidades do mercado industrial, pois como afirma Dona Jequitibá,

tem outros trabalhos no mercado que imitam a renda. Muito mais fácil, mais bonito, bordado, né?. Aqueles ponto cruz, outros tipos de bordado. Poucas pessoas assim, elas fala assim, que a venda desse trabalho, aqui mesmo no Ceará, num vende. Vende pra fora. Tem que vender pra fora, e é muito difícil. No mercado, pra vender labirinto, é muito difícil.

Dona Bromélia complementa dizendo que,

tem tanta toalha bonita que é muito mais barata, mas é uma máquina que faz. Num é a gente passar dias e dias sentada no chão pra fazer tudo isso na mão, né?. [...] Se for trabalhar mesmo, direto, pra quem trabalha ligeiro, é mais ou menos quatro meses, pra fazer tudo. Se trabalhar ligeiro! Mas tem gente que passa muito tempo. Eu faço até menos de quatro meses. Eu faço. Uma toalha de 3 metros, eu apronto. Já veio encomenda pra eu aprontar em três meses. Já foi aprontada, mas é muito trabalho só nisso, nada de coisa de casa. Às vezes perde até o sono de noite com preocupação com a peça.

Sabemos que a industrialização não trouxe apenas mudanças tecnológicas. Ela afetou também os valores familiares. Podemos perceber algumas dessas mudanças em nosso cotidiano. Por exemplo, quantos de nós pode dizer, hoje, que faz suas refeições com a família sem ter sobre a mesa o telefone celular? Então, imagine ensinar artesanato para uma geração que resolve “tudo” pelo *touch screen*¹³.

¹³ *Touch screen* ou “tela sensível ao toque” consiste de uma tecnologia presente em muitos dispositivos eletrônicos, que permite ao usuário realizar diversos comandos através do toque direto na tela do dispositivo.

A sociedade contemporânea vivencia um estado social de ausência de regras e normas, que muitas vezes pode gerar uma carência de valores. É uma situação que acaba trazendo reflexos negativos no comportamento dos mais jovens. (PENSO; COSTA, 2008)

Quanto a isso, Dona Jequitibá faz uma crítica e ressalta que além das tecnologias, a educação integrada também prejudica a reprodução do artesanato pelos mais jovens.

Agora, até a escola num deixa, né?, pra essa parte também. Educação integrada, que é o dia todo, aí num deixa também, né?, [...] ela vai e passa o dia lá. Porque, antigamente, as meninas ia pra escola e fazia [labirinto] no outro horário, mas agora num tem mais. Até eu tava dizendo: “mulher, o pessoal agora, os alunos, vai pra escola de manhã, só chega de tardezinha, então eles vai querer?, num vai”. E lá na escola né?, só no celular lá, aí pronto. Porque aí, enquanto ele tava lá no celular, podia tá uma hora fazendo alguma coisa né?. (Jequitibá, 2018)

A Educação Integral, segundo o Texto Referência para o Debate Nacional (p.27), é produto de diálogos entre o poder público, a comunidade escolar e a sociedade civil, de forma a garantir o compromisso coletivo com a constituição de um projeto de educação que promova o respeito aos direitos humanos e o exercício da democracia. Na teoria, esse diálogo representa a valorização da pluralidade de saberes e a compreensão de diferentes formas de conhecimento. Na prática, muitas vezes, isso não ocorre.

Nesse momento percebemos a importância de políticas públicas direcionadas, especialmente, para este tipo de artesanato e de uma educação contextualizada, voltada para a valorização do Saber Popular. Fleury (2002) expõe que o artesanato produzido a partir de políticas públicas pode estabelecer uma maneira de estimular artesãos, motivando-os a produzir sua arte com mais valor e a considerar seu conhecimento.

A transmissão geracional é evidenciada através de padrões de repetição. Assim, as gerações mais velhas transmitem seus valores para as próximas gerações como forma de manter os legados familiares. Para Tomizaki (2010), cada geração repassa para seus descendentes o que considera primordial para a conservação da sua herança. Por outro lado, ainda que o indivíduo venha a escolher o ofício de seus pais ou antecessores, existe uma necessidade de se diferenciar, agregando a produção do artesanato o seu próprio jeito de fazer. Assim vão ocorrendo inúmeras

transformações no processo de produção do artesanato, além do fato de que, em algum momento, este deixe de ser relevante para família.

Nas conversas com as labirinteiras, percebi que algumas transformações ocorridas no processo de transmissão geracional do artesanato referem-se as tradições familiares que são absorvidas por uma geração que reconhece sua importância, entretanto não repassa para a próxima geração. O que ocorre é que a desvalorização do artesanato para o mercado faz com que a geração que absorveu determinado conhecimento até reconheça sua importância social e histórica, mas julga que como fonte de renda ele não é uma boa opção.

Podemos dizer que a transmissão geracional, não apenas do artesanato, existe e sempre existirá, mas, certamente, não com a mesma intensidade que havia antes. La Taille (2006) afirma que estamos passando por um período de transição, onde os valores antigos estão desaparecendo e faltam novos valores para preencher as necessidades essenciais à formação do ser, sejam elas intelectuais ou morais.

E falando em valores, o próximo capítulo irá abordar o valor social e comercial da Renda Labirinto e como se dá a organização comunitária.

6 APRENDENDO COM A PRODUÇÃO DA RENDA LABIRINTO

Admirar um tipo de artesanato somente por sua beleza é perceber apenas o seu valor superficial. Por isso, é preciso entender que o artesanato vai muito além de uma peça bem produzida. Trata-se, sobretudo, de valores humanísticos que expressam um pouco da história de quem o faz.

A produção do artesanato pode nos ensinar muito mais que uma técnica de produção. Existem informações nas entrelinhas desse tipo de atividade que podem ser bastante significativas.

6.1 Valor Social e Valor Comercial da Renda Labirinto

Segundo Menger (1987), o valor de um bem significa a importância que damos ao atendimento de nossas necessidades. Não é algo inseparável dos próprios bens. Dessa forma, o autor propõe que o valor é um julgamento que as pessoas envolvidas em atividades econômicas fazem sobre a importância dos bens que possuem para a conservação de sua vida e de seu bem-estar.

Durante as entrevistas com as labirinteiras foi levantado por elas o quanto o artesanato é desvalorizado. Por isso, ao falar de valor social e valor comercial, será feita uma abordagem referente à importância da Renda Labirinto nesses âmbitos.

As pessoas costumam relacionar maior grau de importância àquelas necessidades cujo atendimento depende a conservação de suas vidas. Antigamente, por exemplo, para ser considerada uma “moça prendada”¹⁴, uma mulher precisava, além de saber executar tarefas domésticas, fazer artesanato como o bordado ou a renda, e garantir o enxoval de casamento. Porém, talvez o status de “moça prendada” fosse mais bem empregado para as jovens de famílias abastadas, pois, no caso das moças de famílias menos favorecidas financeiramente, a confecção desses artefatos era sinônimo de fonte de renda.

Menger (1987) afirma que pode ocorrer uma alteração do grau de importância no atendimento das diversas necessidades que não se observa somente quanto ao atendimento de necessidades diferentes, mas também quanto

¹⁴ A moça prendada é uma mulher que possui aptidões domésticas; que vive em função de cuidar dos filhos e da casa e desenvolve algumas habilidades como costurar, bordar, cozinhar, fazer bolos, entre outras.

ao atendimento mais pleno ou menos pleno de uma mesma necessidade. Ou seja, saber confeccionar labirinto era necessário tanto para jovens ricos quanto pobres, mas os graus de importância eram diferentes.

Sobre isso, Dona Jaborandi levanta o seguinte argumento:

O labirinto é muito importante porque, pra nós, quando nós não tinha emprego, esse trabalho foi de grande ajuda. Por exemplo, eu que tinha esposo agricultor, era complicado, porque na agricultura, às vezes, a gente tem muita perda e aí o artesanato ajudava nas despesas da casa. O labirinto, além de ser bom de fazer, já era um dinheiro a mais, né?.

Por se tratar de uma técnica complexa, a produção da Renda Labirinto era mais realizada entre pessoas da classe baixa, que comercializavam para famílias com melhor poder aquisitivo. Como relata Dona Bromélia,

naquele tempo a gente fazia pra aquelas pessoas que tinha mais condição, né?. Mandava fazer também a senhora já falecida, a finada Raimunda do Zequinha, é..., o Zé Miguel, um rapaz lá do outro lado, lá do Canoé. [...] O tio Toinho Carneiro, mandou fazer muito. Todo esse pessoal assim mais antigo, que tinha mais condição, né?. [...] Porque, por aqui mesmo era as pessoas que tinha mais trabalho. A gente trabalhou muito, assim, pra esse pessoal.

O que podemos perceber é que essa realidade não mudou muito. Ainda hoje, apenas pessoas de boa condição financeira conseguem adquirir peças de labirinto mais elaboradas.

Porém quem compra labirinto não está comprando apenas uma peça de artesanato. Junto com ela, o comprador leva sonhos e tradições de várias gerações. Quem conhece a técnica, sabe quão trabalhosa ela é, e por isso valoriza e aprende a admirá-la cada vez mais.

E se ainda hoje é admirável observar as labirinteiras trabalhando, imagina quando elas ainda eram muito pequenas? Dona Camélia retrata que, quando criança, as pessoas costumavam observá-la trabalhando junto com sua irmã.

Aí todo mundo se admirava: como é que elas fazem? Quem passava no caminho, porque nós aproveitava a sombra de manhã, né? ou então de tardezinha, da frente da casa, pra se sentar e trabalhar, né?, aí quem passava, parava pra ver, né?. Porque num acreditava que a gente sabia fazer, porque tão pequena a gente era.

A citação demonstra não só a admiração daqueles que observavam as crianças confeccionando o labirinto. Ela reforça, sobretudo, o peso de uma tradição cujo processo de transmissão era iniciado ainda na infância.

Em outros momentos das entrevistas, as artesãs relataram a relevância da Renda Labirinto como fonte de complementação da renda familiar. Dona Bromélia registra que antes de se aposentar como agricultora o labirinto foi um grande auxílio na renda de sua família. Porém, após se aposentar, o artesanato continuou sendo realizado, mas não com a mesma frequência.

É válido salientar que o grande diferencial de se fazer artesanato não está apenas na complementação da renda ou na transmissão das tradições e dos valores familiares. Está, principalmente, nas relações construídas a sua volta; nas reuniões matinais ou nos fins de tarde onde elas podiam conversar sobre situações da vida; na união, através do artesanato, para o bem da coletividade; dentre outros fatores.

Dessa forma, podemos perceber o valor social do labirinto quando este se configura uma atividade educativa; quando a artesã passa a reconhecer a importância do seu trabalho e o quanto, de fato, ele deve custar; quando se tem um desenvolvimento da criatividade e do próprio conhecimento; quando a atividade se torna o centro da interação entre determinado grupo de pessoas; ou quando, no caso de artesãs mais idosas, ele se torna motivo para que elas permaneçam ativas.

Quando questionada sobre a motivação em continuar produzindo labirinto, Dona Bromélia diz o seguinte:

Elas diz: “ah, quando tu se aposentar, deixa esses trabalhos de mão”. Aí eu digo: “não, eu vou trabalhar até quando eu não puder mais, porque eu adoro o meu trabalho”. Terminou de fazer minhas coisas, eu tô na minha grade. Eu gosto do meu trabalho. [...] Eu só sinto dor na coluna. Eu digo que é, né?, num sei. Mas eu continuo o meu trabalho. [...] Porque é uma coisa que eu tô ocupando a minha mente.

Ela reforça que fazer labirinto a faz esquecer os problemas e lhe mantém vinculada a outras artesãs. É uma questão de socialização, como reforçam os autores a seguir.

Segundo Jacques e Strey (2002, p. 59), o indivíduo, logo que nasce, “encontra-se num sistema social criado através de gerações já existentes e que é assimilado por meio de inter-relações sociais”. Logo, através da socialização com o outro, as pessoas se comunicam, aprendem, ensinam e se expressam. Os

momentos de socialização são de suma importância para o desenvolvimento da autonomia e por motivarem a troca de experiências. Dessa maneira, as relações sociais tornam-se ferramentas fundamentais para a comercialização do artesanato.

De acordo com Lemos (2011) a rapidez das mudanças sociais, econômicas e políticas dos últimos anos no Brasil, tem modificado radicalmente o mercado de trabalho, especialmente com a introdução de novas formas e oportunidades no setor informal da economia. “Nesse momento, o artesanato é considerado como uma dessas atividades alternativas de geração de trabalho e renda para aqueles que não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho”. (LEMOS, 2011, p.30)

Em várias partes do planeta muitas pessoas buscam melhorias nas condições de vida, traçando novas alternativas para a geração de renda. Assim, instituições públicas e de fomento incentivam a produção artesanal como uma solução imediata para amenizar alguns problemas econômicos. Além disso, tais incentivos constituem a manutenção cultural e o desenvolvimento local.

Instituições como a Central de Artesanato do Ceará (CEART) desempenham um papel relativamente importante na vida das labirinteiras de Paripueira. Indiretamente, a Central é responsável tanto pela manutenção da produção da renda quanto pela desmotivação das labirinteiras, ou seja, por um lado algumas mulheres que ainda confeccionam labirinto o fazem porque recebem encomendas da CEART. Por outro lado, a pouca remuneração das artesãs acaba desestimulando-as.

Durante o diálogo com Dona Bromélia, a mesma trabalhava na produção de uma toalha de mesa. Quando questionada sobre quanto custava uma toalha como aquela, ela respondeu o seguinte:

Mulher, até a última vez que nós vendemos pra CEART pagaram só R\$ 500,00. Mas diz que a [toalha] de 3m eles só querem pagar R\$ 800,00. Eu digo: “minha filha, num paga nem o trabalho. Só o metro de linho é R\$ 14,00”. Da derradeira vez que ela [Dona Jequitibá] levou uma pra CEART, eles só pagaram R\$ 800,00. Eu disse: “olhe, se você ainda for na reunião ou alguma coisa por lá, você pode dizer que por esse preço não dá pra gente fazer”. Porque num dá, mulher!.

Em momentos da nossa conversa, Dona Bromélia citou o nome de Dona Jequitibá, uma vez que ela exerce, de certa maneira, uma liderança entre as

labirinteiras e é a responsável por manter as relações comerciais com o pessoal da CEART.

Indagando Dona Jequitibá sobre o valor pago pela CEART, comparado com o valor de venda de antigamente, ela respondeu que

num tem assim um valor muito alto não, porque ele é difícil de vender. Então, você ter uma coisa que é difícil de você vender, então num tem como ele tá aumentando de preço, né?. A tendência é diminuir, baixar o preço pra diminuir.

Essa resposta me deixou, no mínimo, inquieta, pois durante visita ao Centro de Turismo do Ceará (EMCETUR), em Fortaleza, uma vendedora garantiu que as peças de labirinto não permanecem muito tempo nas prateleiras. Quando questionada sobre o motivo para isto ocorrer, ela respondeu que a Renda Labirinto é considerada um artigo de luxo devido a sua escassez. Reforçou que mesmo tratando-se de uma peça cara, os consumidores normalmente são pessoas que reconhecem a raridade do labirinto.

Em outro momento, visitando a loja da CEART, também em Fortaleza, encontrei peças de labirinto bem acima do preço pago às labirinteiras. Uma toalha de mesa, por exemplo, com as mesmas dimensões da que estava sendo confeccionada na casa de Dona Bromélia, cujo valor era R\$ 800,00 (reais), estava custando R\$ 3.000,00 (reais).

Quando observamos uma diferença tão gritante de valores, é possível compreender a desmotivação das artesãs e o desinteresse da juventude. Dona Camélia afirma que os mais jovens realmente não se mostram interessados em aprender labirinto e quem faz já não quer mais, porque além de demorado, não se recebe o retorno esperado. Ela ainda reforça que

o labirinto é uma peça muito cara e muito custosa (demorada) de fazer. E [...] como ela é cara, as pessoas num tem mais facilidade pra comprar né. Porque a gente vendia, assim, as pessoas compravam e revendiam em Fortaleza. (Camélia, 2018)

Quando Carl Menger (1987) descreve sobre o caráter subjetivo de um determinado bem, ele exemplifica com o valor de um diamante. O autor fala que independente do diamante ter sido encontrado por acaso ou após 1000 dias de busca em um garimpo, quem avalia um bem não se preocupa com a origem do

mesmo, mas sim em saber para que ele serve e o que estaria perdendo não dispondo dele. Por isso, alguns bens que custaram muito trabalho, muitas vezes não têm valor algum ou, em outros casos, bens que não custaram tanto trabalho detêm alto valor.

Podemos perceber que existem muitas contradições acerca de como se dá a comercialização da Renda Labirinto. De um lado as artesãs afirmam que o labirinto está se extinguindo por não ser mais valorizado; do outro, encontramos peças de Renda Labirinto sendo comercializadas pelo triplo do valor pago às artesãs.

A CEART pode até ser uma “válvula de escape” por se tratar de uma alternativa rentável. No entanto, não satisfaz as artesãs.

Porque o que a gente tem que fazer pra CEART mesmo, tem que ir tudo pela metragem. Se passar um pouquinho a mais... (pausa). Porque agora, ela (Jequitibá) levou uns porta-xícaras de 11 cm e de 16 cm, e eles são bem pequenininhos. É trabalhoso. Aí, num bichinho desse tamanho, pequenininho, ela só tava querendo pagar 6 reais pra gente fazer tudo da gente, com tudo da gente. E aí o que é que aconteceu?, eu disse: “bote um pouquinho a mais, porque tem linho que encolhe tanto que a gente só falta cortar os dedos pra esticar”. E aí chegou lá (CEART), elas acharam maior. Aí num queria, porque tava maior. Foi 36 de cada. Aí eu disse: “eu não vou perder”. Aí, assim mesmo, a Jequitibá conversou com a mulher lá (referindo-se a pessoa da CEART) e aí ela disse: “é, eu vou deixar, mas quando a mulher (cliente) chegar, que eu vou conversar com ela, pra saber se vai comprar”. [...] Aí a gente faz tudo, compra tudo, ajesta tudo aí diz assim: “eu vou esperar aquele dinheirinho, e ainda botam banca”. (Bromélia, 2018)

Como Dona Jequitibá foi citada diversas vezes pelas outras labirinteiras, durante sua entrevista perguntei para a mesma como se dava sua relação com a CEART. Percebi que suas respostas foram sempre vagas, como se quisesse desviar o assunto. Até que em determinado momento ela, simplesmente, pediu para que encerrássemos nossa conversa. Ao que parece, Dona Jequitibá teve receios de que minha pesquisa tivesse outra finalidade. Tentei argumentar, explicando mais uma vez que a pesquisa tinha como objetivo apresentar a história do labirinto, mas Dona Jequitibá falou que precisava concluir seus afazeres domésticos. Para não ser indelicada, preferi não insistir e manter as informações que já havia coletado.

Contudo, não dá para negar seu papel diante das artesãs. De certa forma, é ela quem ainda mantém as mulheres “organizadas”, contribuindo para a manutenção do labirinto na comunidade.

6.2 Organização Comunitária

Um trabalho realizado coletivamente pode gerar bons resultados para um grupo e enriquecer experiências individuais, principalmente em comunidades rurais. Nesse sentido, de acordo com o Instituto Centro de Vida (ICV) a organização comunitária promove a independência das comunidades em seus mais diferentes processos. Trata-se de uma iniciativa de mobilização de um grupo de moradores e moradoras de uma determinada comunidade (território ou região) para obter melhorias para a população junto ao Poder Público e a outros atores sociais. (ICV, 2014)

A organização comunitária normalmente é encabeçada por um líder comunitário, porém as decisões acerca da comunidade são conduzidas coletivamente. Ela promove a integração, fortalecimento, empoderamento e união da comunidade, ações de reciprocidade e transparência na gestão dos recursos locais. (ICV, 2014)

Quando falamos em organização comunitária, logo nos lembramos de associação ou cooperativa¹⁵. Mas é preciso entender que a organização comunitária é algo mais amplo, e que uma associação ou uma cooperativa são apenas instrumentos que podem auxiliar no fortalecimento de um grupo comunitário.

Uma comunidade organizada consegue acessar com mais facilidade algumas políticas públicas. Muitas vezes, para garantir essa organização, as comunidades criam associações e cooperativas, que auxiliam na obtenção de recursos.

A associação é “uma forma de organização em constante integração e constitui uma ferramenta para a busca de melhoria da qualidade de vida dos indivíduos de um local, com base na luta conjunta” (ICMBio, 2011). Em outras palavras, é uma maneira mais simples de reunir juridicamente um grupo de pessoas para a efetivação de objetivos comuns. Já a cooperativa é conceituada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) como uma associação autônoma de pessoas que se unem para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, através de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida. (SEBRAE, 2018)

¹⁵ São instrumentos sociais mais comuns em comunidades rurais, mas vale salientar que não são únicos.

Mesmo com as vantagens de se criar uma associação ou cooperativa, em Paripueira não há e nunca houve uma associação ou cooperativa de artesanato. O que existiu durante um tempo foi um grupo informal que era responsável pela junção e comercialização de peças de labirinto, não apenas do Centro, mas da comunidade como um todo. As mulheres reuniam labirintos confeccionados principalmente nas localidades de Porteiras, Goiabeiras, Tanque do Ribeiro, Córrego do Sal e Prainha do Canto Verde. Com o passar dos anos, o grupo foi diminuindo até desaparecer.

Anos mais tarde, a partir de uma demanda da CEART, as artesãs criaram novamente um grupo de trabalho no qual elas organizavam a produção das encomendas. Diferente do primeiro, este foi formado por algumas mulheres do Centro e das Porteiras, comandado por Dona Jequitibá, pois segundo ela,

eles (CEART) gostam mais desses lugares que tem associação, né?. Grupo de labirinteira, de artesã. [...] Tem a que eles fazem a organização, né? [...] tem secretária, tem num sei o quê. Tem tudo aquilo. E então as meninas aqui [...] desistiram, que a gente fez com a Isabel, tudim. Montou tudo. Quando foi na hora elas desistiram, porque tinha que assinar uma folha, e essa folha tinha que ir pra lá (CEART), e quando elas fosse aposentar, porque vez em quando uma se aposenta, aí disseram pra elas que podia dar problema. Sei que elas desistiram por isso.

A artesã reforça que o grupo chegou a ser formado com uma média de vinte mulheres, mas foi enfraquecendo porque muitas labirinteiras desistiram por medo de perder suas aposentadorias como agricultoras. Entretanto, Dona Bromélia relata que além do receio de perder a aposentadoria, a desunião também foi um ponto que acelerou o término do grupo.

Aí hoje, do grupo mesmo, que ainda permanece trabalhando só sou eu e a Jequitibá que, quando recebe as encomendas, bota pras mulheres das Goiabeiras fazerem, paga pra elas fazerem. E outras duas mulheres lá nas Porteiras mesmo. (Bromélia, 2018)

Tratando-se da organização de um grupo é importante pensar em ações que se articulem de forma clara, diminuindo o risco de fracasso. No caso das labirinteiras de Paripueira, um dos motivos que pode ter impedido a criação de uma associação foi a falta de informações que pudessem orientar sobre seus direitos e deveres. Se para as mulheres mais velhas havia um tempo de serviço na agricultura que elas não queriam perder, o artesanato poderia beneficiar as mais jovens. O problema é que a Lei que garante a aposentadoria como artesão (ã) é bem recente.

A Lei Nº 13.180, de 22 de outubro de 2015, que dispõe sobre a profissão de artesão, foi sancionada durante o governo da presidenta Dilma Rousseff. De acordo com o Art.3º

o artesão será identificado pela Carteira Nacional do Artesão, válida em todo o território nacional por, no mínimo, um ano, a qual somente será renovada com a comprovação das contribuições sociais vertidas para a Previdência Social, na forma do regulamento. (Presidência da República, 2015)

Além disso, a Lei garante a qualificação constante dos artesãos e o incentivo ao aperfeiçoamento das técnicas e processos de produção, apoio comercial e certificação de qualidade ao produto.

Mesmo com toda a insistência da CEART, as mulheres optaram por não formalizar o grupo.

Porque pra formalizar o grupo tinha que fazer a carteirinha, porque num podia se trabalhar de outra forma não. Eu era uma coordenadora de artesanato, do grupo de pessoas, né?. Então era assim, era tão bom, porque a gente era uma família junto. Uma vez ia pra casa duma, depois ia pra casa da outra. Acordava cedo, fazia peça, ia deixar e pegava o dinheiro e dividia. Cada qual, conforme o que você fizesse. [...] E então, ninguém podia obrigar. Aí pronto, o grupo se desfez. (Jequitibá, 2018)

O principal receio das artesãs era que, ao se submeterem ao Cadastro Nacional de Artesãos, elas poderiam perder o direito a aposentadoria como agricultora. Porém, o que elas não sabiam, é que elas poderiam ter criado uma associação sem precisar se vincular ao cadastro nacional.

Pela vontade das labirinteiras, Jequitibá reforça que

poderia dar certo, se fosse só pra formar um grupo pra se reunir, mas pra formalizar não daria certo. Poderia criar, assim, um grupo, que fosse um grupo informal, porque se for pra formar um grupo tipo associação de artesão não dá certo. Tem que ser um grupo individual, aí a gente divide igual, né?. Cada um na sua casa. Aí a pessoa contata a pessoa, às vezes pede 20 guardanapos, pede pano pra bandejinha, coisa assim. Aí então, até o contato comigo, eu passo pra elas, aí eu dou, elas faz. Mas num é uma coisa vinculada a um grupo, associação, isso num é.

O que intriga é o fato de que esse tipo de orientação poderia ser dado pela CEART, porém é difícil dizer o que estaria em pauta ao repassar determinada informação. Acredito que solicitar a criação de uma associação e exigir o cadastro das artesãs seria de certa forma, um meio de mantê-las sob as rédeas da instituição.

Uma ação como esta é o que Freire configura como manipulação das massas oprimidas, ou seja, trata-se de uma característica da teoria da ação antidialógica.

Muitas vezes esta manipulação, dentro de certas condições históricas especiais, se verifica através de pactos entre as classes dominantes e as massas dominadas. Pactos que poderiam dar a impressão, numa apreciação ingênua, de um diálogo entre elas. Na verdade, estes pactos não são diálogo porque, na profundidade de seu objetivo, está inscrito o interesse inequívoco da elite dominadora. Os pactos, em última análise, são meios de que se servem os dominadores para realizar suas finalidades. (FREIRE, 2016, p. 227 e 228)

A organização de uma comunidade permite o crescimento coletivo, facilita o acesso a crédito e a comercialização dos produtos. Por isso, é preciso enxergar que um grupo unido é mais sólido, pois mesmo que ele seja formado por pessoas com talentos e personalidades diferentes, todas possuem um objetivo em comum. Um grupo forte e organizado é mais difícil de se deixar enganar por promessas vagas.

Dentro da organização comunitária é preciso entender que a ação de um reflete em todos os envolvidos. Neste caso, é a liderança comunitária a responsável por saber lidar com as pessoas e com momentos de dificuldades.

Freire (2016, p.233 e 234) reflete que

enquanto a ação do líder se mantém no domínio das forças paternalistas e sua extensão assistencialista, pode haver divergências acidentais entre ele e grupos oligárquicos feridos em seus interesses, dificilmente, porém, diferenças profundas. É que estas formas assistencialistas, como instrumento de manipulação, servem à conquista. Funcionam como anestésico. Distraem as massas populares quanto às causas verdadeiras de seus problemas, bem como quanto à solução concreta destes problemas. Fracionam as massas populares em grupos de indivíduos com a esperança de receber mais.

Fazendo relação entre a citação de Paulo Freire e a situação das labirinteiras em Paripueira, é possível perceber que é o que ocorre entre as artesãs, Dona Jequitibá e a CEART. Enquanto as labirinteiras estiverem à sombra da CEART, ou acreditando que o motivo do enfraquecimento da Renda Labirinto é uma desvalorização em relação ao mercado, elas jamais se darão conta de seu real problema, tampouco encontrarão soluções que possam, de fato, auxiliar na continuação do labirinto.

7 RELAÇÃO ENTRE O SABER POPULAR E A PRODUÇÃO DA RENDA LABIRINTO NA COMUNIDADE PARIPUEIRA, BEBERIBE-CE: CONCLUINDO A PESQUISA

Quando decidi pesquisar sobre artesanato, eu já imaginava que encontraria muitos obstáculos, pouca bibliografia sobre o assunto, mas, sobretudo, uma possível resistência por parte das participantes. Entretanto, não pensei que seria tão difícil.

Em muitos momentos durante a execução da pesquisa eu pensei em desistir. Um pensamento comum que vez ou outra vinha à tona em minha mente era que teria sido mais tranquilo, talvez até menos doloroso, se eu tivesse permanecido em minha “zona de conforto” e escolhido algum tema mais “fácil”. Ao contrário do que muitos pensaram, o fato de eu ser uma admiradora do artesanato não facilitou nem um pouco o desenvolvimento do meu trabalho.

Enquanto eu me organizava e preparava a abordagem que seria trabalhada com as labirinteiras, eu só conseguia pensar nas informações que eu poderia obter e até que ponto elas seriam, de fato, úteis. No entanto, as coisas mudaram no primeiro contato.

Todas as entrevistas tiveram como foco o envolvimento das entrevistadas com a renda labirinto. Até então, eu imaginava que iria apenas gravar as conversas e transcrever depois. Porém, quando cada uma começou a contar sua história, percebi que, a partir daquele momento, eu já não estava mais registrando meras informações; a partir daquele momento eu recebi a responsabilidade de ouvir, registrar e interpretar, cuidadosamente, aquelas falas.

Sem pedir nada em troca, aquelas mulheres me apresentaram suas vidas, num gesto de gentileza e confiança. Contudo, não posso dizer que foi simples com todas. Uma delas se mostrou muito desconfiada e receosa, até eu perceber o que ficou subentendido com seu comportamento. A desconfiança era um meio de se proteger, de se preservar do mundo que já havia lhe decepcionado bastante.

A partir da interpretação das falas das participantes procurei, no decorrer de todo o texto, fazer com que os leitores se percebessem na pesquisa, detalhando a metodologia, apresentando o local de realização e demonstrando, através de imagens e das palavras das artesãs, como acontece a produção da renda labirinto.

Percebi que sendo o artesanato algo ligado à cultura de uma comunidade, a técnica não é a única coisa a ser ensinada. Seu valor também passa a ser transmitido de geração para geração, manifestando não somente uma arte, mas evidenciando as vivências e a tradição de um povo. Mesmo competindo num mercado globalizado e quase sempre injusto, valorizar o artesanato é entender sua importância cultural, econômica e social.

A produção do artesanato, relacionada à questão do desemprego ou da complementação dos recursos da família, é uma atividade de grande valor para a geração de renda no país, garantindo a inserção de uma parcela da população no mercado de trabalho informal. Ele tem sido fundamental na “reconstrução” de vidas. Muitos exemplos Brasil a fora retratam pessoas que sofreram mudanças significativas de vida após iniciarem alguma atividade artesanal. Dona Bromélia é um exemplo claro de que isso é possível, pois mesmo diante da violência sofrida pelo companheiro e de outras dificuldades, foi na produção do artesanato que ela conseguiu enfrentar os problemas e sustentar sua família.

Para as labirinteiras de Paripueira, a industrialização e a tecnologia são os principais fatores que vem contribuindo para uma diminuição da produção da renda labirinto. Elas acreditam que seus produtos foram substituídos por similares que são produzidos em escala industrial e comercializados por um preço muito abaixo do valor da renda tradicional. Além disso, a tecnologia seria uma influenciadora da juventude que não percebe nas tradições populares algo interessante.

Vale ressaltar que com a industrialização algumas tipologias foram se tornando cada vez mais raras ou até deixando de existir. Por outro lado, na contramão da sociedade industrial, algumas atividades artesanais vêm tentando sobreviver, sendo, inclusive, valorizadas por estarem escassas. Porém, as labirinteiras parecem desconhecer este fato.

Em dado momento da entrevista com Dona Jequitibá, ela afirmou que a CEART chegou a investir em cursos, mas que, ainda assim, não foi suficiente para que as mulheres mantivessem interesse, alegando inviabilidade. Foi então que me questionei: Se realmente fosse inviável, por que a CEART ainda estaria investindo? A partir desse questionamento, procurei entender a participação da CEART no processo.

Busquei informações na própria central, sem muito sucesso. Então, passando-me por consumidora, questionei sobre preços de peças labirinto tanto na loja da CEART quanto na EMCETUR. Para minha surpresa, a renda é bem vendida, pois os compradores, geralmente, conhecem o produto e compram justamente por saberem que se trata de algo pouco comum nos dias atuais.

Foi então que compreendi que em alguns casos, a valorização do artesanato se dá por suas particularidades, ou seja, quanto mais diferente e inovador, maior é o seu valor. Todavia, com o labirinto ocorre o contrário, pois quanto mais próximo do formato tradicional, mais valorizado ele é. Por isso o labirinto ainda é tão caro.

Existe um mercado particular que reconhece o peso da tradição e o valor simbólico embutido numa peça de labirinto. Entretanto, é preciso que haja um trabalho de divulgação para que as pessoas possam conhecer e enxergar seu real valor e o porquê de seu alto custo. Além disso, um bom artesanato pode trazer em sua essência um pouco de romance, beleza e singularidade, mas também pode carregar resquícios de dissabores e exploração da mão de obra artesã.

É possível dizer que é muito válida a influência da renda labirinto na vida social das pessoas. Sua produção permite as artesãs ampliarem seus horizontes, conhecerem novas oportunidades de trabalho e se sentirem parte importante no processo de desenvolvimento econômico local. O que falta para melhorar é elas perceberem que seus produtos valem muito mais do que lhes é oferecido por eles, ou seja, precisam aprender a dar o devido valor para que possam receber o que realmente equivale ao trabalho desenvolvido.

Como foi bem ressaltada durante o texto, a relação ensino-aprendizagem vai produzindo um saber com base no cotidiano, não excluindo o saber científico, mas sim, propondo uma junção de diferentes maneiras de entender e adquirir saber. O artesanato, como outras formas de manifestações artísticas, é frequente em muitos espaços educacionais, especialmente nos âmbitos da educação não formal. Mas qual seria a relação entre o saber popular e a produção da renda labirinto em Paripueira?

Uma vez que a produção da renda labirinto é uma atividade que faz parte da tradição local de Paripueira, ela também permite a manutenção de um saber popular característico. Sendo assim, percebe-se uma relação mútua; um existe pelo

outro, ou seja, o artesanato faz parte do saber popular daquela localidade e o saber popular se faz presente nas peças que são produzidas.

A sabedoria popular, assim como o labirinto, está enraizada nas tradições, nas conversas de calçada, nas indumentárias sacerdotais, nas festas cristãs, na produção do labirinto, entre outros. Contudo, pelo que pude observar, existe uma tendência ao desaparecimento e, na medida em que a renda labirinto vai enfraquecendo, parte do saber popular de Paripueira vai sumindo com ela.

Ao investigar o saber popular, pude constatar que, assim como outras manifestações populares, ele também se modificou a partir das influências da ciência e da tecnologia. Por isso é importante entender que essas interações podem ocorrer e resultar em novas formas de concepção desse saber.

Os saberes que tecem a trama da vida dão substância aos questionamentos dos quais as ciências são originadas. É através do cotidiano e dos conhecimentos gerados nele que se sustentam as hipóteses que, após comprovações, tornam-se teorias.

É preciso que haja um diálogo entre os saberes. Dessa forma, a interação entre o saber local e o saber institucional poderia permitir um ensino com base no contexto real que pudesse fortalecer a identidade profissional das artesãs e contribuir para a formação de pessoas com mais criticidade, capazes de atuarem no desenvolvimento da comunidade.

A utilização do saber popular na educação formal em Paripueira poderia, por exemplo, se configurar uma ferramenta para um ensino desvinculado, com condições de formar cidadãos questionadores que conservem a identidade cultural local e que não sejam alienados em decorrência da tecnologia.

Na medida em que a sociedade “evolui”, muitos fatores vão se perdendo ao longo dessa trajetória. Com isso, é preciso encarar o fato de que, se não houver intervenção de políticas públicas, não somente a renda labirinto, mas também, outras tipologias de artesanato deixarão de existir com o passar dos anos. É difícil, porém, afirmar com precisão quanto tempo isso deve demorar.

Para mim, mesmo diante de tantos contratempos, a realização desta pesquisa foi satisfatória, pois me permitiu perceber a importância e a contribuição do artesanato para a manutenção das tradições locais bem como o seu papel para o saber popular. A partir da troca de experiências com as artesãs, pude aprender com

elas e entender que as mesmas precisam se perceber e se reconhecer como produtoras de conhecimento.

Como pesquisadora, foi oportuno conhecer como se desenvolve o processo de confecção da renda labirinto e a história de Paripueira, contada por seus moradores, além de aprender mais sobre o saber popular. Também posso dizer que um registro como este é importante para a academia, principalmente para pesquisadores que, assim como eu, se interessam pelo artesanato, mas encontram dificuldades em encontrar estudos sobre o assunto.

Como pessoa, pude conhecer mulheres fortes, incríveis, com histórias de superação bastante motivadoras, que me fizeram refletir sobre o poder existente em pessoas simples e o quanto a academia precisa modificar sua forma de atuação em espaços como este. É importante lembrar que muitas comunidades estão de “braços abertos” para receber pesquisadores, porém é preciso que haja da nossa parte, um comprometimento em contribuir de maneira responsável com essas pessoas que estão cansadas de serem tratadas como “ratinhos de laboratório”. A universidade precisa dar o devido retorno à comunidade, demonstrando, também, seus resultados para quem, de fato, merece tê-los: os participantes da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARANDA, Surnai Benítez. La artesanía latinoamericana como factor de desarrollo económico, social y cultural: a la luz de los nuevos conceptos de cultura y desarrollo. **Revista Cultura y Desarrollo**. n. 6. p. 3-19. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002212/221298s.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2017.
- BARBOSA, A. Lemos. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. 101 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 229 p.
- BARROSO NETO, Eduardo. **O que é artesanato**. Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002. 122 p.
- BENINCÁ, Ciomara Ribeiro Silva; GOMES, William B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *In: Estudos de Psicologia*, 1998. p.177- 205. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X1998000200002&lng=en&nrm=iso&tlng=ptpt>. Acesso em: 21 maio. 2018.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Hagnos, 2003. 1503 p.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 259 p.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 17 maio. 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Saber e Ensinar: três estudos de educação popular**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986.127 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. 61 p.
- BRASIL. Educação Integral. **Texto referência para o debate nacional**. Brasília: MEC, SECAD, 2009. 52 p. Série Mais Educação. Disponível em: <http://educacao.integral.mec.gov.br/images/pdf/biblioteca/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em: 24 maio. 2018.
- BRASIL. Ministério do Trabalho. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS: Informações para o Sistema Público de Emprego e Renda - Dados por Município**. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php>. Acesso em: 25 maio. 2018.
- BRASIL CHANNEL. **Ceará (CE): Dados gerais**. 2017. Disponível em: <<http://www.brasilchannel.com.br/estados/index.asp?nome=Ceará>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 193 p.

CEARÁ. **Escolas públicas e particulares de Beberibe/CE**. Disponível em: <<http://www.escolas.inf.br/ce/beberibe>>. Acesso em: 21 maio. 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 112 p.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 438 p.

CHASSOT, Attico. **Sete escritos sobre educação e ciência**. São Paulo: Cortez, 2008. 297p.

CUNHA, Gabriel. **Artesanato: Questões da Comercialização**. Coimbra: CEARTE, 2011. 111 p.

DAMASCENO, Maria Nobre. **Artesania do saber: tecendo os fios da educação popular**. Fortaleza: Editora UFC, 2005. 170 p.

D'AVILA, J. S. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. *In*: RIBEIRO, B. (Org.). **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. FUNARTE. Rio de Janeiro, 1983. p.167-188.

DIAS, Maria Esther Barbosa. As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos. **O público e o privado**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará. n. 2, Jul./dez. 2003. p. 47-61. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=issue&op=view&path%5B%5D=31&path%5B%5D=showToc>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

DIAS, Maria Inês de Campos Duque. **Diagnóstico ao estado dos arquivos fotográficos em Portugal: a importância da fotografia nos centros especializados de arquivo**. 2012. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação e Documentação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Significado de Paripueira**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/paripueira/9242/>>. Acesso em: 20 maio. 2018.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2001. 162 p.

EVANGELISTA, Janete; MACHADO, Lucília. Educação. *In*: FIDALGO, Fernando; MACHADO, Lucília. **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação/FAE/UFMG, 2000. p. 203-215.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. *In*: WAGNER, Adriana (org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 25-46.

FLEURY, Catherine Arruda. **Rendas de bilros, renda da terra, renda do Ceará:** a expressão artística de um povo. São Paulo: Annablume, 2002. 296 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 107 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1967. 157 p.

FREITAS, Ana Luíza Cerqueira. **Design e Artesanato:** uma experiência da metodologia de projeto de produto. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Programa de Pós-graduação em Engenharia, Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

FERREIRA, Bruno. **A história do trabalho.** Disponível em: <<http://historiabruno.blogspot.com/2013/04/a-historia-do-trabalho.html#ixzz4ruDKGQaF>>. Acesso em: 05 set. 2017.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária.** Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal no campo das artes.** São Paulo: Cortez, 2015. 128 p.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. 121 p.

GONDIM, M. S. C.; MÓL, G.S. Interlocução entre os saberes: relações entre os saberes populares de artesãs do triângulo mineiro e o ensino de ciências. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/585.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Artesanato.** Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/artesanato>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

GREGÓRIO, Paula Maria Fernandes. **A exploração da técnica do patchwork no vestuário feminino contemporâneo.** 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.11/2229>>. Acesso em: 24 de mar. 2017.

GUIMARÃES, Dodora. **Renda Labirinto:** a poética. 2015. Disponível em: <<http://www.luacheia.art.br/496-renda-labirinto-a-poetica.html>>. Acesso em: 04 out. 2017.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. 224 p.

IBGE. **História de Beberibe**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/beberibe/panorama>>. Acesso em: 18 maio. 2018.

IBGE. Perfil dos Estados e Municípios Brasileiros. **Cultura**: 2014. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/munic_cultura_2014/sel_tema.php?munic=2302206&uf=23&nome=beberibe>. Acesso em: 21 abr. 2018.

IBGE. **Beberibe /Histórico**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/beberibe.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Fortalecimento da Organização Comunitária**. 2011. Disponível em: <<http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/fortalecimentodaorganizacaoorganizacaocomunitaria.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

ICV. Instituto Centro de Vida. **Organização Comunitária**: uma história de formação de lideranças rurais e associativismo com agricultores e agricultoras familiares do Assentamento Nova Cotriguaçu, MT. Cotriguaçu, Mato Grosso, Brasil, 2014.

IGREJA DA PENHA. **Igreja Nossa Senhora da Penha**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Igrejadapenhaparisce/posts/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

IPECE. **Limites municipais e distritais**. Região de planejamento Litoral Leste. 2016. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/143x.htm>>. Acesso em: 19 maio. 2018.

IPECE. **Perfil Municipal**. Beberibe. 2017. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2017/Beberibe.pdf>. Acesso em: 24 maio. 2018.

IPECE. **Mapa do Ceará**. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/156x.htm>>. Acesso em: 19 maio. 2018.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa; STREY, Marlene Neves. **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. 264 p.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006. 189 p.

LEMOS, Maria Edny Silva. **Artesanato como alternativa de trabalho e renda**: subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-CE. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 261 p.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade:** um estudo sobre a arte e educação. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003. 256 p.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar:** ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999. 241 p.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar. **Revista Em Aberto**, Brasília, n. 58., abr/jun. 1993a. p. 14-23.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. O currículo e a construção do conhecimento na escola: controvérsias entre conhecimento comum e conhecimento científico no ensino de ciências físicas. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 15., 1993, Caxambu. **Anais...** Caxambu, set. 1993b. p. 35-47. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v17n2/1983-2117-epec-17-02-00308.pdf>> Acesso em: 30 abr. 2018.

MAIA, Isa. **O artesanato da renda no Brasil.** João Pessoa: Editora Universitária, 1980. 185 p.

MARQUES, Mário Osório. **Saberes e valores em interlocução na educação.** 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. 154 p.

MENGER, Carl. **Princípios de Economia Política.** 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 178 p.

PENSO, Maria Aparecida; COSTA, Liana Fortunato. **A transmissão geracional em diferentes contextos:** da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008. 304 p.

PEREIRA, José Carlos da Costa. **Artesanato:** definições e evolução. Brasília: Ministério do Trabalho, 1979. 153 p.

PIAGET, Jean. **Psicologia da inteligência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 360 p.

PORTO ALEGRE, Sílvia Porto. **Mãos de mestre:** itinerários da arte e da tradição. São Paulo: Maltese, 1994. 155 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BEBERIBE. **História de Beberibe.** Disponível em: <<http://beberibe.ce.gov.br/omunicipio.php>>. Acesso em: 20 maio. 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. 277 p.

SEBRAE. **O que é uma cooperativa.** Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/o-que-e-uma-cooperativa,109c5e130530d410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 279 p.

SILVA, D. Saber Popular fazendo-se saber escolar. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL*, 5., 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2004, p. 89-97.

SILVA, Bárbara Cravo da. Iniciativas para o desenvolvimento de uma moda sustentável. *In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 18., 2009, Londrina, **Anais...** Londrina, UEL, 2009, p. 55- 67.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. **Quando a cultura entra na moda: a mercantilização do artesanato e suas repercussões no cotidiano de bordadeiras de Maranguape**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. 252 p.

SILVA, Severino Felipe da; MELO NETO, José Francisco de. Saber popular e saber científico. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 24, n. 2, dez. 2015. p.137-154. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwihonQqeXbAhUCfpAKHY7OAIYQFggnMAA&url=http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/download/25060/14567&usg=AOvVaw0upcM8LJolXB-GMwl_4i-Y>. Acesso em: 21 abr. 2018.

SOUZA, Simone. **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994. 403 p.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano Editora, 2002. 96 p.

TEXTILE INDUSTRY. **De onde vem o tradicional labirinto cearense?** 2010. Disponível em: <<https://textileindustry.ning.com/profiles/blogs/de-onde-vem-o-tradicional>>. Acesso em: 10 out. 2017.

TODA MATÉRIA. **Lenda do Boitatá**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/boitata/>>. Acesso em: 28 maio. 2018.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação e Sociedade**, 2010. p. 327-346. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a03.pdf>>. Acesso em: 24 maio. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 176 p.

VAINSENER, Semira Adler. **Artesanato do Nordeste do Brasil**. 2007. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=326&Itemid=1>. Acesso em: 04 out. 2017.

VASCONCELOS, Fábio Perdigão; CORIOLANO, Luiza Neide Menezes T.. Impactos Sócio-Ambientais no Litoral: um Foco no Turismo e na Gestão Integrada da Zona Costeira no Estado do Ceará/Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**. 14 nov. 2008, p.259-275. Disponível em: <http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci-134_vasconcelos.pdf> Acesso em: 04 out. 2017.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: BROOKMAN, 2005. 200 p.

APÊNDICES

APÊNDICE I – QUADROS DE ANÁLISE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

QUADROS DE ANÁLISE – agrupamento das falas

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------------|---------------------------------|--------------|--|------------------------|------------|-----------------------------|
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Bromélia | Só que eu comecei a trabalhar nesse trabalho, eu tinha cinco anos de idade. Eu tenho 57 anos. Comecei a trabalhar minha mãe me ensinando. Eu me sentava numa coisinha pequenininha pra ficar alta pra alcançar a grade e até hoje, graças a Deus, eu tô trabalhando. | Transmissão geracional | 6 vezes | Saber popular (24 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Camélia | A minha história com o labirinto é que eu aprendi com a minha mãe. Aí, eu com cinco anos já fazia guardanapinhos, pra vestir e comprar minhas roupinhas. Eu e a minha irmã, aquela do Corgo (referindo-se a localidade Córrego do Sal), a que morreu. Nós duas. Papai fez assim, uma gradezinha desse tamanho (ela fez um gesto com as mãos que sugeriu que a grade teria aproximadamente 30 cm), que cabia um guardanapo né?, só um. E... nós fazia labirinto. A minha mãe ensinou e nós fazia. Nós num sabia cortar, assim como eu faço agora né?, mas a minha mãe cortava e nós botava na grade e enchia, torcia, caseava. Ela ficava ensinando se (caso) num tivesse certo. E a gente completava todinho. Era de uma pessoa de Aracati. Trazia de lá, uma tia da gente. Ela é irmã do Zé Porteira, ela já morreu. Vinha do Aracati pra ela mandar fazer e aí ela recebia, a gente fazia, entregava e ela devolvia pra Aracati. A gente começou a fazer labirinto pra Aracati. Desde os cinco anos que eu faço. Aí todo mundo se admirava de vê a gente fazendo. Na verdade eu morava nas Porteiras, aí depois que eu vim pra cá com 19 anos. | Transmissão geracional | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|------------------------------|--------------|---|------------------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Murici | Quando eu tinha 11 anos a minha tia me ensinou a fazer labirinto. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Murici | A minha tia só fazia o desfiado, que foi o que ela me ensinou. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Jaborandi | A minha família já vem fazendo labirinto há quatro gerações. Minha mãe aprendeu com a minha avó, me ensinou e eu ensinei as minhas filhas. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Jaborandi | Olhe que eu tenho 74 anos. Desde que me entendo por gente que lembro da minha mãe fazendo labirinto. Ela me ensinou eu tinha oito anos. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Jequitibá | Eu aprendi com, assim, quando eu via a minha mãe fazer, aí eu olhava e aprendi, que a minha mãe nem cortar quis ensinar. Eu dizia assim: “mãe como é isso?”. Aí ela dizia: “vai pra lá menina, deixa eu fazer aqui, fica só atrapalhando”. Mas eu ficava olhando. E eu sei que aí eu aprendi a fazer uns guardanapos pequenos. E aí depois Deus foi me capacitando e eu aprendi a fazer as mostrazinha né?. | Saber da experiência | 2 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Jequitibá | Eu aprendi com nove anos. Nove anos de idade eu já colocava, mandava botar um só guardanapo na gradezinha e começava a fazer. | Saber da experiência | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como aprendi) | Murici | Quando eu vim morar em Paripueira eu só sabia desfiar. Aí, aqui foi que eu fui atrás de aprender as outras etapas. | Busca pelo saber | 1 vez | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---------------------------|--------------|--|---------------------|------------|--------------------------|
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Bromélia | É assim, esse processo aqui é feito pela dona Camélia. Eu levei essa pra lá, aí eu pago o dinheiro pra ela cortar, porque ela num vai esperar pelo dinheiro que venha da CEART, então tudo tem que ser anotado. Aí a gente enche, como eu tô enchendo. Aí eu num quero torcer, que é esse pauzim aqui, aí eu já passo pra outra pessoa fazer, aí depois é que eu vou botar o paletão, casear o pano e terminar o resto | Divisão do trabalho | 6 vezes | Saber popular (24 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Camélia | <i>A senhora faz todas as etapas?</i> Não. Só faço cortar, mas eu sei fazer todas. Mas se você quiser amostra, eu tenho aqui uns pedaços. (pausa para mostrar as peças de mostruário) | Divisão do trabalho | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Murici | Porque na verdade quase todo mundo sabe fazer todas as etapas, mas geralmente não faz. Às vezes se aperfeiçoa só numa e aí fica fazendo aquela que tá mais acostumada. Aí quando aparece uma peça que é pequenininha, dá pra fazer tudo sozinha. Mas quando a peça é grande, a gente passa pra outra pessoa. | Divisão do trabalho | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Jequitibá | <i>A senhora teria alguma peça pra mostrar?</i> Eu tenho uma toalha, que a menina tá até ali com ela na grade. É minha, mas tá lá. Eu botei na grade, aí mandei ela fazer. | Divisão do trabalho | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Murici | Então, todo mês ele trazia uns panos pra gente desfiar e depois levava pra outras mulheres, pra fazer as outras partes né?. | Divisão do trabalho | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Murici | <i>A senhora trabalha com todos os processos?</i> Sim, só não o corte. Se for uma coisa pequena, assim, um pano de prato, aí eu corto, porque tu sabe né?, a gente num tem a vista boa né?, problema na coluna, e corte precisa ser atenta pra num errar. A minha preferida mesmo é encher. Encher, que é o desenho né?, que é essa parte aqui. Dá mais trabalho, ninguém quer fazer. | Divisão do trabalho | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---------------------------|--------------|---|-------------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Bromélia | Primeiro é o corte, depois o desfiado. Desfiado que é pra fazer essas malhinhas, puxar fio por fio. Porque a gente compra o tecido, aí aqui a gente vai mandar cortar e vai fazer assim. Aí depois a gente vai fazer esse processo do enchido. Vamos desenhar tudo né?, tá aqui tudo o que a gente vai fazer. Quando termina de desenhar, de encher, aí a gente vai fazer esse processo aqui: torcer todinho, pauzim por pauzim pra juntar os fios, pra ficar juntinho pra não se desmanchar. Depois de torcido aí é que a gente vai fazer o paletão, que é isso aqui, paletão. Depois do paletão a gente tira da grade, caseia esse pano todinho igual eu fiz aqui com esse pano de prato. Caseia todinho. Depois é que vai lavar. Passa três dias lavando, ensaboando, tirando sabão, ajeitando, aí bota na grade de novo, no sol, e vai botar todas as coisinhas de novo na grade, estirado o trabalho né?. Depois de todo estiradinho, vai para o grude né?, pra ficar durinho assim né?. Depois do grude a gente tira da grade e vai recortar todinho aqui ao redor, esse aqui todinho pra ficar só assim (mostrando o acabamento da peça). Aí aqui tá pronto pra fazer a entrega. | Produção da renda | 2 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Murici | Eu lembro que tinha um rapaz, que ele trazia uns materiais pra minha tia fazer os trabalhos. | Produção da renda | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Jequitibá | <i>Realmente não existe mais nenhum contato com alguma pessoa do CEART? Se as meninas de lá, alguém de lá, porque lá eu conheço, assim, bastante pessoa. Aí, se ela, ela diz se encomenda alguma coisa, assim, pra mim. Aí eu, mesmo se eu num puder fazer, aí eu dou a oportunidade pras meninas lá fazer. Alguém que quer. "Alguém quer fazer uma toalha assim?". Então, a pessoa que quer, então a pessoa faz e eu vou deixar.</i> | Comercialização | 1 vez | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como faço) | Jaborandi | Ate hoje, de vez em quando eu faço alguma coisa pra cá pra casa ou quando alguém de fora encomenda. | Resistência | 1 vez | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------------|---------------------------------|--------------|---|------------------------|------------|-----------------------------|
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como ensinei) | Camélia | <i>A senhora ensinou para alguém?</i> Ensinei, ensinei pra... a Leide, a Leide aprendeu. E muita gente veio aqui depois pra eu poder ensinar. Eu comecei a cortar toalha né?, que foi minha tia que ensinou, e eu comecei a fazer, ainda hoje eu faço. <i>A senhora ainda ensina?</i> Não. Porque hoje o pessoal num querem mais né?. | Transmissão geracional | 3 vezes | Saber popular (24 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como ensinei) | Bromélia | <i>A senhora ensinou para seus filhos?</i> Só tem a Vanderlúcia, ela faz tudo, ela já sabe fazer tudo sim. As outras num trabalha não. Mas a Lucinalda, ela só aprendeu mesmo a torcer. Já a Sâmia aqui (apontando para a filha adolescente que estava no cômodo próximo), ela num quer nada. Ela diz assim: “mãe eu num quero isso pra mim. Que a mãe sofre tanto sentada nesse chão, com dor nas costas”. Eu digo assim: “minha filha, mas é um processo que eu gosto, eu gosto de fazer e eu não pretendo parar”. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como ensinei) | Jequitibá | E dos filhos, só tenho homem. Só tem uma menina, que na época ela era muito criancinha. E mesmo agora, às vezes ela diz assim: “mãe me ensina isso aqui?”. Dia desse ela tava dizendo assim: “aprendi a botar, fazer o paletão né?. Aí eu disse assim: “tu só começou assim né?, por que você num fez?. Só começou”. Aí depois ela começou a adoecer. Aí pronto, agora num fez mais não. Mas assim, a vontade que ela tava né?, vendo eu fazer, se eu fosse ensinar ela ia aprender. Porque tudo parte da vontade que a pessoa tem. | Transmissão geracional | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como ensinei) | Jequitibá | <i>E a senhora ensinou para alguém?</i> Assim, eu dei num sei se foi um ou foi dois cursos. | Educação não formal | 2 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Saber popular (como ensinei) | Bromélia | <i>Elas (CEART) nunca vieram acompanhar esse trabalho?</i> Não. Às vezes vinham umas pessoas que ensina, que vem uns cursos, que elas ganham pra dar curso né?. Só que elas num entende muito de labirinto não. Num entende não, num adianta elas dizer, que elas num sabe. | Educação não formal | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------------|----------------------------|--------------|---|---|------------|--|
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Bromélia | Tem muita pouca gente que quer trabalhar nisso hoje. Porque até que a gente queria formar um grupo nas Porteiras de novo. E o grupo acabou por causa das ganâncias e essas coisas, aí acabou. Aí disseram que quando fosse no aposento da gente ia prejudicar. E ela [Jequitibá] tentou se afastar um pouco pra não dá problema, só que não deu problema nenhum. | Aposentadoria como artesão (ã) | 4 vezes | Organização comunitária (24 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Bromélia | <i>O artesão agora pode se aposentar como artesão?</i> Pode, eu acho que pode. Porque lá já tem tudo na Receita Federal, quem era labirinteira tudim. Aí a gente, ela [Jequitibá] tentou, ela queria tentar assim, fazer um grupo de novo pra gente trabalhar, mas aí muitas num quis, que sente dor nas costas, num sei o quê, que ganha pouco. | Aposentadoria como artesão (ã) e Formalização da profissão | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | E eles gostam mais desses lugares que tem associação, né?. Grupo de labirinteira, de artesã. Aí, tem todo aquele, como você bem sabe, dos trabalhos. Tem a que eles fazem a organização né?, tem secretária, tem num sei o quê. Tem tudo aquilo. E então as meninas aqui, quando a gente veio fazer aqui, que era pra ver. Como elas desistiram, que a gente fez com a Isabel, tudim. Montou tudo. Quando foi na hora elas desistiram, porque tinha que assinar uma folha, e essa folha tinha que ir pra lá (CEART), e quando elas fosse aposentar, porque vez em quando uma se aposenta, aí parece que tava, disseram pra elas que podia dar problema. Sei que elas desistiram por isso. | Aposentadoria como artesão (ã) e Grupo de artesã | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | Todas as trabalhadeira desistiram por isso. Porque elas se aposentaram como agricultora, aí se fizesse a carteirinha de artesã, aí quando puxam a folha num esconde nada. Aí tá lá né?. Aí pronto, aí da problema. Porque se você é agricultora e se você é artesã, tem a carteirinha de artesã, num pode. Aí então, isso aí, elas tudo desistiram por isso, maior parte delas. | Aposentadoria como artesão (ã) | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|-------------------------|--------------|--|--|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Bromélia | <i>Esse grupo era uma associação?</i> Era só um grupo de labirinteira, não formaram associação, foi só um grupo mesmo. Aí hoje, do grupo mesmo, que ainda permanece trabalhando só sou eu e a Jequitibá, que quando recebe as encomendas bota pras mulheres das Goiabeiras fazerem, paga pra elas fazerem. E outras duas mulheres lá nas Porteiras mesmo. | Grupo informal | 3 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | <i>A senhora tem uma relação com o CEART num é isso?</i> Tinha, na época tinha, porque era grupo de trabalho. Aí o grupo se desfez. Aí, eles gostam de trabalhar com associação, né?. Grupo assim, eles querem 20 pessoas num grupo, né?, que as pessoas possam trabalhar e gerar renda no seu próprio grupo. | Grupo informal | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | Porque pra formalizar o grupo tinha que fazer a carteirinha, porque num podia se trabalhar de outra forma não. Eu era uma coordenadora de artesanato, do grupo de pessoas né?. Então era assim, era tão bom, porque a gente era uma família junto. Uma vez ia pra casa duma, depois ia pra casa da outra. Acordava cedo, fazia peça, ia deixar e pegava o dinheiro e dividia. Cada qual, conforme o que você fizesse. Então era bom, mas só por causa disso. Aí houve um curso e elas disseram que não ia fazer carteirinha. E então, ninguém podia obrigar. Aí pronto, o grupo se desfez. | Grupo informal e Formalização da profissão | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | <i>Se houvesse um incentivo, um investimento, a senhora acha que as labirinteiras pegariam gosto?</i> Assim, um projeto? A única dificuldade que eu achei, que elas mesmo num quiseram, disseram mesmo, que não queriam. Então pronto, a gente não vai. Só vai trabalhar se for assim: você pega o trabalho e você dá pra gente, não em forma de grupo. | Políticas Públicas | 2 vezes | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|-------------------------|--------------|---|--------------------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | Poderia dar certo, se fosse só pra formar um grupo pra se reunir, mas pra formalizar não daria certo. Poderia criar, assim, um grupo, que fosse um grupo informal, porque se for pra formar um grupo tipo associação de artesão não dá certo. Tem que ser um grupo individual, aí a gente divide igual né? Cada um na sua casa. Aí a pessoa contata a pessoa, às vezes pede 20 guardanapos, pede pano pra bandejinha, coisa assim. Aí então, até o contato comigo, eu passo pra elas, aí eu dou, elas faz. Mas num é uma coisa vinculada a um grupo, associação, isso num é. | Políticas Públicas | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | Aí, todo artesanato do mundo vai pra lá né?, e aí ela (CEART) não quer acabar. E a mulher até me falou outro dia ali, tava me dizendo, como era de melhorar pra ver, assim, se os jovens queria né?. Só que num tinha condições é de os jovem se interessar pra fazer, assim, pra família mesmo, assim, porque ela vê esse jeito, que as pessoas não querem fazer essa carteirinha, por conta que as pessoas já tinham uma idade né?. Mas, de repente pros jovem né?, que é mais.. assim, elas pensa nisso aí, pra ver se isso num acaba né?.. se não houver um trabalho voltado pra isso, isso vai acabar. | Educação contextualizada | 2 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Organização comunitária | Jequitibá | E eu acho assim, como se, assim, um grupo que tiver pessoas jovens, que não tiverem nenhum outro trabalho né?. Agora, até escola num deixa né?, pra essa parte também. Educação integrada, que é o dia todo, aí num deixa também, né? Aí pronto, tirou... da criança, o quê?, de 13 ou 14 anos né?, ela vai e passa o dia lá. Porque, antigamente, as meninas ia pra escola e fazia [labirinto] no outro horário, mas agora num tem mais. Até eu tava dizendo pra ela [CEART]: "mulher, o pessoal agora, os aluno, vai pra escola de manhã, só chega de tardezinha, então eles vai querer?, num vai". E lá na escola né?, só no celular lá, aí pronto. Porque aí, enquanto ele tava lá no celular, podia tá uma hora fazendo alguma coisa né? | Educação contextualizada | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|---|------------------------------------|------------|--|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | <i>Quanto é que custa uma toalha do tamanho dessa que a senhora está fazendo aqui?(2,5mx2,5m)</i> Mulher, até a ultima vez que nós vendemos pra CEART pagaram só R\$ 500,00. Mas diz que a [toalha] de 3m eles só querem pagar R\$ 800,00. Eu digo: minha filha, num paga nem o trabalho. Só o metro de linho é R\$ 14,00. Da derradeira vez que ela [Jequitibá] levou uma pra CEART, eles só pagaram R\$ 800,00. Eu disse: olhe, se você ainda for na reunião ou alguma coisa por lá, você pode dizer que por esse preço não dá pra gente fazer, porque num dá, mulher!. | Desvalorização | vezes | Valor social e comercial da renda labirinto (24 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jaborandi | Mas fazer assim, pra vender, num faço mais não, porque não tem muita saída. Eu gosto de fazer sabe?, mas acho que nosso trabalho num é muito valorizado não. Sem contar que até pra se aposentar é difícil, porque acho que nem dá pra se aposentar como artesã. | Desvalorização | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | É muito difícil uma pessoa que saiba fazer, assim, dos pessoal mais jovem né?. E quem sabe nem quer mais, porque acha que é muito demorado e o dinheiro é muito pouco né?, pra tanto trabalho. | Desvalorização | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | <i>E hoje, o preço que eles pagam por esse artesanato, comparado com antigamente, tá sendo valorizado?</i> Assim, num tem assim um valor muito alto não, porque ele é difícil de vender. Então, você ter uma coisa que é difícil de você vender, então num tem como ele tá aumentando de preço, né?. A tendência é diminuir, baixar o preço pra diminuir. | Desvalorização | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | Aí muita gente vai, estuda, arranja um emprego, às vezes vai trabalhar em casa de família e ganha um dinheirinho a mais né?, aí vai se acabar. Porque aqui mesmo, essa parte aqui de cortar, num tem mais quem faça. Esse aqui (mostrando uma toalha), é aquela Jequitibá lá das Porteiras que manda fazer né?, aí ela mandou esse trabalhinho pra eu cortar. | Desvalorização e Extinção da renda | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|---|------------------------------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | Daquela época mudou muito... só que agora, agora o trabalho de labirinto, ele tá assim muito(...), ele num tem assim um(...), como é?, uma geração de renda que ele tinha né?, porque antigamente era muita renda, trabalho, mas hoje num tem mais. É assim, uma coisa que as pessoas deixaram de fazer. Umas falavam por conta da vista, que fica doente da vista, mas isso aí eu acho que num é não, porque isso daí, toda vida teve isso. Eu acho que, assim, que as pessoas é (...), tem outra, encontra outra oportunidade na vida e que num quer mais fazer ele, por conta né?, que ele ficou assim. Como era o valor lá em cima, então veio se acabando. Então, realmente agora, o labirinto, ele é, tá muito, muito pouco. Quase acabando. | Desvalorização e História da renda | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | Porque o que a gente tem que fazer pra CEART mesmo, tem que ir tudo pela metragem. Se passar um pouquinho a mais... (pausa). Porque agora, ela [Jequitibá] levou uns porta-xícaras de 11 cm e de 16 cm, e eles são bem pequenininhos. É trabalhoso. Aí, num bichinho desse <i>tamaíno</i> , pequenininho, ela só tava querendo pagar 6 reais pra gente fazer tudo da gente, com tudo da gente. E aí o que é que aconteceu?, eu disse: “bote um pouquinho a mais, porque tem linho que encolhe tanto que a gente só falta cortar os dedos pra esticar”. E aí chegou lá, elas acharam maior. Aí num queria, porque tava maior. Foi 36 de cada. Aí eu disse: “eu não vou perder”. Aí, assim mesmo, a Jequitibá conversou com a mulher lá (referindo-se a pessoa da CEART) e aí ela disse: “é, eu vou deixar, mas quando a mulher (cliente) chegar, que eu vou conversar com ela, pra saber se vai comprar”. Aí, 66 peças de trabalho que eu tenho lá, se num entrar eu vou ficar com o prejuízo. Aí ficou lá. Aí eu não sei se entrou esse trabalho. Aí a gente faz tudo, compra tudo, ajeita tudo aí diz assim: “eu vou esperar aquele dinheirinho, e ainda botam banca”. | Desvalorização e Comercialização | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|--|-----------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | <i>Por que algumas mulheres ainda fazem? A Jequitibá faz porque encontrou na Fortaleza uma conhecida dela que ajuda. Ela pede, assim, uma encomenda né?, de tantas peças, de tantos metros, de blusa, caminho de mesa, de toalha. Então ela faz essas encomendas e ela se prontifica de mandar fazer.</i> | Comercialização | 5 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | <i>Você ainda pega encomendas? Às vezes quando eu tenho contato com as meninas (CEART) né?, com as meninas que era das atividades, aí ela diz: “Jequitibá, tu tem alguma coisa?”. Aí, se uma das minhas amigas aqui tiver, aí eu vou lá, pego, aí pergunto, aí vendo pra essa pessoa né?. Aí, assim, às vezes eu faço uma coisa simples. Desde o início, que eu comecei, ainda eu acho que eu vou ficar fazendo coisa simples.</i> | Comercialização | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | <i>E como era a venda? Ah minha filha, naquele tempo a gente fazia pra aquelas pessoas que tinha mais condição né?. Mandava fazer também a senhora já falecida, a finada Raimunda do Zequinha, é..., o Zé Miguel, um rapaz lá do outro lado, lá do Canoé. Ele era lá do Pirangi. [Eu] trabalhava pra ele. O tio Toinho Carneiro, ele fez. Mandou fazer muito. Todo esse pessoal assim mais antigo, que tinha mais condição né?. Adalto Rocha também fez muito trabalho, tinha muito trabalho. Porque, por aqui mesmo era as pessoas que tinha mais trabalho. A gente trabalhou muito, assim, pra esse pessoal. Aí como veio as encomendas da CEART, aí começou o grupo. Aí passou oito anos, ou mais de oito anos. Aí começou a desunião. Aí foi acabando.</i> | Comercialização | | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|--|---|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | Aí esse aqui, eu num tava com encomenda. Aí eu tava fazendo tudo, todo o processo desse né? (referindo-se a um trabalho exposto na grade). Mas aí, foi o tempo que apareceu uma encomenda, aí eu tirei da grade e fui fazer a encomenda. Aí depois guardei. Aí agora, como não tem encomenda, aí eu tô continuando. Porque essa toalha aqui foi uma senhora que me encomendou, pra fazer pro aniversário de 70 anos dela. E aí ela disse que queria que eu fizesse essa toalha pra ela botar na mesa dela. Aí um dia desse ela apareceu aqui, aí eu perguntei a ela: “mulher, você ainda vai querer?. Aí ela disse: “vou, eu vou querer a toalha. Você faça que eu vou querer. Aí eu tô fazendo. | Comercialização | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | “Ah, quando tu se aposentar deixa esses trabalhos de mão”. Aí eu digo: “não, eu vou trabalhar até quando eu não puder mais, porque eu adoro o meu trabalho”. Terminou de fazer minhas coisas, eu tô na minha grade. | Amor pela arte e Resistência | 3 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | A <i>senhora ainda faz?</i> Faço, eu faço, assim, porque ninguém nunca perde o jeito de fazer, mas com grupo de encomenda, como fazia naquele tempo, num tem não. | Amor pela arte e Resistência | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | E eu gosto do meu trabalho. É... apesar... (leve pausa). Eu só sinto dor na coluna. Eu digo que é né?, num sei, mas eu continuo o meu trabalho. Se eu num trabalho... (nova pausa). Porque é uma coisa que eu tô ocupando a minha mente. | Amor pela arte e Resistência | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | Depois que foi ficar assim, mais difícil assim de vender. Porque caiu muito, apareceu outros modelos de trabalho. Aí, os pessoal deixaram mais de vir comprar, porque achavam muito caro. Eles achavam que o outro (referindo-se a outras peças encontradas no mercado) era mais barato né?. Aí, é tanto que a gente deixou mais de fazer. Eu até nem faço mais nada. Só quando uma pessoa vem pedir pra mim cortar aqui, que eu corto né?, mas no certo é que eu num faço mais, porque num tem onde vender. | Industrialização (outras opções no mercado) | 3 vezes | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|---|--|---------------------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | E tem outros trabalhos no mercado que imitam a renda. Muito mais fácil, mais bonito, bordado né?. Aqueles ponto cruz, outros tipo de bordado. Poucas pessoas assim, elas fala assim, que a venda desse trabalho, aqui mesmo no Ceará, num vende. Vende pra fora, tem que vender pra fora, e é muito difícil. No mercado, pra vender labirinto, é muito difícil. | Industrializaçã o (outras opções no mercado) | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | Tem tanta toalha bonita que é muito mais barata, mas é uma máquina que faz, num é a gente passar dias e dias sentada no chão pra fazer tudo isso na mão né?. <i>Quanto tempo, em média, se gasta pra fazer uma toalha dessa?</i> Se for trabalhar mesmo, direto, pra quem trabalha ligeiro, é mais ou menos 4 meses, pra fazer tudo. Se trabalhar ligeiro! Mas tem gente que passa muito tempo. Eu faço até menos de 4 meses. Eu faço. Uma toalha de 3 metros, eu apronto. Já veio encomenda pra eu aprontar em três meses. Já foi aprontada, mas é muito trabalho só nisso, nada de coisa de casa. Às vezes perde ate o sono de noite com preocupação com a peça. Por isso que agora, quando elas (CEART) estão encomendando, a gente pede um prazo maior, porque não tem condições da gente fazer no prazo de pressa. | Industrializa- ção e Produção da renda | Produção da renda (1 vez) | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jaborandi | Eu vivi entre a agricultura e o labirinto. Aí, depois que eu me aposentei como agricultora eu fiquei só no labirinto. | Pluriatividade da agricultura familiar | 2 vezes | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jaborandi | <i>Por que o labirinto é importante?</i> O labirinto é muito importante porque, pra nós, quando nós não tinha emprego, esse trabalho foi de grande ajuda. Por exemplo, eu que tinha esposo agricultor, era complicado, porque na agricultura, às vezes, a gente tem muita perda e aí o artesanato ajudava nas despesas da casa. O labirinto, além de ser bom de fazer, já era um dinheiro a mais né?. | Pluriatividade da agricultura familiar | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Murici | Aí quando eu fiquei mais moça, eu comecei a fazer isso como trabalho, pra ajudar no sustento. | Complementa- ção da renda familiar | 2 vezes | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|---|--------------|--|----------------------------------|------------|-----------|
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Bromélia | <i>O labirinto, ele complementa a sua renda ou é a sua principal fonte de renda?</i> Era. Antes de eu me aposentar, era a principal. Eu me aposentei como agricultora, mas antes... <i>que tipo de agricultura a senhora produzia?</i> Era roça, assim, mandioca, milho, feijão, essas coisas que a gente plantava. Mas o custo mesmo, o que me ajudava mais, era isso aqui, era o labirinto. | Complementação da renda familiar | | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | Porque o labirinto é uma peça muito cara e muito custosa (demorada) de fazer. E é muito cara, e o pessoal, como ela é cara, as pessoas num tem mais facilidade pra comprar né. Porque a gente vendia, assim, as pessoas compravam e revendiam em Fortaleza. Mas como apareceu outros trabalhos mais bonitos e mais baratos, bordados e até essas peças de labirinto que é de plástico né?. Aí, tem uns que é de labirinto. É do mesmo jeito do labirinto só que é de plástico, né?. Então, é bonito também. Aí o pessoal compra mais né?, porque o labirinto se torna uma peça muito cara. Aí é muito custoso pra fazer, aí as pessoas num tem mais aquela influência (motivação) pra fazer, num tem mais vontade de aprender. | Valor comercial | 1 vez | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Camélia | Aí todo mundo se admirava: “como é que elas fazem? Quem passava no caminho, porque nós aproveitava a sombra de manhã né? ou então de tardezinha da frente da casa pra se sentar e trabalhar né?, aí quem passava, parava pra ver né?. Porque num acreditava que a gente sabia fazer, porque tão pequena a gente era. | Valor social | 1 vez | |
| Artesanato Renda Labirinto | Valor social e comercial da renda labirinto | Jequitibá | E aí, até que naquela época veio uns cursos por aí. Consegui uns cursos com as meninas e aí deu certo. Mas, agora mesmo, muitas vezes que eu encontro com as meninas eu digo: “tá muito difícil. Se não houver, assim, nos governos, a coisa que incentivava as pessoas né?, de outra maneira mesmo, dentro né?, da geração de renda do labirinto, vai acabar mesmo. Você pode ver na internet, são muita pouca coisa de labirinto que a gente vê. É mais é bordado, é de outro tipo de coisa. | Falta de investimento | 1 vez | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------|--------------------|--------------|---|-------------------------|------------|------------------------------|
| Artesanato Renda Labirinto | Relações de gênero | Bromélia | <i>O seu esposo era agricultor também?</i> Era, só que a gente separou-se. A gente é separado há 22 anos já. <i>A senhora foi quem assumiu a casa?</i> Fui eu que assumi. A gente separou e ele foi viver a vida dele e nunca me ajudou em nada. Também nunca fiz conta de nada. Eu disse, quando eu me separei, eu sofri muito né?. | Mulher chefe de família | 1 vez | Relações de gênero (3 vezes) |
| Artesanato Renda Labirinto | Relações de gênero | Bromélia | Eu perdi meu pai com 12 anos, e aí eu me casei com 15, pensando que a minha vida ia melhorar. Piorou. Porque eu era humilhada, eu sofri muito na vida. Mas eu, assim mesmo, com todo sofrimento, de apanhar, de espancada, ainda vive 22 anos, aguentei 22 anos. Mas aí um dia, chegou uma época que eu num aguentei mais, principalmente, quando ele sofreu um acidente. Ele passou 6 meses sem andar e eu foi que cuidei. Puxava cadeira de roda, levava pro hospital. Aí, quando chegou um dia, ele já tava melhor. Ele gastava com bebida e ganhava as farras da vida dele. Aí chegava em casa queria comida, que eu desse comida, sem eu ter, aí sempre ele me batia. Aí nesse dia, eu meio doente, e ele puxando duma perna ainda, mas partiu pra agressão, aí me espancou. Aí ele jogou as minhas coisas, eu num tinha nada, mas o que tinha ele jogou fora da casa. Eu sei que separamos e eu dei graças a Deus, porque antes que eu perdesse a minha vida eu preferia pedir esmola pra comer. Passei de toda noite e todo dia, ele jurava de me matar. Ele chegou a botar faca no meu pescoço e minha filha assistindo tudo, ela tinha 15 anos. E a gente já vivia separado, mas ele não queria sair de casa porque num queria me dar os trocados, que ele dizia que eu num tinha direito a nada. Eu me divorciei, mas no casamento com o padre (religioso) você sabe que é pro resto da vida né?. | Violência doméstica | 1 vez | |

| TEMÁTICA | PRÉ-CATEGORIA | PARTICIPANTE | FALAS | IDEIAS CENTRAIS | FREQUÊNCIA | CATEGORIA |
|----------------------------------|------------------------------|--------------|---|----------------------------|------------|--|
| Artesanato Renda Labirinto | Relações de gênero | Bromélia | <i>E é trabalho só de mulher? Só. Antigamente os homi fazia, mas agora... Fazia? Fazia, pessoal de antigamente tudo fazia, muita gente, até meu irmão que faleceu, num tá com 3 meses, ele cansou de fazer. Porque a gente era de uma família muito pobre e pra ele comprar uma coisinha, tinha que fazer.</i> | Divisão sexual do trabalho | 1 vez | |
| Artesanato Renda Labirinto | Educação formal e não formal | Bromélia | Eu passei muita coisa, muita necessidade, porque toda a minha vida foi pobre. Eu disse, se eu fosse uma pessoa que soubesse muito ler(...), que era o meu sonho, era saber ler e ser costureira. Não era tanto o labirinto. Mas só que eu não tive essa oportunidade, porque eu nem estudar pude. Porque a minha mãe não podia comprar os livros. Morava no Córrego do Sal, não tinha como comprar um livro, uma farda, uma coisinha, não tinha. Aí eu, no segundo ano, deixei de estudar. Mas apesar de pouco, mas eu ainda sei ler. Mas era muito difícil, era difícil até pra comprar um lápis. A gente partia no meio, era um pedaço pra um e outro pra outro. Foi muito difícil, muito. | Educação formal | 1 vez | Educação formal e não formal (2 vezes) |
| | Educação formal e não formal | Jequitibá | A gente até estudou, assim, quantos dias você passa, você cortava, você desfiava, toda essa parte, estudou tudo. E a gente já sabe, pra calcular o custo, a gente já sabe tudim, quantas horas, quantos dias. Então em cima disso aí, depois que a gente fez, a gente calculou o valor da peça né?, dessa peça, em quanto tempo faz. E aí, se você ver o valor da peça, fica lá em cima né?. E o valor dela não pode ser vendida pelo valor, aí então, de repente, você tem um comércio, você que sabe que você vende por um tanto, mas você sabe que pode ser vendido pelo preço X, aí, de repente, aí você não pode vender por aquele preço né?. Então, você tá fazendo o que?: você tá perdendo. Aí, muita gente num quer investir nessa arte. | Educação não formal | 1 vez | |